

**FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

LUCINÉIA MARIA CONFALONIERI BERTOLDI

**O BÁLSAMO DOS CONSELHEIRISTAS – UMA ANÁLISE DO  
ELEMENTO RELIGIOSO NA HISTÓRIA DE BELO MONTE**

VITÓRIA  
2015

LUCINÉIA MARIA CONFALONIERI BERTOLDI

**O BÁLSAMO DOS CONSELHEIRISTAS – UMA ANÁLISE DO  
ELEMENTO RELIGIOSO NA HISTÓRIA DE BELO MONTE**

Dissertação para obtenção do grau de Mestre  
em Ciências das Religiões no Programa de  
Mestrado Profissional em Ciências das Religiões  
da Faculdade Unida de Vitória.  
Área de Concentração: Análise do Discurso

Orientador: Prof. Dr. José Adriano Filho

VITÓRIA  
2015

Bertoldi, Lucinéia Maria Confalonieri

O bálsamo dos conselheristas / Uma análise do elemento religioso na história de Belo Monte / Lucinéia Maria Confalonieri Bertoldi. – Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2015. ix, 115 f. ; 31 cm.

Orientador: José Adriano Filho

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2015.

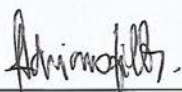
Referências bibliográficas: f. 106-115

1. Ciências das religiões. 2. Discurso religioso. 3. Belo Monte. 4. Catolicismo. 5. Rituais católicos. 6. Textos bíblicos. 7. Manuscritos de Antônio Conselheiro. - Tese. I. Lucinéia Maria Confalonieri Bertoldi. II. Faculdade Unida de Vitória, 2014. III. Título.

LUCINÉIA MARIA CONFALONIERI BERTOLDI

O BÁLSAMO DOS CONSELHEIRISTAS – UMA ANÁLISE DO ELEMENTO  
RELIGIOSO NA HISTÓRIA DE BELO MONTE

Dissertação para obtenção do grau de  
Mestre em Ciências das Religiões no  
Programa de Mestrado Profissional em  
Ciências das Religiões da Faculdade Unida  
de Vitória.



Doutor José Adriano Filho – UNIDA (presidente)



Drnd. Francisco de Assis Souza dos Santos – UNIDA



Doutor Sergio Luiz Marlow – UFES

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA - Credenciamento Portaria MEC 3.914 de 14/11/05 – D. O. U. 16/11/05

Rua Engenheiro Fábio Ruschi, n° 161- Bento Ferreira – Vitória/ES – CEP: 29.050-670  
Tele fax: (27) 3325-2071

## **Agradecimentos**

Ao Senhor, minha força e luz em todos os momentos.

Ao meu querido esposo Valtinho, companheiro de todas as horas, e meu acompanhante à viagem a Canudos para conhecer de perto o palco desta história.

Aos meus amados filhos: Laiani, Lucas e Gabriel, por serem bênçãos em minha vida, pelo amor incondicional e estímulo para seguir sempre em frente na busca do conhecimento.

A minha amiga e comadre Joelita, por estar sempre presente e pelo apoio irrestrito.

A todos os meus parentes, pelo entendimento de minhas ausências nos encontros familiares.

Aos colegas e amigos de profissão e trabalho, pelo carinho e compreensão na luta contínua de nossa caminhada.

Ao diretor Mauro, pelo apoio e compreensão nos momentos de minha ausência a fim de participar das aulas deste curso.

Ao meu dedicado e ilustre orientador Prof. Dr. José Adriano, responsável pelo fornecimento de grande parte do material utilizado neste estudo e por ter partilhado comigo as valiosas contribuições do pesquisador e professor Pedro Lima Vasconcellos.

E aos demais mestres da Faculdade Unida, pelo comprometimento e partilha na construção do saber.

A todos que de uma forma e de outra tornaram possível a realização deste estudo, meu muito obrigada.

*Eu sou o Alfa e o Ômega, o Começo e o Fim.  
A quem tem sede eu darei gratuitamente  
de beber da fonte da água viva.*

*(Ap. 21,6)*

## RESUMO

A presente dissertação traz uma discussão acerca do elemento religioso na vida de Antônio Conselheiro e dos moradores de Belo Monte. A dissertação parte do catolicismo popular e oficial no nordeste no final do século XIX, perpassando pelos ritos e rituais católicos a fim de se compreender a religiosidade daqueles que abandonaram suas vidas para seguir Antônio Conselheiro. Pretende-se demonstrar os ensinamentos religiosos do líder dos belomontenses e sua missão evangelizadora em prol da salvação. Aborda-se ainda o relacionamento entre Conselheiro e as autoridades políticas e religiosas, assim como a análise dos textos utilizados pelo peregrino. O intuito de desvendar a força motriz que sustentou o povo conselheirista na brutal campanha militar até o total aniquilamento de inúmeras pessoas inocentes é a real tônica deste estudo que envolve essa comovente história.

**Palavras-chave:** Belo Monte, Catolicismo, Rituais Católicos, Textos bíblicos, Manuscritos de Antônio Conselheiro.

## ABSTRACT

This dissertation presents the religious elements of Antonio Conselheiro's life and residents of Belo Monte. Based on popular and official Catholicism in Northeast Brazil in the late XIX Century, it presents the rites and Catholic rituals in order to understand the religiosity of those people who followed Antonio Conselheiro. It points out the religious teaching of the leader of the belomentenses and his evangelizing mission for the salvation of their lives. It also discusses both the relationship between Antonio Conselheiro and religious and political authorities and the texts used by Antonio Conselheiro in his teachings. In this way, this study aims unveiling the driving force that supported the followers of Antonio Conselheiro in that military campaign until the total annihilation of countless innocent people involved in this touching history.

**Keywords:** Belo Monte, Catholicism, Catholic rituals, Biblical texts, manuscripts of Antonio Conselheiro.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1. INFLUÊNCIAS DO CATOLISMO EM ANTONIO CONSELHEIRO E EM BELO MONTE.....</b>	<b>13</b>
1.1 A RELIGIOSIDADE POPULAR NO NORDESTE BRASILEIRO NO FINAL DO SÉCULO XIX.....	13
1.1.1 O Catolicismo Popular.....	15
1.1.2 O Catolicismo Oficial.....	19
1.2 RITOS E RITUAIS CATÓLICOS.....	21
1.2.1 Devoção aos Santos.....	22
1.2.2 A Missa.....	24
1.2.3 A Confissão.....	26
1.2.4 A Cruz.....	27
1.2.5 A Prática das Orações.....	29
1.2.6 Cerimônia do Beijo às Imagens.....	31
1.2.7 Vida de Penitência e Jejum.....	33
1.2.8 Os Sacramentos.....	37
1.2.9 As Festividades em Belo Monte.....	42
1.3 A TRINDADE SANTA.....	45
1.4 MISSÃO ABREVIADA: O LIVRO DO PEREGRINO.....	48
<b>2. O RELACIONAMENTO ENTRE ANTÔNIO CONSELHEIRO E AS AUTORIDADES RELIGIOSAS E POLÍTICAS.....</b>	<b>52</b>
2.1 BREVE HISTÓRICO DO PEREGRINO ANTÔNIO CONSELHEIRO.....	52
2.2 O POSICIONAMENTO DAS AUTORIDADES RELIGIOSAS.....	55
2.3 AS AÇÕES QUE DERAM ORIGEM À CAMPANHA DE BELO MONTE	62
2.4 BELO MONTE: FANATISMO, MESSIANISMO, SEBASTIANISMO, MILENARISMO OU APOCALÍPTICO?.....	68
2.5 A IGREJA DOS CONSELHEIRISTAS.....	74

<b>3. FUNDAMENTOS DO AGIR DE ANTÔNIO CONSELHEIRO.....</b>	<b>78</b>
3.1 A MISSÃO DOS CAPUCHINHOS.....	78
3.2. O PRIMEIRO MANUSCRITO, CADERNO DE 1895: APONTAMENTOS DOS PRECEITOS DA DIVINA LEI DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO – PARA A SALVAÇÃO DOS HOMENS.....	82
3.3 O SEGUNDO MANUSCRITO: TEMPESTADES QUE SE LEVANTAM NO CORAÇÃO DE MARIA POR OCASIÃO DO MISTÉRIO DA ANUNCIAÇÃO.....	84
3.3.1 Primeira parte - As Dores de Maria.....	86
3.3.2 Segunda parte: Os Dez Mandamentos da Lei de Deus.....	88
3.3.3 Terceira parte – Textos Extraídos da Sagrada Escritura.....	92
3.3.4 Quarta parte – Prédicas de Circunstâncias e Discurso.....	94
3.4 A FORÇA DO DISCURSO DE ANTÔNIO CONSELHEIRO.....	99
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>103</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>106</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>116</b>
ANEXO: A - FOTOS DE FLÁVIO DE BARROS.....	117
ANEXO: B - REGISTRO DA VISITA À TERRA DOS CONSELHEIRISTAS – BELO MONTE .....	119

## INTRODUÇÃO

Que vínculo é esse, repito,  
que prende tão fortemente os fanáticos ao Conselheiro?<sup>1</sup>

Meu interesse por Belo Monte (Canudos) surgiu assim que iniciei minha primeira leitura da obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Fascinada, decidi conhecer a história do homem que conseguiu seduzir tanta gente a ponto de fazê-los abandonar sua terra, seus parentes e segui-lo em suas andanças pelo sertão. Por isso, este estudo trata-se de uma investigação do elemento religioso na formação do séquito de Antônio Conselheiro e na luta dos ideais mantidos mesmo diante da morte. Ciente de que o caminho aqui traçado é apenas o início de uma longa caminhada.

Infelizmente, passados mais de um século da famosa frase dita por Euclides da Cunha, “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”<sup>2</sup> ainda vivenciamos o mesmo cenário caótico da vida sofrida do povo do sertão nordestino. A seca continua presente naquele solo esturricado e cheio de pedregulhos. Não é difícil imaginar como Antônio Conselheiro conseguiu tantos seguidores esperançosos de uma vida melhor se, ainda hoje, vemos pelo sertão afora terras abandonadas e esqueletos de animais mortos.

Mas, que tipo de ligação havia entre Antônio Conselheiro e as pessoas que resolviam largar tudo (mesmo que na maioria das vezes este *tudo* era nada) para peregrinar ao seu lado? Antônio Conselheiro seria um exemplo típico de fanatismo antirrepublicano e/ou líder religioso? Como era a relação entre o beato e a Igreja Católica? Quais preceitos do catolicismo eram seguidos por Conselheiro em Belo Monte? Como a Igreja e a República reagiram a partir do rápido crescimento do arraial conselheirista?

Frente às inquietações, este estudo tem como intuito principal investigar o trabalho leigo desenvolvido por Antônio Conselheiro e a formação do enorme séquito em torno do beato. Trabalhamos com as seguintes hipóteses: 1) o aspecto

---

<sup>1</sup> ASSIS, Machado de, 1946 *apud* VASCONCELLOS, Pedro Lima. *Terra das promessas, Jerusalém maldita: memórias bíblicas sobre Belo Monte (Canudos)*. (Tese de Doutor em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004, p. 119.

<sup>2</sup> CUNHA, Euclides. *Os sertões: campanha de Canudos*. Edição, prefácio, cronologia, notas e índices de Leopoldo M. Bernucci. 4 ed. rev. e ampl. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. (Clássicos comentados I), p.207.

religioso foi fator relevante para o surgimento da comunidade de Belo Monte, visto o desejo de salvação e libertação do povo, sofrido e escravizado; 2) a guerra de Belo Monte foi uma luta do povo nordestino sertanejo movido pela necessidade de sobrevivência diante das agruras da seca; 3) o movimento não passou de uma comuna mística liderada por um fanático religioso contra a República, a separação entre Igreja e Estado, o casamento civil e a cobrança de impostos.

Acreditamos que um olhar mais atento para a questão dos símbolos e rituais que permeiam o acontecimento poderá nos levar às mensagens de teor teológico presentes na história dos belomontenses.

Para a burguesia agrária, como para os bispos e clérigos, a luta contra o Catolicismo Popular apresentava-se como uma luta contra a ignorância, o fanatismo, as superstições, as crenças atrasadas, as práticas imorais. O combate aparecia, portanto, como uma missão educativa a ser desempenhada pelo aparelho religioso, para elevar o nível cultural e religioso das grandes massas populares.<sup>3</sup>

A bibliografia acadêmica sobre os fatos ocorridos em Belo Monte e as suas consequências é vasta. No entanto, muitos questionamentos ainda persistem e necessitam de uma interpretação, um deles é o aspecto religioso. Uma das dificuldades encontradas para a realização de tais estudos deve-se ao fato de que se trata de um lugar já extinto e cujas análises realizadas na época carecem de esclarecimentos mais específicos e detalhados, apesar de terem sido de suma relevância, como a obra prima de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, ponto de partida para nossas inquietações. Mas, é importante frisar que com o passar dos anos e do crescente interesse dos pesquisadores de áreas diversas sobre o que se passou no arraial, podemos contar com um acervo considerável e significativo. Daí o procedimento metodológico adotado nesta pesquisa – o estudo bibliográfico. A fonte ímpar para o diálogo traçado foram os textos bíblicos e a tese de doutorado em Ciências Sociais, de Pedro Lima Vasconcellos - *Terra das promessas, Jerusalém maldita: Memórias bíblicas sobre Belo Monte* (Canudos).

Fizemos proveito das contribuições de pesquisadores renomados no assunto como Ataliba Nogueira, José Calasans, Alexandre Otten e outros.

A parte inicial do trabalho trata-se de uma discussão da religiosidade popular no cenário sertanejo nordestino, além das influências do catolicismo oficial e

---

<sup>3</sup> OLIVEIRA, Pedro de Assis Ribeiro de. *Religião e Dominação de Classe: o caso da Romanização*. Centro de Estatísticas Religiosas e Investigações Sociais, Rio de Janeiro, 1980, p. 181.

popular. Essa reflexão favorecerá, posteriormente, o entendimento dos fundamentos teológicos adotados por Antônio Conselheiro na condução de seu séquito. Abordamos as referências antropológicas da prática dos ritos e rituais católicos que fizeram parte da religiosidade do povo sertanejo, buscando marcas de identidade própria. Nas palavras de Otten, no bojo dos acontecimentos de Belo Monte está “a Palavra de Deus que desemboca em promessa e legitimação de luta por um novo céu e uma nova terra.”<sup>4</sup> Tratamos ainda do livro que serviu de fonte para a produção das prédicas de Antônio Conselheiro: *Missão Abreviada*.

No segundo capítulo a proposta está voltada para uma leitura crítica do relacionamento entre Antônio Conselheiro e as autoridades religiosas e políticas desde a formação do arraial até a sua destruição, analisando os posicionamentos e ações dos envolvidos. Tratamos ainda do estilo adotado pelo líder dos conselheiristas e a vivência no arraial.

No terceiro capítulo trazemos à tona a missão dos capuchinhos e a reação do povo conselheirista frente à visita oficial dos representantes da Igreja. Apresentamos os manuscritos de Conselheiro e a força de suas palavras pautadas pela imitação do exemplo de vida do Bom Jesus.

É importante destacar que o objetivo deste trabalho não é sobrepor o aspecto religioso em detrimento dos demais aspectos que envolvem a história de Belo Monte, mas demonstrar que “a vida de Antônio Conselheiro, sua pregação e atuação são uma resposta à situação de profunda miséria em que jazia a população sertaneja. A crise do homem portava consigo a crise de Deus.”<sup>5</sup> Daí a relevância de reconhecer a fé como o bálsamo dos conselheiristas.

Esperamos que esta discussão proporcione aos interessados no tema uma releitura do acontecido, disponibilizando a comunidade acadêmica um olhar da experiência religiosa vivenciada em Belo Monte.

---

<sup>4</sup> OTTEN, Alexandre. *Só Deus é grande: a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 87.

<sup>5</sup> OTTEN, 1990, p. 363.

## 1. INFLUÊNCIAS DO CATOLISMO EM ANTONIO CONSELHEIRO E EM BELO MONTE

Do céu veio uma luz  
Que Jesus Cristo mandou.  
Santo Antônio Aparecido  
Dos castigos nos livrou!  
Quem ouvir e não aprender  
Quem souber e não ensinar  
No dia de Juízo  
A sua alma penará!<sup>6</sup>

### 1.1 A RELIGIOSIDADE POPULAR NO NORDESTE BRASILEIRO NO FINAL DO SÉCULO XIX

De modo geral, historiadores, filósofos, sociólogos, antropólogos, geógrafos e demais cientistas que analisam o fenômeno religioso reconhecem sua importância na vida dos grupos humanos e o consideram como um sistema comum de crenças e práticas voltadas a entes superiores, sobre-humanos. Além do que, acreditam que os fatos envolvendo o aspecto religioso devem ser discutidos a partir dos usos e conceitos dos termos, ou seja, não somente em um determinado contexto histórico, geográfico, econômico, cultural, mas, sobretudo, suas crenças, mitos, ritos, atitudes teológicas e outros.

Nesse sentido, cada sociedade interage com o fenômeno religioso de uma forma específica. O mistério, o transcendental, a simbologia e os dogmas são originários na cultura humana. Interpretá-los não é uma tarefa apenas para uma única ciência. A religião está presente na vida do homem desde seus primórdios, daí a complexidade que envolve o aspecto religioso e sua tarefa multidisciplinar.

Para entendermos a religiosidade popular é importante considerar o desenvolvimento de formas distintas da expressão do fenômeno religioso nas diferentes regiões do país. São manifestações expressas através de inúmeras formas de perceber o elemento sagrado, tais como as peregrinações, as festas patronais, as novenas, os rosários e via sacras, as procissões e romarias, as danças e os cânticos do folclore religioso, a devoção ao espírito santo, aos santos e santas, em especial a Nossa Senhora, as promessas, as ofertas, as orações e celebrações etc. É a crença de que há um poder divino, criador de todos os seres e que ele é a

---

<sup>6</sup> ROMERO, 1879 *apud* CUNHA, 2009, p. 305.

luz, o caminho e a resposta a todas as incertezas da humanidade sobre os problemas existenciais.

Quanto ao surgimento da religiosidade popular no Brasil sabe-se que sua existência advém antes mesmo da época do descobrimento do nosso país. De acordo com a história dos primeiros conquistadores, o choque cultural entre os portugueses e os indígenas foi imediato. Os índios não conheciam os objetos usados pelos recém-chegados, como por exemplo, “as contas do rosário”. Estranharam também a cruz e o altar improvisados pelos europeus para a realização da Primeira Missa no Brasil. Os rituais espirituais eram totalmente desconhecidos pelos nativos. Tal fato fez com que os portugueses acreditassem que era preciso “salvá-los”, tirá-los da vida “selvagem” através da evangelização na fé católica, desconsiderando a possibilidade dos indígenas cultuarem o sagrado de maneira peculiar. Assim, desde o descobrimento houve de certo modo a imposição dos rituais pela Igreja Católica Apostólica Romana. Conseqüentemente, a realização do ritual religioso da missa tornou o local recém-descoberto sagrado ao nomeá-lo de “Terra de Santa Cruz”.

Nesse contexto, em linhas gerais pode-se dizer que a religiosidade popular no Brasil tem origem no entrelaçamento das manifestações do sagrado entre portugueses e indígenas. Apesar de a priori os colonizadores acreditarem que os gentios não tinham religião, tal fato não se comprovou. Mas, compreender a religiosidade popular não é simples, basta lembrar sua diversidade e amplitude de manifestações: rituais, gestos, milagres, novenas, romarias, penitências, objetos e locais sagrados, jejuns etc.

Nas palavras de Macedo e Maestri,

A religião cabocla, resultante de um profundo sincretismo, congregava em si elementos do *catolicismo popular português*, com crenças e rituais nativos e de origem africana. A exteriorização da crença mesclava aspectos do culto católico – preces, romarias e penitências – com ritos, cerimônias, talismãs e amuletos pertencentes ao universo mágico-religioso das tradições indígenas e africanas.<sup>7</sup>

Assim, reconhecer a religiosidade de um povo, de uma cultura, é uma oportunidade de aproximação com o outro, o que José Carlos Calasans pontua como um contributo da Ciência das Religiões para a interpretação do fenômeno

---

<sup>7</sup> MACEDO, José Rivair; MAESTRI, Mário. *Belo Monte: uma história de guerra de Canudos*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011, p.80. (grifo nosso)

religioso, e que “é tão importante como a paz social. Promovê-lo é, ao mesmo tempo, ajudar a construir uma diplomacia de paz entre os povos”<sup>8</sup>.

### 1.1.1 O Catolicismo Popular

O sertanejo nordestino vive imerso  
num mundo referencial bíblico e cristão,  
reconhece os símbolos, sabe interpretar as figuras.  
É herdeiro de uma longa e bonita tradição teológica,  
sendo ele mesmo teólogo.<sup>9</sup>

O catolicismo popular no Brasil é marcado pela chegada dos portugueses. Sociologicamente, o catolicismo popular pode ser definido como um conjunto de práticas religiosas nascidas da interação com o catolicismo oficial romanizado e as crenças populares acerca do sagrado. Nas palavras de Eduardo Hoornaert, o catolicismo do povo brasileiro, desde sua origem, funcionou “fora do figurino”. É um catolicismo totalmente diferente do propagado no Vaticano. E chama nossa atenção para três atitudes divergentes:

[...] uns negam simplesmente a existência de um Catolicismo Popular distinto do catolicismo estabelecido ou patriarcal: no Brasil só há um [*sic*] catolicismo que constitui o “cimento da unidade nacional”. Outros aceitam o Catolicismo Popular mas lhe negam toda originalidade e todo valor: o catolicismo vivido pelo povo é simplesmente a interiorização dos temas apresentados pela religião dominante. A nossa posição é a seguinte: existe um Catolicismo Popular distinto do catolicismo patriarcal. O povo tem uma cultura própria e podemos mesmo afirmar que o Catolicismo Popular constitui a cultura mais original e mais rica que o Brasil já produziu [...] <sup>10</sup>

Historicamente, até fins do século XIX, as práticas religiosas aconteciam no seio familiar ou pessoal. Cada família designava um canto de sua casa para servir de oratório. Foram os portugueses que trouxeram para o Brasil o costume de realizar celebrações, confissões, sacramentos, novenas, romarias, festa do padroeiro. A partir daí deu início a uma nova forma de expressar a fé. Em boa parte do país as festas de Coração de Nossa Senhora, as festas e procissões do padroeiro foram aos poucos substituindo as Folias de Reis e do Divino, Procissão

<sup>8</sup> CALASANS, José. *A Ciência das Religiões no espaço português*. Texto Publicado em 30/08/2007. Disponível em: <<http://religare.blogs.sapo.pt/8162.html>>. Acesso em: 18 de fev. de 2015

<sup>9</sup> HOORNAERT, Eduardo. *Os anjos de Canudos: uma revisão histórica*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1997, p.63.

<sup>10</sup> HOORNAERT, Eduardo. *Formação do catolicismo brasileiro: 1550-1800*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1991, p.98-99.



das Almas e as Festas de São João. Porém, ainda há lugares em que as festas não foram extintas. Toda essa situação revela-nos a origem do sincretismo que permeia o catolicismo popular. Os indígenas presentes através de seus animismos e superstições, os portugueses com o culto aos santos e às almas, os africanos com o candomblé – divindades, ancestrais e orixás. Essas manifestações estão interligadas com o fenômeno religioso.

A religião do sertanejo “é um índice da vida de três povos. E as suas crenças singulares traduzem essa aproximação violenta de tendências distintas”<sup>11</sup>. É permeada de um “monoteísmo incompreendido”<sup>12</sup>. Assim, os fiéis da mesma forma que vivenciam a crença em um deus uno cultuam também os santos, têm superstições e acreditam em lendas. Vejamos exemplos interessantes apontados por Cunha: no dia de Santa Luzia, 13 de dezembro, é possível prever o futuro se

[...] no dia 12 ao anoitecer expõe ao relento, em linha, seis pedrinhas de sal, que representam, em ordem sucessiva da esquerda para a direita, os seis meses vindouros, de janeiro a junho. Ao alvorecer de 13 observa-as: se estão intactas, pressagiam a seca; se a primeira apenas se deliu, transmutada em aljôfar límpido, é certa a chuva em janeiro; se a segunda, em fevereiro; se a maioria ou todas, é inevitável o inverno benfazejo.<sup>13</sup>

Mas, caso a chuva não venha o sertanejo não se desespera, pois ainda lhe resta uma expectativa: recorrer a São José, no dia 19 de março.

Aquele dia é para ele o índice dos meses subsequentes. Retrata-lhe, abreviadas em doze horas, todas as alternativas climáticas vindouras. Se durante ele chove, será chuvoso o inverno; se, ao contrário, o Sol atravessa abrasadoramente o firmamento claro, estão por terra todas as suas esperanças. A seca é inevitável.<sup>14</sup>

Contudo, mesmo diante dos fatos de que a seca viria não se dá por vencido. É preciso apelar para a providência divina.

[...] O seu primeiro amparo é a fé religiosa. Sobraçando os santos milagreiros, cruzeiras alçadas, andores erguidos, bandeiras do Divino ruflando, lá se vão, descampados em fora, famílias inteiras – não já os fortes e sadios senão os próprios velhos combalidos e enfermos claudicantes, carregando aos ombros e à cabeça as pedras do caminho, mudando os santos de uns para outros lugares. Ecoam largos dias, monótonas, pelos ermos, por onde

<sup>11</sup> CUNHA, 2009, p.238.

<sup>12</sup> CUNHA, 2009, p.238.

<sup>13</sup> CUNHA, 2009, p. 231-232.

<sup>14</sup> CUNHA, 2009, p. 232.

passam as lentas procissões propiciatórias, as ladainhas tristes. Rebrilham longas noites nas chapadas, pervagantes, as velas dos penitentes [...]<sup>15</sup>

Do mesmo modo, acreditam também em “lendas arrepiadoras”

[...] do caapora travesso e maldoso, atravessando célere, montado em caititu arisco, as chapadas desertas, nas noites misteriosas de luares claros; os sacis diabólicos, de barrete vermelho à cabeça, assaltando o viandante retardatário, nas noites aziagas das sextas-feiras, de parceria com os lobisomens e mulas-sem-cabeça noctívagos; todos os mal-assombramentos, todas as tentações do maldito ou do diabo — esse trágico emissário dos rancores celestes em comissão na terra [...]<sup>16</sup>

Há ainda “as benzeduras cabalísticas para curar os animais, para amarrar e vender sezões; todas as 59 visualidades, todas as aparições fantásticas, todas as profecias esdrúxulas de messias insanos; e as romarias piedosas; e as missões; e as penitências [...]”.<sup>17</sup> Enfim, as manifestações do sagrado mesclam-se com as do profano formando uma “religiosidade indefinida”<sup>18</sup>.

Nesse sentido, o catolicismo popular pode ser percebido como uma combinação de crenças em diversas esferas: cultural, histórica, social, geográfica etc. Muitos teólogos o conceituam como fruto do processo histórico onde se proliferam práticas de fé agregadas às práticas universais do catolicismo. Outros acreditam que o catolicismo popular nada mais é do que um desvio da forma legítima do catolicismo oficial.

De acordo com Cruz há uma distinção clara entre o catolicismo oficial e o catolicismo popular:

O credo popular é mais abundante do que o oficial e também possui critérios que diferem da ortodoxia. Os rituais, além de estabelecer contato com o sagrado, permitem recriar a consciência coletiva do povo. Esse catolicismo conta com os rituais oficiais (missa e sacramentos) e acrescenta novos sentidos para torná-los mais funcionais para sua vida (batismo-saúde, confissão-cura, sacramento-compadrio).<sup>19</sup>

<sup>15</sup> CUNHA, 2009, p. 233.

<sup>16</sup> CUNHA, 2009, p. 238.

<sup>17</sup> CUNHA, 2009, p. 238-239.

<sup>18</sup> CUNHA, 2009, p. 239.

<sup>19</sup> CRUZ, JOÃO EVERTON DA. *Frei Damião: a figura do conselheiro no Catolicismo Popular do Nordeste brasileiro*. (Dissertação de Mestre em Ciências da Religião). Belo Horizonte, 2010. Disponível em: < <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp150058.pdf> > Acesso em: 03 de jul. de 2014. p. 17.

Para Oliveira há entre ambos uma relação dialética, uma vez que as representações e práticas religiosas do catolicismo popular são autoproduzidas pelas classes subalternas a partir dos elementos significantes do catolicismo oficial.

Podemos então definir o Catolicismo Popular como um conjunto de representações e práticas religiosas autoproduzidas pelas classes subalternas, usando o código do catolicismo oficial. Isso significa que o Catolicismo Popular incorpora elementos do catolicismo oficial – os significantes – mas lhes dá uma significação própria, que pode inclusive opor-se à significação que lhes é oficialmente atribuída pelos especialistas. O resultado é que o mesmo código religioso é diferentemente interpretado pelas classes sociais de maneira que, sob uma unidade formal, escondem-se, de fato, diversas representações e práticas religiosas.<sup>20</sup>

O catolicismo popular relaciona-se às figuras de conselheiros, beatos e beatas, rezadores e benzedores, aos puxadores de rezas e procissões, aos missionários, monges e capelães dentre outros. Segundo Hoornaert o povo do sertão brasileiro sente a necessidade de um guia espiritual. Sendo Antônio Vicente Mendes Maciel um exímio pregador e aconselhador, é possível supor que tais características contribuíram para liderar um povo castigado pelas atrocidades da vida nordestina com todo o seu aspecto representativo de exploração servil pelos coronelistas, de calamidades climáticas – a seca e suas consequências: fome, miséria e morte, do descaso da recém-instaurada República e outros fatores que compõem a conjuntura da época.

Restava então aos sertanejos clamar ao divino para enviar

[...] alguém capaz de representá-los, defendê-los, orientá-los e negociar com eles o trânsito de valores. Só dentro do mundo referencial camponês sertanejo entende-se a história do Conselheiro, uma história feita de negociação e astúcia, inteligência e tática.<sup>21</sup>

Não podemos esquecer que o catolicismo popular está inserido num contexto de crise econômica aliada aos desastres climáticos ocorridos na segunda metade do século XIX, com acirradas e sangrentas “disputas pelos poucos bens que garantem a sobrevivência”<sup>22</sup> do povo. “A tríade – seca, fome e doença”<sup>23</sup>, por um lado “levam à

---

<sup>20</sup> OLIVEIRA, 1985, p. 135.

<sup>21</sup> HOORNAERT, 1997, p.111.

<sup>22</sup> OTTEN, 1990, p. 259.

<sup>23</sup> OTTEN, 1990, p. 262.

ruína sociedade e religião”<sup>24</sup>, por outro se transforma em “apelo multiplicar penitências” e motivo para “apaciar tamanha ira de Deus.”<sup>25</sup>

Toda essa situação marca o declínio do catolicismo popular vivido pelo sertanejo. Isso porque

para grande parte da população sertaneja, a crise trouxe a perda da religião, mas perda não apenas de costumes religiosos tradicionais, mas da própria fé. A miséria fazia com que o povo andasse desiludido e desenganado de Deus, foram-lhe roubados, de uma vez, a vida na terra como no céu.<sup>26</sup>

Nesse cenário o Padre Ibiapina, o beato Antônio Conselheiro e o Padre Cícero aparecem como grandes missionários e conselheiros, permanecendo vivos no imaginário popular através da literatura de cordel. Como declara Cruz: “nas pequenas cidades do interior do Nordeste brasileiro, ainda hoje deparamos com a presença de pequenos conselheiros e conselheiras que auxiliam as pessoas da comunidade, aconselhando-as em suas angústias e suavizando seus sofrimentos.”<sup>27</sup> A figura do conselheiro no catolicismo popular sertanejo é uma tradição cultural que se perpetuou por um longo tempo. Numa terra em que “faltava o pão material tanto quanto o espiritual: a Palavra de Deus,”<sup>28</sup> a presença de alguém que pudesse orientá-los tornou-se fundamental para reacender a fé católica em terras longínquas.

### 1.1.2 O Catolicismo Oficial

A mentalidade que domina a reforma é a necessidade de criar no Brasil uma nova Igreja, de caráter apostólico romano, e sob a inspiração tridentina, em substituição à Igreja luso-brasileira do período colonial e imperial, dominada pelo Padroado.<sup>29</sup>

O catolicismo oficial é datado a partir da segunda metade do século XIX, 1846 a 1878, pelo processo de romanização, implantado no pontificado de Pio IX tendo

<sup>24</sup> OTTEN, 1990, p. 262.

<sup>25</sup> OTTEN, 1990, p. 263.

<sup>26</sup> OTTEN, 1990, p. 263.

<sup>27</sup> CRUZ, 2010, p. 12.

<sup>28</sup> OTTEN, 1990, p. 264.

<sup>29</sup> AZZI, Riolando. *Elementos para a história do catolicismo popular*. In: Revista Eclesiástica Brasileira, v. 36, Fasc. 141, mar. 1976, p.119. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=s0102-01881997000200010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0102-01881997000200010)> Acesso em: 05 de jan. de 2014.

como objetivo principal a reafirmação dos cânones da Igreja Católica, numa tentativa de igualar toda a doutrina com o esquema romano – hierárquico eclesiástico. Esse interesse em controlar todo tipo de expressão do sagrado não surtiu o efeito desejado, pelo contrário, o catolicismo popular sobreviveu numa clara demonstração da força da religiosidade do povo.

Outro ponto relevante envolvendo o catolicismo oficial romanizado diz respeito à ênfase dada aos sacramentos. Como em boa parte deste imenso Brasil não podia contar com o luxo de ter um sacerdote para a realização da prática sacramental, o povo mantinha viva sua religiosidade com o apoio espiritual dado pelos leigos - beatos e beatas, rezadores e rezadoras. Eram eles os responsáveis pelo repasse do saber doutrinário apreendidos com os padres e missionários.

Para Comblin, a ausência de entendimento do povo em relação ao catolicismo oficial não pode ser justificada como ignorância ou fanatismo popular, visto que

[...] O povo não se interessa pela catequese porque não sente falta de conhecimentos religiosos. Nós achamos que eles estão precisando de catequese. Mas eles não se acham ignorantes em matéria religiosa. Ao invés, eles acham que em assuntos religiosos, sabem todas as coisas necessárias para a vida. [...] Na realidade, o povo não é ignorante de sua religião, desse Catolicismo Popular que se transmite por tradição oral de geração em geração desde os primeiros portugueses que o trouxeram há quatro séculos. O povo não conhece o catolicismo oficial da Igreja Católica, nem se preocupa por conhecê-lo [...] O povo não é ignorante da sua religião: é ignorante da nossa.<sup>30</sup>

Com o processo de romanização o catolicismo popular passou a ser visto como expressão de “fanatismo e superstição a ser abolida.”<sup>31</sup> Nesse sentido, o catolicismo oficial condenava as crendices do povo e todo tipo de sincretismo que, aliás, não poderia ser aceito na prática religiosa católica. Cabia a Igreja Católica Apostólica Romana resgatar para si o direito da prática do sagrado.

[...] Assim, empenham-se na educação religiosa do povo. Propõem a si mesmos as visitas pastorais, que assumem um caráter catequético, além do sacramental. Divulgam-se cartilhas cristãs e catecismos para a formação do povo. Como poderoso meio continuam as missões populares. A meta é a conversão à vida sacramental, em detrimento das manifestações religiosas próprias do povo. A instrução nas puras verdades cristãs leva a separar o sagrado do profano. Deve-se manter o clima sagrado durante as missões,

<sup>30</sup> COMBLIN, José. *Prolegômenos da catequese no Brasil*. Revista *Eclesiástica Brasileira*, v. 27, n. 4, dez, 1967, p.848.

<sup>31</sup> OTTEN, 1990, p. 301.

suprimindo-se manifestações de caráter profano. [...] O racionalismo sobrenaturalista que separa a fé da vida não vê nas formas da fé do povo expressões vitais. Ao contrário, em seu maniqueísmo, tenta destrinchar o profano do religioso, separar o social do espiritual. Não entende a fusão dos dois planos na vida do povo; ademais, tem como meta o contrário, a separação.<sup>32</sup>

## 1.2 RITOS E RITUAIS CATÓLICOS

Expeliam numerosos demônios,  
ungiam com óleo a muitos enfermos  
e os curavam.<sup>33</sup>

Em todas as religiões os rituais e ritos são expressões significativas e servem tanto para distinguir uma religião de outra como para acender a fé de seus seguidores. O ritual pode ser entendido como a “ação ou ato através do qual as religiões organizam as suas formas de rezar, de cantar, de dançar aos deuses, de fazer oferendas e sacrifícios às divindades”.<sup>34</sup>

Na opinião das autoras Marconi e Presotto, o ritual é uma:

manifestação dos sentimentos por um ou vários indivíduos, em qualquer meio, através da ação. Embora de caráter religioso ou mágico, não é tão persistente quanto o culto. Consiste em um tipo de atividade padronizada, em que todos agem mais ou menos do mesmo modo, e que se volta para um ou vários deuses, para seres espirituais ou forças sobrenaturais, com uma finalidade qualquer. [...] Exemplos: festa de Iemanjá (oferendas, cantos, danças etc) [...]<sup>35</sup>

Nesse sentido, podemos pensar que o ritual organiza-se através de diversos ritos que integram um conjunto de códigos unidos entre si constituindo um modo de agir de um determinado grupo para celebração dos diversos momentos da existência. Nas palavras de Laburthe-Tolra e Warnier os ritos religiosos “são procedimentos mais ou menos estereotipados ou elaborados, compostos por atos e símbolos, que se manifestam frequentemente por objetos, e palavras provenientes de um longínquo passado”<sup>36</sup>. Assim o rito se diferencia do culto que

<sup>32</sup> OTTEN, 1990, p. 302.

<sup>33</sup> A BÍBLIA Sagrada. Trad. Monges Beneditinos de Maredsous. Rev. Frei José Pedreira de Castro. . 161ª ed. São Paulo: Ave-Maria, 2004, p. 1.328, (Cf. Mc 6,13).

<sup>34</sup> OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *Análises antropológicas do fenômeno religioso*. Universidade Católica de Brasília, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.ucb.br/sites/000/14/AnalisesAntropologicasdoFenomenoReligios.pdf>>. Acesso em: 10 de nov. de 2014.

<sup>35</sup> MARCONI; PRESOTO, 2010 *apud* OLIVEIRA, [s.d.], p.7.

<sup>36</sup> LABURTHE-TOLRA; WARNIER *apud* OLIVEIRA, [s.d.], p.7.

é uma série de atos contidos na veneração ou comunicação com seres sobrenaturais. Consiste no conjunto de crenças, rituais e divindades, associados a objetos, lugares específicos, oficiantes e crentes. Varia na estrutura, organização e realização, no tempo e no espaço. Cultuam-se espíritos e antepassados.<sup>37</sup>

Laburthe-Tolra e Warnier ressaltam que não podemos confundir o culto com o rito uma vez que as “cerimônias do culto compõem-se de ritos, mas nem todos os ritos são cultuais.”<sup>38</sup> As experiências vividas individualmente e/ou pelo grupo, desempenham um papel de grande relevância na vida do ser humano religioso, que almeja sempre o que é transcendente, sobre-humano, na busca da autossuperação e no afã de atingir a plenitude.

Sabe-se que Antônio Conselheiro respeitava e defendia a Instituição Católica, por isso pregava ao povo a importância dos rituais católicos e da participação nas cerimônias do culto para que pudessem obter a salvação. Os belomontenses, por sua vez, empenhavam-se em cumprir as principais exigências da Igreja (batizavam-se, casavam-se no religioso, iam à missa, comungavam, confessavam, cumpriam penitências e outras obrigações religiosas), além de colaborar financeiramente com o clero.

### 1.2.1 Devoção aos Santos

Pelo fato que os do céu estão mais intimamente unidos com Cristo,  
consolidam mais firmemente a toda a Igreja na santidade [...]  
Não deixam de interceder por nós ante o Pai.  
Apresentam por meio do único  
Mediador entre Deus e os homens, *Cristo Jesus*,  
os méritos que adquiriram na terra [...].  
Sua solicitude fraterna ajuda, pois, muito a nossa debilidade.<sup>39</sup>

Conforme Bechara, devoção significa “ação ou efeito de dedicar-se a alguém ou algo; intenso sentimento religioso; intenso sentimento de amor”<sup>40</sup>. Exemplifica essa conceituação a devoção dos católicos brasileiros aos santos, especificamente, a Mãe de Jesus (através das aparições: Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora

<sup>37</sup> MARCONI; PRESOTO, 2010 *apud* OLIVEIRA, [s.d.], p.7.

<sup>38</sup> LABURTHE-TOLRA; WARNIER *apud* OLIVEIRA, [s.d.], p.7.

<sup>39</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 956. Disponível em: <<http://www.veritatis.com.br/apologetica/imagens-santos/555-a-intercessao-dos-santos>>. Acesso em : 26 de mar. de 2015.

<sup>40</sup> BECHARA, Evanildo. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 1.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, p. 521.

das Dores e outras santas). Para os devotos os santos têm o poder milagroso para curar todos os seus males. Como afirma Azzi, “a devoção ao Santo constitui para o fiel uma garantia do auxílio celeste para suas necessidades. A lealdade ao santo manifesta-se, sobretudo no exato cumprimento das promessas feitas.”<sup>41</sup> O autor estabelece uma ressalva quanto à obrigatoriedade do pedido concedido lembrando que o devoto deve cumprir com a sua parte, caso contrário poderá ser castigado ou não ser atendido caso recorra novamente.

Percebe-se que a devoção aos santos está mais relacionada às camadas populares, economicamente menos favorecidas e com baixa escolaridade, ou seja, àqueles que já passaram por algum tipo de trauma físico, moral, social ou psicológico. E isso fez com que a elite católica considerasse a devoção como símbolo da ignorância religiosa. No entanto, essa mesma crença era vista pelos menos favorecidos como uma chance de melhoria já que acreditavam nos santos como seres capazes de resolver tudo, até o impossível. Isso contribuiu de certo modo para a perda de espaço do poder atribuído ao clero, algo que foi visivelmente percebido em Belo Monte pela forte devoção aos santos.

É válido ressaltar que,

Ao falarmos de devoção lembramos que ela se enquadra dentro de um universo maior – o do catolicismo – e, dentro dele, no da religiosidade, mais especificamente da Religiosidade Popular. O termo devoção é popular e adquiriu, ao longo da História, certa conotação pejorativa, desenvolvida principalmente no período da Cristandade Colonial, que, por questões de poder, tinha interesse em desqualificar as manifestações religiosas populares, mantendo assim o controle sobre os fiéis.<sup>42</sup>

Vasconcellos afirma que as imagens de santos estavam presentes em todas as comunidades sertanejas e não poderiam deixar de estar também em Belo Monte, pois são expressões do catolicismo popular brasileiro e, por isso, são colocados lado a lado com outros símbolos tradicionais de outras religiões<sup>43</sup>. Dando credibilidade às suas palavras, Vasconcellos utiliza-se do pensamento de Karnal para confirmar o lugar especial que os oratórios ocupavam nos casebres do arraial: “tornavam-se membros efetivos do universo familiar, compartilhavam (por meio das orações) as

---

<sup>41</sup> AZZI, 1994, p.296.

<sup>42</sup> PEREIRA, José Carlos. *A linguagem do corpo na devoção popular*. Revista de Estudos da Religião, 2003. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/rever/rv3\\_2003/p\\_pereira.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv3_2003/p_pereira.pdf)> Acesso em: 13 de out. de 2014.

<sup>43</sup> VASCONCELLOS, 2004, p.144.



vicissitudes e alegrias da família [...] e passavam de pai para filho, de mãe para filha”<sup>44</sup>.

Vasconcellos mais adiante pontua os pensamentos de Vainfas e Souza sobre a “religião afetizada”, na qual se busca tratar intimamente aqueles que se acredita possuidores de poderes para resolver os problemas cotidianos, “se falhassem, só restaria insultá-los, como espécie de punição ou vingança. Mas ao contrário, se atendidos os pedidos, promessas de fidelidade e amor eternos”<sup>45</sup>. Complementa que a devoção possibilitava o desaparecimento dos limites entre o sagrado e profano “com santos se convive, conversa, discute, briga e agradece”<sup>46</sup>.

Os belomontenses da mesma forma que pediam aos santos providência e proteção frente às injustiças do mundo terreno também recorriam a Jesus Cristo. Não havia uma hierarquia sacra, o Filho de Deus e os santos tinham o mesmo prestígio. Tal relação se justifica porque

além de ser um ser celeste, o santo está presente na terra. Ele se presentifica na imagem. [...] Na imagem do santo, encarna-se o mundo divino. Nela há um pouco do céu. [...] Há orações, benditos, terços, novenas, bênçãos, consagrações, purificações, procissões, festas, danças, romarias etc. Mas na raiz de todos eles parece estar a promessa. Ela aparece como ato central do catolicismo popular<sup>47</sup>.

### 1.2.2 A Missa

Em verdade vos digo:  
tudo o que ligardes sobre a terra  
será ligado no céu, e tudo o que desligardes  
sobre a terra será também desligado no céu.<sup>48</sup>

Considerado pelos católicos como dia santo, o domingo é o sábado judaico destinado para guardar e louvar ao Senhor lembrando em si as tradições pascais: ressurreição e aparições de Cristo, o acontecimento de pentecostes e a celebração semanal do mistério pascal, numa demonstração da entrega de Jesus “para que fossem reconduzidos à unidade os filhos de Deus dispersos.”<sup>49</sup> “Não abandonemos

<sup>44</sup> KARNAL, 1998 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p. 144.

<sup>45</sup> VAINFAS; SOUZA, 2000 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p.145. (Cf. Nota de rodapé nº 160).

<sup>46</sup> VASCONCELLOS, 2004, p.145. (Cf. Nota de rodapé nº 160).

<sup>47</sup> OTTEN, 1990, p. 96.

<sup>48</sup> A BÍBLIA Sagrada, 2004, p. 1.306. (Cf Mt 18,18).

<sup>49</sup> A BÍBLIA Sagrada, 2004, p. 1.401. (Cf Jo 11,52).

a nossa assembleia, como é costume de alguns, mas admoestemo-nos mutuamente, e tanto mais quando vedes aproximar-se o Grande Dia”<sup>50</sup>.

De acordo com Otten, “a missa, aos olhos do beato, tem valor porque é um forte meio para a santificação: para o amor e serviço a Deus, para a conversão dos pecados, para o cumprimento das obras meritórias; ela dá fortaleza em tempos difíceis”<sup>51</sup>. Antônio Conselheiro atuou em Canudos como um verdadeiro evangelizador, abordando entre outros assuntos pertinentes à Igreja Católica a missa. Conselheiro pregava que “a missa é a melhor cousa e mais sagrada que Deus deixou à sua Igreja, por ser a representação da paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo”<sup>52</sup>. Ciente da relevância do momento, os conhecimentos eram transmitidos de forma clara e objetiva para que todos compreendessem e pudessem participar de maneira acalorada das celebrações com o intuito de alcançar a salvação e revigorar a fé. Dizia Conselheiro:

Se bem soubera um cristão o que lucra em assistir e ouvir a missa todos os dias, deixaria os maiores negócios deste mundo para não faltar a tão grande bem espiritual. [...] E quando se está à missa, é o tempo mais oportuno que há para a oração e para falar com Deus, pedir-lhe mercês em companhia de milhares de anjos, que lhe assistem, ajudando-o: por ser a oração um dos maiores remédios que há para destruir os vícios, chegarmos a Deus [...] é a melhor obra, de mais proveito, que podemos oferecer pelas almas do purgatório, e não há palavra, nem sinal, nem cerimônia nela que não tenha significações e mistérios”<sup>53</sup>.

Em outras palavras, o fiel ao participar desse momento fervoroso sente a presença do sagrado de forma única, numa experiência direta com o Divino.

Andrade comenta que no pensamento de Conselheiro é na missa que “se acha para os aflitos alívio, para os tristes consolação, para os atribulados remédio, para os combatidos socorro, para os consolados esperança e toda mais paciência, fortaleza, graça, [...] indulgência para os vivos e também para as almas do purgatório”<sup>54</sup>.

---

<sup>50</sup> A BÍBLIA Sagrada, 2004, p. 1.534. (Cf Hb 10,25).

<sup>51</sup> OTTEN, 1990, p.223.

<sup>52</sup> MACIEL, 1897 *apud* NOGUEIRA, Ataliba. *Antônio Conselheiro e Canudos: revisão histórica*. São Paulo: Nacional [Brasiliana, v. 355], 1978, p.509-510. (A voz de Antônio Vicente Mendes Maciel, Conselheiro, foi registrada nesta pesquisa pelo seu sobrenome Maciel).

<sup>53</sup> MACIEL, 1897 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 509-512.

<sup>54</sup> MACIEL, 1897 *apud* NOGUEIRA, 1974, p. 515-516.

### 1.2.3 A Confissão

Se dizemos que não temos pecado,  
enganamo-nos a nós mesmos,  
e a verdade não está em nós.  
Se reconhecemos os nossos pecados,  
(Deus aí está) fiel e justo  
para nos perdoar os pecados,  
e para nos purificar de toda iniquidade.<sup>55</sup>

As confissões na Igreja remontam às origens e ao desenvolvimento histórico da fé cristã e estão representadas no Novo Testamento, através das palavras do próprio Filho de Deus proclamado por João “Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos”<sup>56</sup>.

A confissão torna-se então o meio pelo qual o cristão passa pelo livramento de seus pecados e, conseqüentemente, retornará ao caminho da salvação. Assim, o fiel livrar-se-á de todo o mal cometido a partir da remissão de seus pecados perante o representante da igreja e ciência do Ser Supremo que diz: “Se ele cometeu pecados, ser-lhe-ão perdoados. Confessai os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros para serdes curados.”<sup>57</sup>

Na visão católica de Conselheiro, o fiel precisava confessar-se para ser digno de receber a comunhão, pois todo homem carrega em si o germe do mal, herdado pelo pecado original e ostentado por

[...] uma soberba ora atrevida e violenta, ora disfarçada e astuciosa, uma curiosidade desmedida, apetites insaciáveis, o ódio acompanhado da injúria, do ultraje e da calúnia, a inveja mãe do homicídio, avareza que diz continuamente: traze, traze; a dureza da alma, as alegrias culpáveis do espírito [...]”<sup>58</sup>

Nessa perspectiva, para que o pecador fosse merecedor da misericórdia divina era preciso receber o sacramento da confissão ao menos uma vez a cada ano<sup>59</sup>. A confissão era o único remédio para curar o pecado e combater a “concupiscência que infetou a vida humana”<sup>60</sup> (pecado gerado pela carne/corpo, pelos olhos/alma, pela soberba/espírito), somente assim haveria alívio e alegria para

<sup>55</sup> A BÍBLIA Sagrada, 2004, p. 1.550. (Cf 1Jo 1, 8-9).

<sup>56</sup> A BÍBLIA Sagrada, 2004, p. 1.412. (Cf Jo 20, 22-23).

<sup>57</sup> A BÍBLIA Sagrada, 2004, p. 1.542. (Cf Tg 5, 15-16).

<sup>58</sup> MACIEL, 1897 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 518.

<sup>59</sup> MACIEL, 1897 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 524.

<sup>60</sup> MACIEL, 1897 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 517.

os oprimidos que precisavam da purificação e da bondade de Deus, ou seja, penitência para a reconciliação. O Peregrino demonstrava ter consciência da fraqueza humana, das consequências do pecado original e sua incidência na natureza do homem:

Vós que andais oprimidos com o peso de vossos pecados, dai-vos pressa, ide, com dor sincera e amorosa esperança, aliviar-vos dele aos pés daquele que faz as vezes do Filho de Deus; ide e humilhai-vos, ide e chorai; a mão divina enxugará vossas lágrimas e, restabelecidos em graça com Deus, em paz convosco, cantareis com alegria o hino do perdão. Ditosos aqueles cujas iniquidades foram perdoadas e cobertos seus pecados! Feliz aquele a quem o Senhor não imputou seu crime e cujo coração não é fraudulento!<sup>61</sup>

Segundo o que pregava o Peregrino, o penitente devia verificar se transgrediu algum mandamento da lei de Deus, se praticou algum pecado mortal, se deixou de praticar as obras de caridade, se pecou por omissão, enfim, arrepender-se do que fez de errado, assumir o firme propósito de não mais repetir e depois confessar seus pecados ao sacerdote acreditando na bondade misericordiosa de Deus. Para o beato a confissão representava “a veste nupcial necessária para assistir ao banquete do esposo.”<sup>62</sup> Assim purificado e de consciência tranquila seria possível ir ao encontro de Nosso Senhor Jesus Cristo que se faz presente na comunhão “com tantas perfeições, como esteve no seio da Virgem Maria, e acha-se à direita do Eterno Pai.”

#### 1.2.4 A Cruz

Jesus disse a seus discípulos:  
Se alguém quiser vir comigo,  
renuncie-se a si mesmo,  
tome a sua Cruz  
e siga-me.<sup>63</sup>

Utilizada por muitos povos com significados diversos antes do nascimento de Cristo, a cruz através da crucificação de Jesus passou a ser um dos símbolos mais conhecidos dentro do cristianismo. Ela simboliza para os católicos o sofrimento de Cristo pela humanidade, ou seja, o próprio Filho de Deus permitiu o

<sup>61</sup> MACIEL, 1897 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 520-521.

<sup>62</sup> MACIEL, 1897 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 520.

<sup>63</sup> A BÍBLIA Sagrada, 2004, p. 1.304 (Cf. Mt. 16,24).

derramamento de seu sangue para que o povo notasse seu amor incondicional: "Cristo morreu pelos nossos pecados."<sup>64</sup> Assim, a cruz significa sofrimento e amor.

Para os católicos, com o sinal da cruz o indivíduo diz que é cristão e indica os principais mistérios da sua fé: a Santíssima Trindade, Encarnação e Ressurreição de Cristo. Ao ser batizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Trindade Santa) e ao repetir esse sinal, o cristão professa e reaviva a sua fé, ademais repele as tentações e alcança muitas graças de Deus. Pode ser feito para benzer-se ou para persignar-se.<sup>65</sup> No início e término da missa o católico faz o sinal da cruz. Nas palavras do Peregrino: "Estas bênçãos se veem lançar os papas, cardeais, bispos e todas as pessoas constituídas em dignidade eclesiástica, no fim da missa e mais cerimônias da Igreja."<sup>66</sup>

Desse modo, a cruz representa poder e libertação dos pecados: "A linguagem da cruz é loucura para os que se perdem, mas, para os que foram salvos, para nós, é uma força divina"<sup>67</sup> Conhecedor das palavras do apóstolo Paulo, Conselheiro aconselhava aos seus seguidores a aceitarem os obstáculos que se apresentavam no cotidiano, pois aos olhos de Deus estes seriam salvos.

Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Assim disse Nosso Senhor Jesus Cristo. O homem deve carregar sua cruz debaixo de qualquer forma que se apresente, deve penetrar-se assim de júbilo, sabendo que em virtude dela vai ao céu [...] Ora, podem crer que lhes têm verdadeiro amor àqueles que renunciam à cruz que o Senhor lhes envia?<sup>68</sup>

De acordo com Hoornaert, a cruz exercia um grande papel na simbologia escatológica de Conselheiro:

Dorme pouco e costuma dormir no chão duro, ao lado da cama. E principalmente: usa o sinal-da-cruz. A cruz orienta e situa o monge. O já abundante simbolismo da cruz, proveniente das culturas do Oriente Médio, é enriquecido pela história da paixão e morte de Jesus. A cruz é cósmica: abrindo os braços Cristo abraçou o mundo, o círculo da terra. A cruz é árvore da vida (Gn 2,9) e da sabedoria (Pr 3,18). É a única esperança.<sup>69</sup>

<sup>64</sup> A BÍBLIA Sagrada, 2004, p. 1.479 (Cf 1Cor 15,3).

<sup>65</sup> DOCTRINA CATÓLICA. O sinal da cruz. Disponível em:

<<http://www.catequisar.com.br/texto/materia/dout/lv01/04.htm>>. Acesso em: 10 de out. de 2014.

<sup>66</sup> MACIEL, 1897 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 36.

<sup>67</sup> A BÍBLIA Sagrada, 2004, p. 1.466. (Cf 1Cor 1:18).

<sup>68</sup> MACIEL, 1897 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 486-487.

<sup>69</sup> HOORNAERT, 1997, p. 60-61.

A cruz possui também um caráter expiatório na medida em que simboliza o sacrifício de Cristo carregando-a no calvário para a redenção da humanidade. Azzi esclarece que

A concepção católica mais difundida a respeito da paixão gira ao redor do binômio graça-pecado. A paixão e morte de Cristo na cruz é apresentada como instrumento de redenção dos pecados da humanidade, sendo restabelecida dessa forma a aliança primitiva com Deus. Através da paixão de Cristo os homens tornam-se de novo merecedores dos favores divinos, ou seja, da graça de Deus. A cruz assume dessa forma uma forte dimensão expiatória. Assim sendo, a repetição ritualizada dos grandes momentos da paixão constitui uma maneira de atualizar a graça divina na obra da remissão dos pecados<sup>70</sup>.

Nesse sentido, a cruz assume um sentido devocional e penitencial. Ela é o meio pelo qual o pecador pode retomar a aliança com o sagrado, pois “o instrumento de martírio e morte se torna instrumento de vida e vitória.”<sup>71</sup>

No primeiro combate com os militares em Uauá os conselheiristas foram guiados pelos “símbolos da paz: a bandeira do Divino e, ladeando-a, nos braços fortes de um crente possante, grande cruz de madeira, alta como um cruzeiro. Seguiam para a batalha rezando, cantando – como se procurassem decisiva prova às suas almas religiosas.”<sup>72</sup>

A cruz também serve de registro, ou seja, para marcar o local em que alguém foi enterrado. Até hoje não só no sertão como em todo o país encontramos a cruz à beira da estrada. Cunha demonstra o valor atribuído em “O sertão é o homizio. Quem lhe rompe as trilhas, ao divisar à beira da estrada a cruz sobre a cova do assassinado, não indaga do crime. Tira o chapéu, e passa.”<sup>73</sup>

### 1.2.5 A Prática das Orações

Invoca-me nos dias de tribulação,  
e eu te livrarei e me darás glória.<sup>74</sup>

Orar é uma prática religiosa de extrema importância para o crente. É através do ato oracional que o fiel se sente revigorado em sua fé. “A oração ou prece litúrgica usada em rituais religiosos diversos, onde os fiéis, organizados ou não em

<sup>70</sup> AZZI, 1987 *apud* PEREIRA, 2001, p. 91.

<sup>71</sup> OTTEN, 1990, p. 222.

<sup>72</sup> CUNHA, 2009, p. 348.

<sup>73</sup> CUNHA, 2009, p. 735.

<sup>74</sup> A BÍBLIA Sagrada, 2004, p. 695 (Cf Sl 49,15).

procissão, entoam uma série de invocações a Deus, a Jesus Cristo, à Virgem e/ou aos santos, louvando-os ou solicitando-lhes graças e ajudas.”<sup>75</sup>

De acordo com o Catecismo da Igreja Católica, parágrafos 2650 e 2651,

A oração não se reduz ao brotar espontâneo dum impulso interior: para orar, é preciso querer. Tão-pouco (sic) basta saber o que a Escritura revela sobre a oração: é preciso também aprender a rezar. Ora, é através duma transmissão viva (a Tradição sagrada), que o Espírito Santo, na «Igreja crente e orante» (1), ensina os filhos de Deus a orar.

A tradição da oração cristã é uma das formas de crescimento da Tradição da fé, particularmente pela contemplação e pelo estudo dos crentes, que guardam no seu coração os acontecimentos e as palavras da economia da salvação, e pela penetração profunda das realidades espirituais que eles experimentam (2).<sup>76</sup>

O cotidiano dos belomontenses era cercado de orações. Eles realizavam dois ofícios diários: o terço da boca da noite e o ofício da madrugada. O sino badalava todos os dias e esse era o sinal das orações coletivas. Ao final do trabalho, os fiéis se dividiam em dois grandes grupos de acordo com o sexo e, sob o calor das fogueiras, seguiam noite adentro com ladainhas, benditos, rosários.<sup>77</sup> E acrescenta:

O toque do sino marca a sucessão quase beneditina dos afazeres. Em tudo isso o Conselheiro não faz senão repetir o que ele e seus contemporâneos aprenderam com a tradição da Igreja, especialmente com os missionários capuchinhos. O sino que o Conselheiro manda colocar na imponente torre da nova igreja regula a vida e anuncia a morte [...].<sup>78</sup>

Através das orações os fiéis estabeleciam um diálogo entre o céu e a terra. Eram momentos com maior número de mulheres, visto que os homens não eram de muita reza, como relata um dos sobreviventes do arraial conselheirista Honório Vilanova:

As beatas rezavam o dia inteiro. Estavam sempre ajoelhadas no oratório, desfiando os rosários, cantando ladainhas. Até mesmo de madrugada. De manhã era ofício. As novenas de Sto. Antônio. Cantavam-se os benditos. Não aprendi nenhum, porque só uma vez ou outra aparecia pela igreja. Não gostava muito de reza. Compadre Antônio, sim ia sempre. À boca da noite começava o terço na latada. Diante das muitas imagens santas trazidas pelo povo: Nossa Senhora, Sto. Antônio, S. Pedro, S. João, os Apóstolos. Rezava-se pela madrugada adentro o ofício da Nossa Senhora da

<sup>75</sup> COSTA, Sergio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. São Paulo: Autêntica, 2008, p. 124.

<sup>76</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Disponível em: <[http://vatican.va/archive/cathechism\\_po/index\\_neww/p4s1cap2\\_2650-2696\\_po.html](http://vatican.va/archive/cathechism_po/index_neww/p4s1cap2_2650-2696_po.html)> Acesso em: 18 de fev. de 2015.

<sup>77</sup> HOORNAERT, 1998 *apud* CARNEIRO, 2013, p. 59.

<sup>78</sup> HOORNAERT, 1998 *apud* CARNEIRO 2013, p. 60.

Conceição. O Peregrino estava sempre presente e sempre pronto a repetir os mandamentos da Lei de Deus e a aconselhar ao povo<sup>79</sup>.

De acordo com Vasconcellos “as rezas belomontenses estão articuladas profundamente com a autonomia que desenvolviam em outros âmbitos do seu cotidiano”<sup>80</sup>, repletas de palavras que expressam a consciência tanto de Conselheiro quanto do povo e mantendo uma clara relação da ausência de barreiras entre o sagrado e o profano.

As orações permeavam o arraial em todos os momentos, até mesmo no tempo de guerra ao cair da noite com o toque da Ave-Maria. Nesse momento, todos paravam para prostrar-se em oração. Elas serviram de fortalecimento para os devotos e de temor para os inimigos que “diziam, de maneira eloquente, que não havia reagir contra adversários por tal forma transfigurados pela fé religiosa”<sup>81</sup>. Os militares reconheciam a forte presença espiritual no arraial: “amparava-os visivelmente a potência superior da divindade.”<sup>82</sup> Isso porque

[...] Os soldados escutavam, então, misteriosa e vaga [...] a cadência melancólica das rezas [...] Aquele estoicismo singular impressionava-os, e dominava-os; e como tinham mal esvaecidas na alma as mesmas superstições e a mesma religiosidade ingênua, vacilavam por fim ante o adversário, que se aliara à Providência.<sup>83</sup>

### 1.2.6 Cerimônia do Beijo às Imagens

O beijo é uma das linguagens do corpo que fala e revela sua unicidade, sua integridade.

Na aproximação dos lábios está a aproximação dos corpos e dos corações.<sup>84</sup>

Para os católicos o beijo simboliza referência e adoração. O Papa beija o solo por onde vai peregrinar, o padre beija o altar, o cristão beija-se ao fazer o sinal da cruz, a mão do clérigo e as imagens. Portanto, o beijo faz parte do culto e dos rituais católicos.

<sup>79</sup> VILANOVA, 1962 *apud* MACEDO, Nertan. *Memorial de Vilanova*. 2.ed., Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1964. Disponível em: <[http://www.uefs.br/da\\_his/depoimento.htm](http://www.uefs.br/da_his/depoimento.htm)>. Acesso em: 18 de fev. de 2015.

<sup>80</sup> VASCONCELLOS, 2004, p. 143-144.

<sup>81</sup> CUNHA, 2009, p. 484.

<sup>82</sup> CUNHA, 2009, p. 492.

<sup>83</sup> CUNHA, 2009, p. 593.

<sup>84</sup> ANDREOLLA; MAZZAROLLO, [s.d.] *apud* PEREIRA, 2003, p. 85.



O beijo às imagens, tradição católica, era um costume realizado em Belo Monte que acontecia após as rezas. “As rezas, em geral, prologavam-se. Percorridas todas as escalas das ladainhas, todas as contas dos rosários, rimados todos os benditos, restava ainda a cerimônia final do culto, remate obrigado daquelas. Era o ‘beija’ das imagens”.<sup>85</sup>

O ritual foi classificado por Euclides da Cunha como “fetichista”, exemplificação da “transmutação do cristianismo incompreendido”<sup>86</sup>:

Antonio Beatinho, o altareiro, tomava um crucifixo; contemplava-o com o olhar diluído de um faquir em êxtase; aconchegava-o do peito, prostrando-se profundamente; imprimia-lhe ósculo prolongado; e entregava-o, com gesto amolentado, ao fiel mais próximo, que lhe copiava, sem variantes, a mímica reverente. Depois erguia uma virgem santa, reeditando os mesmos atos; depois o Bom Jesus. E lá vinham, sucessivamente, todos os santos, e registros, e verônicas, e cruzeiros, vagarosamente entregues à multidão sequiosa, passando, um a um, por todas as mãos, por todas as bocas e por todos os peitos. Ouviam-se os beijos chirriantes, inúmeros e, num crescendo, extinguindo-lhes a assonância surda, o vozear indistinto das prédicas balbuciadas à meia voz, dos mea-culpas ansiosamente socados nos peitos arfantes e das primeiras exclamações abafadas, reprimidas ainda, para que não perturbasse a solenidade<sup>87</sup>.

Cunha ainda relata que os participantes entravam num estado de histeria com gritos, abalos e contorções no decorrer do ritual ao qual qualificou de nevrose coletiva:

[...] a agitação crescia, como se o tumulto invadisse a assembleia adstrito às fórmulas de programa preestabelecido, à medida que passavam as sagradas relíquias. [...] E cumulava-se a ebbriedade e o estonteamento daquelas almas simples. Desbordavam as emoções isoladas, confundindo-se repentinamente, avolumando-se, presas no contágio irreprimível da mesma febre; como se as forças sobrenaturais, que o animismo ingênuo emprestava às imagens, penetrassem afinal as consciências, desequilibrando-as em violentos abalos, salteava à multidão um desvairamento irreprimível. Estrugiam exclamações entre piedosas e coléricas; desatavam-se movimentos impulsivos, de iluminados; estalavam gritos lancinantes, de desmaios. Apertando ao peito as imagens babujadas de saliva, mulheres alucinadas tombavam escabujando nas contorções violentas da histeria, crianças assustadiças desandavam em choros; e, invadido pela mesma aura de loucura, o grupo varonil dos lutadores, dentre o estrépito, e os tinidos, e o estardalhados das armas entrebatidas, vibrava no mesmo icto assombroso, em que explodia, desapoderadamente, o misticismo bárbaro [...] <sup>88</sup>

<sup>85</sup> CUNHA, 2009, p. 314.

<sup>86</sup> CUNHA, 2009, p. 314.

<sup>87</sup> CUNHA, 2009, p. 314.

<sup>88</sup> CUNHA, 2009, p. 315.

Esse tipo de cerimônia chamou também a atenção do frei João Evangelista que em seu relatório afirmou ser algo que possuía sinais de superstições e idolatria:

[...] as cerimônias do culto a que [Antônio Conselheiro] preside, e que se repetem mais amiúde entres os seus, são mescladas de sinais de superstição e idolatria, como é, por exemplo, o chamado beija das imagens. A que procedem com profundas prostrações e culto igual a todas, sem distinção entre as do Divino Crucificado, e da Santíssima Virgem e quaisquer outras.<sup>89</sup>

É válido destacar a linguagem do corpo na devoção sacrificial. O beijo à imagem expressa símbolo de afeto, de extremo carinho e amor. E é justamente nessa manifestação que o crente encontra alívio para todos os sofrimentos.

O beija das imagens acontecia em Belo Monte como um momento de veneração coletiva, mas não era uma prática exclusiva do arraial conselheirista. No entanto, percebe-se que tanto frei João Evangelista como Euclides da Cunha enxergavam o ritual de forma discriminatória. O que comprova a visão determinista do autor de *Os Sertões*. Já quanto à atitude do representante do catolicismo oficial, não passa de um demonstrativo nítido do processo de romanização do catolicismo no Brasil impregnado de preconceitos e indiferenças à religiosidade popular nordestina, permeada de crenças e superstições próprias da cultura de um povo místico. Tais manifestações fora dos cânones clericais expressam o sincretismo da religiosidade popular, fruto da agregação de culturas diversas em que o universo sagrado e o universo profano se entrelaçam formando um novo universo místico e sincrético do fenômeno religioso.

### 1.2.7 Vida de Penitência e Jejum

Sacrifício é definido como uma mediação entre um sacrificador e uma 'divindade'.<sup>90</sup>

Para a Igreja Católica a salvação depende de cada um. À medida que se é obediente à lei da Igreja (ir à missa, fazer as orações, jejuar...) é possível alcançar a salvação. Caso o pecador reconheça seus erros e esteja arrependido de seus

<sup>89</sup> MONTE MARCIANO, 1985 *apud* MACEDO; MAESTRI, 2011, p.81.

<sup>90</sup> GIRARD, [s.d.] *apud* PEREIRA, 2003, p.74.

pecados, deve confessar-se, penitenciar-se e jejuar para ser digno do perdão e da misericórdia divina, comprometendo-se a não mais pecar.

Contudo, para não pecar seria preciso atingir a perfeição, o que seria uma empreitada difícil quando não impossível já que a todo o momento de alguma forma estamos pecando – até mesmo através do pensamento. Por isso quando se fala em busca do perdão nos referimos também a sacrifício, o que dentro do campo semântico é possível compreendê-lo como o ato de devotar-se, abrir mão de algo que seja de extrema importância, numa atitude de renúncia em favor do merecimento da graça celestial.

Sacrifício nos remete ainda a ritual, a imolação e a oferta à divindade sacralizada. No entendimento de Pereira,

ao falarmos de sacrifício levando em consideração esta profunda realidade humana e a interpretação religiosa, estaremos usando também, direta ou indiretamente, o conceito de sacrifício usado por René Girard. Sacrifício como algo *apaziguador da violência* sofrida pelos corpos dos fiéis. Considerando que a violência cotidiana é parte integrante dos corpos dos que procuram os espaços sagrados, o sacrifício corporal oferecido ao santo, embora seja um paradoxo, serve de antídoto contra a violência sofrida no cotidiano<sup>91</sup>.

Para Santa Ana “devemos distinguir entre o *sacrifício imposto* e o sacrifício que corresponde a uma *disposição de amor*”.<sup>92</sup> Ferraro ao distinguir um do outro esclarece que o imposto é “vitimário” e “preserva a iniquidade do sistema” e aquele que corresponde a uma “disposição de amor” é “martirial”, apresentando inclusive “uma dimensão redentora”<sup>93</sup>. Essa última está mais presente na devoção popular manifestada através da privação do corpo em detrimento de um bem maior, ou seja,

o bem oferecido é o próprio corpo da pessoa, doado através de atitudes que expressam uma linguagem que tem a função de comunicar algo ao santo. Deposita-se na sala de promessas os elementos concretos dessa comunicação simbólica: réplicas de partes do próprio corpo, fotografias, objetos pessoais, enfim, uma infinidade de ex-votos relacionados ao devoto e à graça alcançada, como gesto que atesta o poder deste ser superior.<sup>94</sup>

<sup>91</sup> PEREIRA, 2003, [s.n.] (grifo do autor).

<sup>92</sup> SANTA ANA [s.d.] *apud* FERRARO. In: PEREIRA, 2003, [s.n.].

<sup>93</sup> FERRARO [s.d.] *apud* PEREIRA, 2003, [s.n.].

<sup>94</sup> PEREIRA, 2003, [s.n.]

Para Blondel, “no sentido etimológico e no sentido literal o termo sacrifício implica a ideia de um bem sensível que é oferecido ou destruído em honra de um ser superior, a fim de atestar a sua soberania e, subsidiariamente, para obter proteção, perdão ou graça.”<sup>95</sup> Ao se considerar a realidade humana cercada pela violência cotidiana, percebe-se que os fiéis ao buscarem os espaços sagrados querem diminuir suas dores, suas agonias. Assim, o sacrifício passa a ser uma forma de esquecer a realidade e torna-se um ato reconciliador. É preciso sacrificar-se para ser purificado e reconciliado com Deus e desta forma ser merecedor da graça.

Segundo Von Rad, nos espaços sagrados as atitudes dos fiéis são expressões para alcançar ou agradecer pelas bênçãos recebidas, podendo ser classificadas em: oblação/oferta e ação de graças/comunhão. Porém, enquanto na primeira o devoto deposita na sala dos milagres os objetos que expressam seus pedidos ou agradecimentos, na segunda refere-se ao sacrifício pelo “pecado ou expiação,” liga-se “à culpa ou reparação”, envolvendo uma ligação direta com o corpo do fiel que percorre longas distâncias, carrega cruz, sobe escadas de joelhos, acende vela do tamanho do corpo da pessoa, passa noites em vigílias, participa de missas em lugares considerados sagrados “dentre outras que colocam o corpo aos limites da resistência para torná-lo mais divino”<sup>96</sup>.

Cunha confirma a vida de penitência, repleta de sacrifícios, longe do luxo e vaidades, cheia de privações, pregada por Conselheiro que catequizava de acordo com o preceito religioso “Bem-aventurados os que sofrem”<sup>97</sup> como forma de alcançar a salvação. Dentre as restrições também estava a proibição à prostituição, à ingestão de bebidas alcoólicas, à execução de várias cantigas e sambas e à umbigada<sup>98</sup>.

Rodrigues afirma que:

esses apaixonados que, para seguirem o fanático abandonavam os seus lares e seus trabalhos, vendiam todos os seus bens para remetter o producto a Conselheiro, submettendo-se em seguida a uma vida penosa e miseravel, affrontando todos os perigos e julgando fazer obra santa no

<sup>95</sup> BLONDEL [s.d.] *apud* PEREIRA, 2003, [s.n.].

<sup>96</sup> VON RAD [s.d.] *apud* PEREIRA, 2003, [s.n.].

<sup>97</sup> CUNHA, 2009, p. 300.

<sup>98</sup> BECHARA, 2011, p.423. (Passo do Coco – dança sem instrumentos musicais, cujo canto é acompanhado pelo bater rítmico das palmas das mãos encovadas para produzirem som grave semelhante ao da casca de coco quando é quebrada).

sacrifício de uma existência dominada por uma exaltação religiosa que os impelia a disputar os martírios e os sofrimentos terrestres, como único caminho que pudesse conduzi-los à felicidade e ao gozo celestes, que eles procuravam com estranho fervor, sufocando todos os sentimentos naturais, mesmo os da própria conservação e do amor paterno; esses eram bem verdadeiros e alienados<sup>99</sup>.

Seguindo os preceitos da Igreja Católica, em Belo Monte também se praticava o jejum nos dias obrigatórios e/ou outros determinados por Conselheiro. Era realizado de forma austera e prolongada, conforme relato do frei João Evangelista.

Ouvindo que se podia jejuar muitas vezes comendo carne ao jantar, e tomando pela manhã uma chávena de café; o *Conselheiro* estendeu o lábio inferior e sacudiu negativamente a cabeça, e os seus principais asseclas romperam-se logo em apartes, exclamando com ênfase um dentre eles: 'Ora isso não é jejum; é comer a fartar'<sup>100</sup>.

Vale destacar que as práticas religiosas não eram seguidas por todos no arraial. Havia o respeito ao Conselheiro, mas nem por isso exigia-se a obrigatoriedade de frequentar as cerimônias religiosas. Segundo relata Honório Vilanova em sua entrevista dada ao jornalista Nertan Macedo, os homens em Belo Monte tinham livre arbítrio para decidir a participação nas rezas e ofícios. As mulheres frequentavam diariamente. Contudo, ressalta que Conselheiro condenava rigorosamente no arraial as “desordens, mancebias, depravações, bebedeira, pagode”<sup>101</sup>.

Hornaert questiona a avaliação feita por Cunha acerca de Conselheiro e sua imposição de penitência radical aos belomontenses: “Afinal, será que o Beato é o mesmo penitente fechado e bronco da obra de Euclides da Cunha?”<sup>102</sup>. E prosseguindo afirma:

Antônio Vicente conhece desde criança os festejos em torno do seu padroeiro Santo Antônio, as alegres festas de sua infância em Quixeramobim, repetidas em Canudos ao longo de dois ciclos anuais [...] Nada nos diz que essas festas não tenham acontecido em Canudos ou que o Conselheiro as tenha reprimido em seus aspectos mais lúdicos. Afinal, Canudos é uma cidade sertaneja como as outras, onde se brinca e se

<sup>99</sup> RODRIGUES, Nina. *A loucura epidêmica de Canudos: Antônio Conselheiro e os jagunços. & A loucura das multidões: nova contribuição ao estudo das loucuras epidêmicas no Brasil*. In: *As coletividades anormais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939, p.128-129.

<sup>100</sup> MONTE MARCIANO, 1985 *apud* CARNEIRO, 2013, p.61 . (grifo do autor).

<sup>101</sup> MACEDO, 1983 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p. 52.

<sup>102</sup> HORNHAERT, 1998, p. 38

labuta e onde não se consta que o direito livre de ir e vir, de cantar e dançar tenha sido reprimido<sup>103</sup>.

Para Hoornaert, a religiosidade vivenciada em Belo Monte apesar de ser uma tarefa complexa e um tanto audaciosa para ser classificada, pode ser compreendida a partir da tipologia de Ernst Troeltsch, o binômio igreja-seita, mas acrescenta o elemento místico.

Há algo de místico, sectário e eclesial em Canudos. Vemos o eclesial aflorar na ânsia de se construir uma “grande igreja” em Canudos [...] O sectário está presente em algumas afirmações a respeito de milagres, proibições, etc. Mas sem dúvida a mística é o fulcro, exprime a vivência da grande maioria. E pensamos que o próprio Conselheiro viveu Canudos como experiência mística.<sup>104</sup>

Vasconcellos enfatiza o que é sugerido por Hoornaert, ou seja, a religiosidade vivenciada em Belo Monte foi um “cristianismo devocional” ou “cristianismo beato”<sup>105</sup>.

Nota-se que Conselheiro assumiu um papel muito mais para aconselhar seus seguidores a buscarem a salvação através do sacrifício, da penitência e jejum, do que impor ou obrigar a todos belomontenses a conduzir as próprias vidas da forma como pregava. O certo é que Conselheiro orientava a “viverem honestamente, cumprindo seus deveres e obrigações, sem fazer mal ao próximo”<sup>106</sup>.

### 1.2.8 Os Sacramentos

Eu sou a porta e se alguém por mim entrar será salvo.<sup>107</sup>

Os fiéis eram atendidos pela Igreja oficial ocasionalmente quando o padre diocesano ia à comunidade para as desobrigas ou quando os missionários chegavam para as missões ocasionais<sup>108</sup>. O cristianismo pregado pelos missionários

<sup>103</sup> HOORNAERT, 1998, p. 38

<sup>104</sup> HOORNAERT, 1997 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p. 97. (grifo do autor).

<sup>105</sup> HOORNAERT, 1997 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p. 97. (grifo do autor).

<sup>106</sup> MACEDO; MAESTRI, 2011, p. 82.

<sup>107</sup> A BÍBLIA Sagrada, 2004, p. 1.398 (Cf Jo 10,9).

<sup>108</sup> Método reconhecido pelo Concílio de Trento no século XVI, para atingir populações rurais e alimentado pelas Santas Missões, que buscava convencer através da consciência do pecado a necessidade de penitência para a salvação; nas missões os sacerdotes andavam pelos sertões afora realizando o maior número possível de sacramentos. Foi utilizado não só pelos jesuítas mas,

portugueses e, abraçado pelo povo, possuía uma mistura de conteúdos: junto com os sacramentos e as devoções aos santos apareciam as grandes pregações sobre o céu, o inferno e o purgatório, o que de acordo com Hoornaert apresentavam caráter penitencial, sacramentalista, profundamente social e laical, que se baseava no medo para ter adeptos<sup>109</sup>. A fé do sertanejo, no entanto, motivada por orações, benditos, procissões e novenas aos santos colaborava para o surgimento de leigos nas comunidades, conhecidos também como beatos que tinham a incumbência de “tirar rezas, cantar ladainhas, pedir esmolas para as obras da Igreja”. Conselheiro, no entanto, ia, além disso, “estava mais bem preparado sobre os temas religiosos, pregava, dava conselhos,”<sup>110</sup> conforme afirma Calasans. Mas é importante frisar que

[...] em toda a sua vida de pregador, Antônio Maciel jamais se atribuiu funções sacramentais de qualquer tipo. No relativo à doutrina, parece ter sido tão ortodoxo quanto o clero ortodoxo. Era um infatigável pregador de excelência dos sacramentos da Igreja Católica Apostólica Romana como via segura para a salvação<sup>111</sup>.

Durante as Santas Missões acontecia uma escola prática para os leigos, beatos e conselheiros. De acordo com a participação e envolvimento nas atividades religiosas, tornavam-se responsáveis pela continuidade dos trabalhos após a despedida dos missionários. Isso acontecia principalmente nos locais onde o padre diocesano demorava a aparecer. O trabalho realizado pelo leigo culminava em momentos coletivos e de mutirões com celebrações, confissões, casamentos comunitários, bênçãos, pregações e benditos. Carneiro afirma que “esse fenômeno social foi algo muito comum nas pequenas comunidades dos sertões semiáridos, como na região sul do país.”<sup>112</sup> Tal constatação pode ser confirmada através das contribuições de Macedo e Maestri ao diferenciarem os papéis do leigo e do conselheiro.

No Nordeste, esse clero laico possuía uma hierarquia informal e semi-oficial. Os beatos tiravam rezas, puxavam terços, cantavam ladainhas, esmolavam para as igrejas. Mais informados e mais inseridos nas coisas

---

também, pelos carmelitas, franciscanos, oratorianos portugueses e capuchinhos italianos, lazaristas franceses e por sacerdotes seculares como Pe Ibiapina.

<sup>109</sup> HOORNAERT, Eduardo. *Verdadeira e falsa religião no Nordeste*. Salvador: Beneditina, 1972, p. 49.

<sup>110</sup> CALASANS, 1986, p.13.

<sup>111</sup> MACEDO; MAESTRI, 2011, p. 37.

<sup>112</sup> CARNEIRO, 2013, p.30.

sagradas, os conselheiros pregavam e sobretudo aconselhavam os crentes. Eram uma espécie de “bispos” de pés descalços<sup>113</sup>.

As atividades realizadas pelos leigos receberam apoio dos sacerdotes por um período considerável, visto que reconheciam a dificuldade de divulgar a fé nas diversas regiões brasileiras e, exatamente por isso, mantinham um contato semiformal, apoiando-os indiretamente enquanto essas atividades lhes eram favoráveis e podiam mantê-las sobre seu controle. Macedo e Maestri relatam que os “sacerdotes cediam o púlpito para os beatos e conselheiros. Alguns chegavam a apontar aos seus paroquianos essas personagens como exemplos de vida piedosa”<sup>114</sup>. Algo que é reafirmado por Lacerda para dar ênfase à maneira como Conselheiro era visto pelas autoridades eclesiais: “[...] há inúmeros depoimentos de padres atestando a pureza de suas pregações, que, segundo eles, em nenhuma questão teológica contradiziam a religião oficial.”<sup>115</sup>

Abro um parêntese aqui para lembrar que o Pe. Ibiapina foi um grande exemplo e fonte de inspiração para muitos religiosos (dentre eles estão o Pe. Cícero e o próprio Antônio Conselheiro), pela postura de permanente peregrinação e realização de atividades que priorizavam o social, em conjunto com as ações religiosas em favor do povo sofrido dos sertões<sup>116</sup>, sendo considerado por muitos sertanejos como um profeta. Esse carisma despertou o ciúme e a inveja da autarquia da Igreja<sup>117</sup>.

Conselheiro afirmava que os sacramentos era o meio para ser merecedor da salvação eterna, por isso seus seguidores recebiam e participavam dos sacramentos que eram as principais fontes de renda dos vigários do sertão. “A prática dos sacramentos – batizado, casamento, comunhão e confissão – era defendida por Antônio Maciel como o melhor caminho para a salvação.”<sup>118</sup>

Vale ressaltar que, através do sacramento do batismo surgia a relação de compadrio, ou seja, após o batismo os padrinhos são considerados os pais em

<sup>113</sup> MACEDO; MAESTRI, 2011, p. 24. (grifo dos autores).

<sup>114</sup> MACEDO; MAESTRI, 2011, p. 26.

<sup>115</sup> LACERDA, 1997 *apud* CARNEIRO, 2013, p.51.

<sup>116</sup> MENEZES, 1998 *apud* 2013, p.31.

<sup>117</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira. *O império de Belo Monte: vida e morte de Canudos*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001, p. 31. (História do povo Brasileiro), trata dessa questão ressaltando que Pe. Ibiapina tinha tanto prestígio que chegou a ser denominado por “profeta e santo milagreiro,” despertando a ira da Igreja que por sua vez o castigou retirando-lhe de seu comando as Casas de Caridade (fundadas pelo ilustre sacerdote).

<sup>118</sup> MACEDO; MAESTRI, 2011, p. 88.



segundo grau. Nesse sentido, na ausência dos pais biológicos o/a afilhado/a passa a ser obrigação dos padrinhos, criando um compromisso entre padrinho/afilhado e vice-versa e entre os compadres e comadres. Antônio Conselheiro era padrinho de inúmeras crianças sertanejas, o que comprova como ele era benquisto por seus conterrâneos. De acordo com Galvão,

a relevância deste componente [o compadrio] se acentua quando se pensa que o laço espiritual, que assim se criava, tornava um compadre do Conselheiro e de Nossa Senhora ao laço social interclasses costumeiro no apadrinhamento de um pobre por um potentado local. Assim, todas as pessoas implicadas nesta outra rede como que sutilmente se subtraíam à estrutura de poder vigente, entrando numa outra, concorrente daquela<sup>119</sup>.

Nesse sentido, Conselheiro além de líder espiritual era pai e padrinho de seus seguidores. Por onde Conselheiro andava quem possuía filhos o tinha como padrinho ou compadre. Essa relação provavelmente gerou conflito com os poderosos, porque havia uma relação enorme de batizados em que Conselheiro predominava como padrinho, desde o início de suas andanças em 1875. Para Vasconcellos foi provavelmente por causa do compadrio que durante o combate em Belo Monte muitos moradores de Uauá e de aldeias vizinhas tenham se dirigido ao arraial para lutar junto com Conselheiro<sup>120</sup>.

Otten relembra que o cônego Agripino da Silva Borges, vigário de Itapicuru, devido ao bom relacionamento com Conselheiro chegou a defendê-lo da Câmara dos deputados<sup>121</sup>. Também o Pe. Vicente Sabino, vigário de Cumbe, que benzeu a “igreja velha”, e tinha residência em Belo Monte, fazendo visitas quinzenais a fim de realizar atividades sacerdotais. Hoornaert recorda que “o lucro com as administrações de sacramentos e celebrações de missas em Canudos chega a tal ponto que desperta inveja no vigário de Pombal, que quer a todo custo ver a paróquia de Cumbe dividida, para que Canudos fique com ele.”<sup>122</sup>

Como já dissemos, Conselheiro agia em consonância com os preceitos da Igreja Católica. Desse modo, defendia a ideia de que o matrimônio é a integração entre o homem e a mulher sendo transcendente ao ato puramente corporal, ou seja,

---

<sup>119</sup> GALVÃO, 2001, p. 31.

<sup>120</sup> VASCONCELLOS, 2004, p. 151.

<sup>121</sup> OTTEN, 1990, p. 156.

<sup>122</sup> HOORNAERT, 1998, p. 45.

uma união plena baseada na doação recíproca, indissolúvel, ligada à fecundidade que deveria espelhar-se na imagem de Deus e da Santíssima Trindade. O matrimônio era tratado por Conselheiro como algo celestial, o que justifica uma das causas de sua rejeição à República, a separação entre Estado e Igreja, bem como a instauração do casamento civil.

O casamento civil ocasiona a nulidade do casamento, conforme manda a santa madre Igreja de Roma [...] Quando Deus autorizou com a sua presença o primeiro estado que houve de casado no mundo, foi para nos mostrar as grandes excelências e perfeição que nele se encerram e as obrigações que os casados têm de viver conforme os preceitos divinos, unindo-se ambos numa só vontade [...] Porque é o casamento (como todos sabem) um contrato de duas vontades ligadas com o amor que Deus lhes comunica, justificados, com a graça que lhes deu Nosso Senhor Jesus Cristo e autorizada com a cerimônia que lhes juntou a santa madre Igreja, que este é o efeito de um verdadeiro desposório: unir duas almas em um corpo; porém importam obrigações de preceitos divinos, que devem guardar em primeiro lugar e muito à risca: todos os casados têm obrigação de viver perfeitamente no seu estado, sem embargo de qualquer encargo ou desgosto. Em razão dos respeitos humanos, são necessárias muitas circunstâncias para se guardar este perfeito estado, tanto para segurança da honra e descanso da vida. Estas verdades demonstram que o *casamento é puramente da competência da santa Igreja*, que só seus ministros têm poder para celebrá-lo; não pode, portanto, o *poder temporal de forma alguma intervir neste casamento, cujo matrimônio na lei da graça Nosso Senhor Jesus Cristo o elevou à dignidade de sacramento*, figurando nele a sua união com a santa Igreja, como diz São Paulo. Assim, pois, é prudente e justo que os pais de família não obedeçam à lei do casamento civil, evitando a gravíssima ofensa em matéria religiosa que toca diretamente a consciência e a alma.<sup>123</sup>

Até mesmo quando estavam sendo pressionados, por ocasião da visita dos padres italianos e o pároco da região, enviados pela Arquidiocese da Bahia e do Estado com o firme propósito de dissolver o arraial, pois sua existência simbolizava uma ameaça tanto para a Igreja (a religiosidade vivenciada em Belo Monte representava um ultraje ao processo de romanização do catolicismo) quanto para a República que precisava adquirir credibilidade por ser um novo regime (a ocasião da queima dos informativos da cobrança de impostos, assim como a nova ordem social seguida pelos belomontenses desencaminhavam o fortalecimento republicano), os conselheiristas aceitaram a missão. Prova disso foi a participação dos moradores nas atividades religiosas – durante as pregações e as cerimônias para o cumprimento dos sacramentos. Conforme afirma frei João em seu *Relatório*, os

<sup>123</sup> MACIEL, 1897 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 602-608.(grifos nosso)

sacerdotes realizaram “55 ‘casamentos de amancebados’, 102 batismos e mais de 400 confissões.”<sup>124</sup>

### 1.2.9 As Festividades em Belo Monte

[...] O próprio sistema jesuítico, no que logrou maior êxito no Brasil dos primeiros séculos foi na parte mística, devocional e festiva do culto católico. Na cristianização dos caboclos pela música, pelo canto, pela liturgia, pelas procissões, festas, danças religiosas, mistérios, comédias; pela distribuição de verônicas com Agnus Dei, que os caboclos penduravam no pescoço, de cordões de fitas e rosários; pela adoração de relíquias do Santo Lenho e de cabeças das Onze mil Virgens.<sup>125</sup>

De acordo com Pompa, o festejo “é um dos momentos principais da vida religiosa de uma região,”<sup>126</sup> pois obedece a um calendário rigoroso e, geralmente, começa nove dias antes do dia do santo: “a novena”. É um tempo de comunicação com o sagrado em que se paga promessas ao santo.

Durante nove noites, os rezadores (normalmente o dono da festa e outros especialistas em reza) “puxam” o terço, do qual participa toda a vizinhança. Na derradeira noite, a participação no festejo aumenta sensivelmente. Moradores de casas dispersas no sertão enfrentam horas de caminho a pé ou de jumento e percorrem até três ou quatro léguas para “derrubar a bandeira”.<sup>127</sup>

Pompa salienta que é costume no catolicismo popular escolher um devoto para ser o dono da festa, que no último dia da novena “derruba a bandeira” (que ficou “levantada no terreiro” durante o período dos festejos) e, juntamente com ela, a figura de um “galo” ou uma “pomba” (determinado pelo sexo do santo). O encerramento do festejo marca também o término do “tempo sagrado” e o recomeço do “tempo profano”, mas certos do fortalecimento da aliança com o “divino” e revigorados pela “proteção do santo cultuado”.

Moniz e Hoornaert apresentam a festa do Divino, de Santo Antônio, de São João dentre as diversas festividades religiosas ocorridas em Belo Monte. Eram

<sup>124</sup> MACEDO; MAESTRI, 2011, p. 90.

<sup>125</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981, p.169.

<sup>126</sup> POMPA, Maria Cristina. *Memórias do fim do mundo: para uma leitura do movimento sócio-religioso de Pau de Colher*. Campinas [s.n.] 1995, p.140.

<sup>127</sup> POMPA, 1995, p.140. (grifos da autora)

momentos lúdicos e alegres em que o sagrado e o profano se misturavam<sup>128</sup>. Nessas ocasiões os belomontenses tinham a oportunidade de usar ornamentos, roupas coloridas. “As festas em homenagem aos santos e, especialmente, as festas natalinas eram integradas por danças, músicas, fogos e muita comida.”<sup>129</sup>

Calasans confirma o costume de foguetórios em Belo Monte a partir do relato de Dr. Políbio Mendes “[...] que, ainda menino assistiu à cerimônia da benção da Igreja do Bom Jesus, no atual município de Crisópolis, e conservou para sempre o ensurdecedor pipocar dos foguetes em sua memória.”<sup>130</sup>

Carneiro afirma que a ludicidade e a alegria presentes nas festividades não era algo exclusivo de Belo Monte. Elas faziam parte da religiosidade sertaneja fruto da mistura do sincretismo religioso português e das crenças indígenas e africanas<sup>131</sup>.

Para exemplificar o sincretismo, Macedo e Maestri abordam o universo indígena existente em Belo Monte através da presença do curandeiro Manuel Quadrado no arraial que, semelhante ao pajé, era o responsável pelas curas de doenças e enfermidades através de plantas e simpatias. Tal fato é algo comprobatório da mistura religiosa que integrava a vida no arraial. Além disso, no mês de agosto havia um ritual em que eles fumavam e bebiam, revelando que a proibição do consumo de bebida alcoólica não era algo tão severo, como disseram vários autores<sup>132</sup>. Afirmam ainda que costumes indígenas faziam parte do cotidiano dos moradores de Belo Monte “Algumas tradições dos caimbés de Maçacará e dos quiriris de Mirandela subsistiram na comunidade, tendo lá inclusive vivido e morrido seus dois últimos pajés”. A esse respeito Hoornaert diz que:

[...] Canudos não foi construída, enquanto comunidade humana, por um homem e seu ‘séquito’, mas por um jogo de forças, umas provenientes da ancestralidade americana, africana e/ou europeia, outras da novidade cristã incorporada no comportamento do Conselheiro. Um jogo despercebido ao olhar atento, na contínua cotidianidade da vida normal.<sup>133</sup>

Uma grande festa que acontecia em Belo Monte era comemorada no dia 20 de janeiro, a festa de São Sebastião que reunia não só os belomontenses como

<sup>128</sup> MONIZ, 1987; HOORNAERT, 1998 *apud* CARNEIRO, 2013, p. 63.

<sup>129</sup> MACEDO; MAESTRI, 2011, p. 83.

<sup>130</sup> CALASANS, 1986, p. 34.

<sup>131</sup> CARNEIRO, 2013, p. 64.

<sup>132</sup> MACEDO; MAESTRI, 2011, p. 80.

<sup>133</sup> HOORNAERT, 1997, p. 32. (grifos do autor)

muitos convidados ilustres. Além das cerimônias religiosas com celebrações de casamentos e batizados, ocasiões em que havia comida e bebida farta, muita música e dança.

O festejo apesar de ser um ato religioso era um momento de descontração. Os fiéis oravam, cantavam e agradeciam por uma graça alcançada. Depois de se divertirem, adormeciam embebidos pela alegria. No dia seguinte, ainda se alimentavam com a comida farta do dia anterior e os muitos visitantes que não tinham ido embora à meia-noite retornavam para seus locais de origem.

Outras festividades como as festas de Cristo-Rei, Nossa Senhora-Rainha, incitavam a espiritualidade do povo, conseguiam estabelecer um paralelo entre o que as comemorações representavam e a vida cotidiana, principalmente no que diz respeito à obediência, pois Maria obedecia ao Cristo e o povo deveria obedecer às autoridades da Igreja. Assim em Belo Monte todos eram servos ou escravos de Maria, uma devoção que “provém de uma visão medieval do Reino de Deus, como um Reino que se realiza aqui na terra pela cristandade”.<sup>134</sup>

Levine declara que a religiosidade vivida em Belo Monte pode ser entendida no campo do fantástico, com “fórmulas mágicas... simbiose eficaz entre a danação bíblica e os elementos da hierarquia divina.”<sup>135</sup>

Os sertanejos eram supersticiosos, acreditando piamente na eficácia das maldições [...] trouxeram para o seu catolicismo popular em forma bruta, talvez inconscientemente, tantas adaptações externas, “mal-entendidos” e sincretismos quanto seus congêneres afro-brasileiros da costa.<sup>136</sup>

Concordamos com Vasconcellos que a interpretação dos fatos por Levine é “superficial”, “reproduz velhos clichês”, com a mesma visão euclidiana e “suas verberações contra a ‘religião mestiça.’”<sup>137</sup> Compreender toda a problemática que envolve o universo religioso em Belo Monte não é algo tão simples assim, até porque se fosse já teríamos há muito tempo solucionado, haja vista a numerosa lista de estudiosos de áreas distintas que já se debruçaram sobre os acontecimentos que englobam a história de Belo Monte e seu povo.

<sup>134</sup> HOORNAERT, 1973 *apud* ANDRADE, 2006, p. 70.

<sup>135</sup> GUREVITCH [s.d.] *apud* LEVINE, 1995, *In*: VASCONCELLOS, 2004, p. 93-94.

<sup>136</sup> LEVINE, 1995 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p. 93-94. (grifos do autor)

<sup>137</sup> VASCONCELLOS, 2004, p. 93-94.(grifos do autor)

### 1.3 A TRINDADE SANTA

Ide, pois, e ensinai a todas as nações;  
batizai-as em nome do Pai,  
do Filho e do Espírito Santo.<sup>138</sup>

O ser humano – individual ou em grupo – necessita de modelos para orientá-lo nas direções a serem tomadas, na realização de algum projeto, desejo ou necessidade. Estes modelos perfeitos surgiram com base nos moldes políticos, religiosos, sociais, econômicos, humanitários entre outros idealizados ou até mesmo impostos por grupos e líderes, com variação de tempo, influência em proporção e níveis diferentes, alguns deles permanecendo ainda hoje. O Deus trinitário apresentado como modelo ultrapassou os limites do catolicismo. Segundo Boff “a existência da Santíssima Trindade ultrapassa os limites do judaísmo, conforme a Igreja Católica prega, e podem ser perceptíveis em muitas culturas.”<sup>139</sup> Apesar de não podermos encontrar nos textos sagrados referência direta à Trindade Santa, é possível percebê-la no Novo Testamento a partir de pessoas divinas presentes distintamente.

De acordo com o Catecismo da Igreja Católica (CIC 237):

a Trindade é um mistério de fé em sentido estrito, um dos mistérios ocultos em Deus, que não podem ser conhecidos se não forem revelados lá do alto. É verdade que Deus deixou traços do seu Ser trinitário na obra da criação e na sua revelação ao longo do Antigo Testamento. Mas a intimidade do seu Ser como Trindade Santíssima constitui um mistério inacessível à razão sozinha e, mesmo, à fé de Israel antes da Encarnação do Filho de Deus e da missão do Espírito Santo<sup>140</sup>.

Para convencer seus seguidores Conselheiro utilizava o argumento de Santo Tomás de Aquino sobre a Trindade Santa, pregada pela Igreja Católica, o Deus Uno e Trino que foi capaz de entregar seu único Filho Adorado por amor à humanidade.

Ora o Dom que o Eterno Pai nos fez de seu Filho foi verdadeiro dom gratuito e sem merecimento algum de nossa parte; é por isso que se diz que

<sup>138</sup> A BÍBLIA Sagrada, 2004, p. 1.534. (Cf Mt 28,19).

<sup>139</sup> BOFF, Clodovis. In: DUARTE, Pedro Pereira; BOFF, Clodovis. *A Trindade Santa: modelos supremo da família como comunidade de amor*. CADERNO TEOLÓGICO DA PUCPR, CURITIBA, V.1, N.1, P.163-191, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/teologico-12252%20(1).pdf> Acesso em: 15 de nov. de 2014.

<sup>140</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 956. Disponível em: <http://www.veritatis.com.br/apologetica/imagens-santos/555-a-intercessao-dos-santos>. Acesso em: 26 de mar. de 2015.

a Encarnação do verbo teve lugar pela operação do Espírito Santo, isto é, unicamente pelo amor, como se exprime o mesmo doutor.<sup>141</sup>

Ao tratar das três pessoas da Trindade e suas relações entre si, Conselheiro desenvolveu uma reflexão segura e teologicamente correta com base no primeiro mandamento. Reconhecia a proteção e o amor de Deus Pai Onipotente, utilizando para reforçar seus argumentos o pensamento do Cardeal Hugo que afirmava que “na antiga lei podia o homem duvidar se Deus o amava com ternura, mas depois de o ter visto derramar o seu sangue num suplício e morrer, como podemos duvidar se nos ama com toda ternura do seu coração?”.<sup>142</sup> Assim o Deus pregado pelo Peregrino corresponde a imagem de um Pai misericordioso que perdoa, mas para obter tal graça era preciso demonstrar arrependimento: “Há cristãos que correspondem tão ingratamente aos benefícios de Deus; os fatos demonstram que eles vivem como cegos. Como podem ter confiança na divina misericórdia, vivendo no pecado?”.<sup>143</sup>

Aquele que é fiel aos seus ensinamentos reconhece que “só Deus é a suma verdade e nunca falta no que prometeu, nem há de faltar. Só Deus é rico e Todo-Poderoso, por ser Senhor do céu e da terra, do mar e de todos os mais bens e haveres deste mundo!”<sup>144</sup>

Conselheiro buscava seguir e propagar o primeiro mandamento da Igreja: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o máximo e o primeiro mandamento”<sup>145</sup> que também foi assunto de uma de suas prédicas. Ao contemplar a bondade do Pai que entregou o próprio Filho para salvar a humanidade afirmava: “Ah! Que maior amor podia Deus mostrar depois de condenar à morte seu Filho inocente para salvar miseráveis pecadores como nós?”<sup>146</sup> completava sua admiração orando: “[...] ó Criador Supremo, o plano da vossa providência: Maria é nossa co-redentora; e isto basta para convencer-nos de que ela tem de ser a mais atribulada de todas as mães, porque Jesus, seu Filho, vai ser o mais humilhado de todos os homens.”<sup>147</sup>

<sup>141</sup> MACIEL, 1897 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 229-230..

<sup>142</sup> MACIEL, 1897 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 226-227.

<sup>143</sup> MACIEL, 1897 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 243.

<sup>144</sup> MACIEL, 1897 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 477.

<sup>145</sup> MACIEL, 1897 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 224.

<sup>146</sup> MACIEL, 1897 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 241.

<sup>147</sup> MACIEL, 1897 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 144-145.

Ademais, Conselheiro não cansava de dizer que “todo poder legítimo é emanção da Onipotência eterna de Deus e está sujeito a uma regra divina”,<sup>148</sup> diante do qual ninguém pode estar acima. É interessante lembrar que sua rejeição à República advém da sua crença no poder divino dado ao rei<sup>149</sup>, o que foi inclusive um dos pontos de tensão inicial entre Conselheiro e o frei João no momento em que este informou ter sido enviado pelo Arcebispo para aconselhar ao povo a retornar aos seus devidos lares e que todos deveriam reconhecer o novo regime. O que era inadmissível para Conselheiro, uma vez que a República simbolizava no seu entendimento o próprio “Anti-Cristo”, a “Lei do Cão”. Vejamos o momento em que frei João desencadeia o conflito entre a Igreja e o povo de Belo Monte:

“Senhor, se é católico, deve considerar que a Igreja condena revoltas, e, acatando todas as formas de Governo, ensina que os poderes constituídos regem os povos em nome de Deus. É assim em toda parte. A França, que é uma das principais nações da Europa, foi monarquia por muitos séculos; mas, há mais de vinte anos é República: e todo o povo, sem exceção dos monarquistas de lá, obedece às autoridades e leis do Governo. Nós mesmos, aqui no Brasil, a principiar dos bispos até ao último católico, reconhecemos o Governo atual. Somente vós não quereis vos sujeitar? É mau pensar esse, é uma doutrina errada a vossa”.  
[...] “V.Revm. é que tem uma doutrina falsa, e não o nosso Conselheiro.” [retrucaram imediatamente os conselheiristas em defesa ao líder].<sup>150</sup>

O agravamento da missão ocorreu pelo falta de perspicácia do frei João Evangelista em fazê-los aceitar o novo regime político. Dizer que o líder dos conselheiristas estava enganado por rejeitar a República e que estava seguindo uma “doutrina errada”, acabou provocando uma reação imediata e contrária dos moradores do arraial que não pestanejaram em sair em defesa do Peregrino.

Além disso, ao contrário dos missionários que pregavam a visão do Pai Celestial castigador, no “centro do pensamento teológico de Conselheiro – (está) o Pai amoroso que entrega o próprio Filho para salvar os homens – é pelo beato representado e atualizado para seus seguidores”<sup>151</sup>. O Peregrino proclamava a todo seu séquito que era chegada a hora da libertação dando fim a humilhação e

<sup>148</sup> MACIEL, 1897 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p. 314.

<sup>149</sup> Quadra popular copiada por Euclides na *Caderneta*: Garantidos pela lei /Aquelles malvados estão/ Nós temos a lei de Deus/ Elles têm a lei do cão! *In*: CUNHA, 2009, p.321. (grifo do autor)

<sup>150</sup> MONTE MARCIANO, João Evangelista de. *Relatório apresentado pelo Reverendo frei João Evangelista do Monte Marciano ao Arcebispo da Bahia sobre Antônio Conselheiro e seu séquito no arraial de Canudos*, Tipografia do Correio de Notícias, Bahia 1895, pp. 3 - 8. Disponível em: <<http://www.encyclopedicohistcultiglesiaal.org/diccionario/index.php/CANUDOS>>. Acesso em: 10 de fev. de 2015.

<sup>151</sup> OTTEN, 1990, p. 235.



sofrimento do povo amado por Deus<sup>152</sup>. Reconhecia também a proteção de Deus diante de seu povo lembrando a história de Isaac, único filho de Abraão que ia ser sacrificado por vontade divina para provar a grandeza do amor, mas que foi poupado pelo Criador<sup>153</sup>. Momento de reflexão em que Conselheiro para se referir a Deus parafraseava São João Crisóstomo:

Oh! Maravilhosa condescendência de vossa ternura! Oh! rasgo incomparável de caridade! Para resgatar o escravo entregastes o Filho! Oh! Deus infinito! Como pudestes usar conosco de ternura tão amável. Quem poderá jámais compreender o excesso desse amor, pelo qual para resgatar o escravo quisestes dar vosso Filho Unigênito?<sup>154</sup>

Conselheiro alertava aos belomontenses da extrema importância que devemos dar à Palavra de Deus, pois no final é a Ele que devemos prestar contas, independente do cargo que se ocupa:

[...] o homem que teme a Deus e sabe as contas que lhe há de dar, deve fazer muito por acertar em qualquer cargo ou poder em que se vê constituído, para não incorrer no pecado de comissão, nem experimentar o rigor com que Deus promete julgar as injustiças.<sup>155</sup>

#### 1.4 MISSÃO ABREVIADA: O LIVRO DO PEREGRINO

[...] trazia papel, pena e tinta;  
a Missão Abreviada e as Horas Marianas.<sup>156</sup>

Conhecido pelo sertão afora como “homem biblado”<sup>157</sup> por fazer uso contínuo da Bíblia Sagrada, Conselheiro também fez uso intensivo do mesmo manual utilizado pelos párocos, vigários, capelães do interior e qualquer outra liderança católica da época, a *Missão Abreviada*, de autoria do Pe. Manoel José Gonçalves Couto. Espécie de catecismo da doutrina católica que tinha sua finalidade exposta no próprio título: *despertar os descuidados, converter os pecadores e*

<sup>152</sup> MACIEL, 1897 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 623.

<sup>153</sup> MACIEL, 1897 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 225-226.

<sup>154</sup> MACIEL, 1897 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 227-228.

<sup>155</sup> MACIEL, 1897 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 263.

<sup>156</sup> CUNHA, 2009, p. 268.

<sup>157</sup> CALASANS *apud* VASCONCELLOS, 2004, p. 35.

sustentar o fruto das missões<sup>158</sup>. Hoornaert classifica o livro como uma espécie de “bíblia do povo sertanejo”<sup>159</sup>, pois era uma forma de catequização acessível e concreta. O livro contém 993 páginas, 211 meditações, instruções tituladas, 21 vidas de santos, apartados de práticas e devoções.

Cabral afirma que o livro *Missão Abreviada* tinha grande utilidade para todas as pessoas “em tão pouco tempo; uma grande multidão de pecadores verdadeiramente convertidos e emendados; muitas confissões gerais que se têm feito e se fazem por toda a parte, só por ter lido, ou ouvido ler este livro”.<sup>160</sup>

Na visão de Forman, os líderes dos movimentos sociais como o de Belo Monte

basearam a legitimidade de suas pregações apocalípticas em livros, tais como *Missões Abreviadas*, uma versão, sucinta, dos ensinamentos das missões jesuíticas aos índios brasileiros nos séculos dezoito e dezenove. Todos eles (com exceção do Padre Cícero e de Pedro Batista que conduziram dois movimentos transformados pela ordem social dominante em empreendimentos políticos e econômicos bem sucedidos) pregavam o fim do mundo e a salvação dos devotos e dirigiram seus seguidores a alguma área isolada onde estabeleceram uma comunidade de crentes à espera da chegada do Reino do Paraíso Terrestre.<sup>161</sup>

Vilanova faz o seguinte relato acerca da utilização e compilação do livro por Conselheiro:

O livro do Peregrino era a *Missão Abreviada*, onde muito se fala da morte, do inferno, do juízo final, dos açoites e espinhos e da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo. Os frades pregadores daquele tempo conduziam sempre este livro, que de tão cru, nas palavras, fechava sem piedades as portas do céu. *Também o Peregrino amava esse livro e varava o dia e a noite lendo ou copiando as Meditações e os Exemplos dos Santos*. Quando a mão do Peregrino cansava, escrevia por ele Leão de Natuba, que tinha boa caligrafia e era muito devoto.<sup>162</sup>

<sup>158</sup> COUTO, 1878 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p. 75. (Cf. Nota de rodapé nº 100). *Missão Abreviada* pode ser encontrado na forma de e-book fornecido pela Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: < <http://purl.pt/14841/3/#/0> > Acesso em: 10 de mar. de 2015.

<sup>159</sup> HOONAERT, Eduardo. *Verdadeira e falsa religião no Nordeste*. Salvador: Beneditina, 1972. – (col. E.P.N), p. 77-87.

<sup>160</sup> CABRAL, 1986 *apud* ANDRADE, 2006, p.66.

<sup>161</sup> FORMAN, Shepard. *Camponês: sua participação no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, Ano da última edição: 1979, Biblioteca Virtual Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/FORMAN\_Camponeses\_no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 05 de fev. de 2015.

<sup>162</sup> MACEDO, 1983, p. 49. (grifo nosso)

O conteúdo de Missão Abreviada é descrito por Otten como um manual de espiritualização provindo da Reforma<sup>163</sup> contendo uma “cristologia sacrificial seguida pelo imperativo dolorista da reparação dos pecados correlacionada à imagem de um Deus irado e temível”.<sup>164</sup> Mas, essa visão de um Deus vingativo e castigador, pronto para punir os pecadores deixando-os entregues aos poderes das trevas, não corresponde ao Deus pregado por Conselheiro que buscava “equilibrar esta corrente teológica sacrificial com uma condescendente”.<sup>165</sup> Exemplifiquemos:

[...] Quando Nosso Senhor Jesus Cristo vier a julgar a todos os homens, dos bens e males que fizeram em sua vida, dando a cada um o prêmio e o castigo, segundo os seus merecimentos. E então se cumprirá o que disse o anjo, tendo um pé no mar e outro na terra e, jurando pelo Criador vivente para séculos dos séculos: Que não haveria mais tempo [...] (Apoc. 10.6), porque dali por diante não haverá mais eternidade, a qual permanece para sempre, sem fim. É mui útil considerar-se a eternidade e essa consideração foi a que fez a muitos varões sábios e prudentes encher as religiões, povoar os desertos, deixar as riquezas e desprezar o mundo.<sup>166</sup>

José Luiz Fiorin, renomado linguista brasileiro, em seu livro “O discurso de Antônio Conselheiro” enfatiza a dependência do Peregrino frente ao livro Missão Abreviada e a reprodução de suas ideias fundamentais. Nesse ponto Vasconcellos discorda do analista e se mostra insatisfeito, declarando sua concordância com Otten: “Conselheiro ‘descola’ de suas fontes e constitui um discurso alternativo.”<sup>167</sup> Além do que a “*teologia condescendente* do Conselheiro se afasta da visão rigorista e autoritária expressa na Missão Abreviada quando se *aproveita da própria Bíblia*.”<sup>168</sup> Nesse sentido, “Antônio Conselheiro procura na Bíblia e na vida o Deus da bondade e o *Bom Jesus dos pobres e aflitos*”.<sup>169</sup>

Quanto ao livro Horas Marianas, seu teor volta-se para a Mariologia. Maria, mãe de Jesus, humilde sofredora que abre mão de seu filho em prol da salvação da humanidade. O livro apresenta o Ofício de Nossa Senhora para Liturgia das Horas permeado de textos bíblicos (mistério de Maria), salmos, antífonas, reponsórios, intercessões e oração (todos com caráter mariano), pois Maria deve ser

<sup>163</sup> Termo utilizado por Otten para designar um movimento de “interiorização e espiritualização da fé”: “O homem da Reforma propõe-se voltar a Cristo sem intermediações e exterioridades”. (Ver maiores detalhes *In*: OTTEN, 1990, p. 282)

<sup>164</sup> OTTEN, 1990, p. 283.

<sup>165</sup> OTTEN, 1990, p. 284.

<sup>166</sup> MACIEL, 1897 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 478-479.

<sup>167</sup> OTTEN, 1990 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p. 76.

<sup>168</sup> OTTEN *apud* VASCONCELLOS, 2004, p. 78-79 (grifos marcando as palavras de Otten).

<sup>169</sup> OTTEN, 1990, p. 285. (grifos do autor).

compreendida como modelo a ser seguido, símbolo de resignação frente às dores do mundo para superar os pecados.

## 2. O RELACIONAMENTO ENTRE ANTONIO CONSELHEIRO E AS AUTORIDADES RELIGIOSAS E POLÍTICAS

### 2.1 BREVE HISTÓRICO DO PEREGRINO ANTÔNIO CONSELHEIRO

O evangelizador surgiu...  
E cresceu tanto que se projetou na História.<sup>170</sup>

Na segunda parte de *Os Sertões* - Euclides da Cunha apresenta Antônio Conselheiro como documento vivo de atavismo, diátese e síntese, produto do meio, elemento representativo de mal social gravíssimo, portador de psicose progressiva e consciência delirante, “indo para a história como poderia ter ido para o hospício”. Em torno dele reúne “todas as crenças...misticismo feroz e extravagante”. A vida dele pode ser analisada sob o prisma de “um capítulo instantâneo da vida de sua sociedade.”<sup>171</sup>

Antônio Vicente Mendes Maciel nasceu em 13 de março de 1830, na cidade de Quixeramobim, interior do Ceará. O registro de batismo confirma sua religiosidade.

Aos vinte e dois de maio de mil e oitocentos e trinta batizei e pus os santos óleos nesta matriz de Quixeramobim ao párvulo Antônio, pardo, nascido aos treze de março do mesmo ano supra, filho natural de Maria Joaquina: foram padrinhos, Gonçalo Nunes Leitão e Maria Francisca de Paula. Do que, para constar, fiz este termo, em que me assinei. O vigário, Domingos Álvaro Vieira<sup>172</sup>.

Em 1834 morre a mãe de Conselheiro deixando três filhos - o pequeno Antônio, Francisca e Maria. Três anos depois o pai casa-se com Francisca Maria da Conceição, com quem teve mais duas filhas – Doroteia e Rufina.

A infância do menino Antônio foi marcada pelos maus-tratos da madrasta, pelas bebedeiras do pai alcoólatra e luta entre famílias – os Maciéis e os Araújo<sup>173</sup> (os primeiros sendo acusados de roubos, porém sem provas; o conflito foi marcado

<sup>170</sup> CUNHA, 2009, p. 268.

<sup>171</sup> CUNHA, 2009, p. 251-253 *passim*..

<sup>172</sup> FONTES, Oleone Coelho. *No rastro das alpercatas do Conselheiro* (Coletânea de textos conselheiristas e euclidianos). Salvador: Ponto & Vírgula Publicações, 2011, p. 19.

<sup>173</sup> MONIZ *apud* OTTEN, 1990, p. 141. “A luta sangrenta, iniciada em 1833, de vinditas em vinditas entre os Maciéis e os Araújo, ficou famosa no sertão cearense. Esta luta agravou-se com o massacre da família Maciel, sob a promessa não cumprida, de que ninguém seria morto. No massacre morreu Miguel Mendes Maciel, avô de Antônio Conselheiro, cuja honestidade... era reconhecida pelos próprios inimigos”.

por várias desavenças e mortes). Sabe-se que Vicente Mendes Maciel não se envolveu na intriga entre as famílias, criando seu filho numa disciplina rígida e honrada, seguindo os preceitos do catolicismo popular.

Ensinaram-lhe a sofrer com resignação, a esquecer as misérias terrenas para gozar as delícias celestiais e a aceitar como provações divinas os golpes impiedosos do destino. A leitura de obras sacras mostrava como os santos haviam sofrido e buscavam o sofrimento.<sup>174</sup>

Vicente Mendes Maciel desejava que seu filho Antônio seguisse carreira na vida sacerdotal, uma das pouquíssimas maneiras de ascensão social naquela época. Para tanto, primeiro solicitou a um amigo de seu pai que ensinasse o menino Antônio a ler, escrever e contar. Em seguida, o ingressou na escola particular de Manuel Ferreira Nobre e para aprender português, aritmética, geografia, latim e francês. Mas, Antônio ao completar 25 anos interrompeu os estudos com o falecimento de seu pai e com a sua admissão nos negócios da família, um comércio que já encaminhava para a falência, além de abruptamente receber a tarefa de cuidar das irmãs.

Após ver suas irmãs casadas, em 1857, Antônio Conselheiro casou com sua prima Brasilina Laurentina de Lima. No entanto, a instabilidade financeira de Antônio forçou-o a mudar-se constantemente de moradia, exercendo distintos ofícios: caixeiro, escrivão, professor e pedreiro. Talvez, a ausência de segurança no emprego tenha prejudicado sua vida conjugal. O certo é que em 1861, como diz Cunha, “surge-lhe um revés violento”<sup>175</sup> ao tornar-se vítima da traição de sua mulher com um sargento de polícia. Otten aponta esse período como o divisor de águas para a mudança de vida de Conselheiro:

A fuga da mulher quebrou esta linha ascendente e lançou-o aparentemente numa crise profunda. Esta, porém, se torna, ao que tudo indica, seio para uma vida nova. Começaria uma nova fase na vida de Antônio. Ele perambula pelos sertões como peregrino e penitente.<sup>176</sup>

A vergonha assomada à infelicidade o faz abandonar sua vida estável e assumir uma vida de andarilho. Vai para o sul do Ceará. Na passagem em Paus Brancos fere num ímpeto de loucura um parente que o hospedou, mas logo é

---

<sup>174</sup> MONTENEGRO, 1973, p. 119.

<sup>175</sup> CUNHA, 2009, p. 266.

<sup>176</sup> OTTEN, 1990, p. 144.

inocentado pela própria vítima. Depois disso, ficou um longo período desaparecido até que surge na Bahia: “anacoreta sombrio, cabelos crescidos até aos ombros, barba inculta e longa; face escaveirada; olhar fulgurante; monstruoso, dentro de um hábito azul de brim americano; abordoado ao clássico bastão em que se apoia o passo tardo dos peregrinos”<sup>177</sup>

Inicia aí a sua vida peregrina. Homem de poucas palavras, rude, humilde, vivendo sem nenhuma preocupação com o lado material. “Vivia de esmolas, das quais recusava qualquer excesso, pedindo apenas o sustento de cada dia. Procurava os pousos solitários. Não aceitava leito algum, além de uma tábua nua e, na falta desta, o chão duro.”<sup>178</sup> Pouco a pouco seu jeito simples, seu carisma, suas palavras de consolo e esperança espalham pelo sertão afora. “Ia-lhe crescendo o prestígio. Já não seguia só. Encalçavam-no na rota desnordeada os primeiros fiéis. Não os chamara. Chegavam-lhe espontâneos, felizes por atravessarem com ele os mesmos dias de provações e misérias.”<sup>179</sup>

O episódio da prisão de Antônio Conselheiro, em 1876, quando se encontrava em Itapicuru de Cima, Bahia, para concluir a restauração da capela Rainha dos Anjos, iniciada em 1874, acabou contribuindo para o aumento de sua popularidade. Acusado pela morte de sua própria mãe e de sua esposa, no Ceará, foi levado preso para ser julgado onde o crime aconteceu. Seus seguidores quiseram impedir sua prisão, porém, sem se abalar, o Peregrino acalmou seu povo dizendo que voltaria em breve.

O vigário de Itapicuru de Cima, Dom Luís D'Amour, solicitou às autoridades baianas que caso o beato fosse inocentado não autorizasse porém o seu retorno à Bahia, evitando assim a sua volta para junto de seus seguidores. Atendendo ao pedido, o secretário da polícia baiana escreveu ao colega do Ceará que não soltasse Antônio Conselheiro, pois “suas prédicas, plantava o desrespeito ao vigário local.”<sup>180</sup> Contudo, o beato foi posto em liberdade já que a acusação mostrou-se descabida pelo fato de

[...] ao supreeender o suposto “amante” com a mulher, Maciel teria matado as duas, adotando em seguida a vida religiosa para purgar-se do matricídio e do uxoricídio [...] Mera construção ficcional pois, como se sabe, a mãe de

<sup>177</sup> CUNHA, 2009, p. 266-267.

<sup>178</sup> CUNHA, 2009, p. 269.

<sup>179</sup> CUNHA, 2009, p. 269.

<sup>180</sup> MACEDO e MAESTRI, 2011, p. 33.

Antônio Maciel morreu em 1834 quando ele era menino, portanto sem conhecer a nora, e Brasilina encontrava-se viva quando da acusação.<sup>181</sup>

De 1877 a 1887, Conselheiro e seu séquito peregrinaram em missões pelos sertões baianos e, em suas andanças reformavam e construíam açudes, cemitérios, igreja<sup>182</sup>. Em 1893, Conselheiro e seus seguidores decidiram assentar-se em Canudos, um lugar paupérrimo, às margens do rio Vaza-Barris, no sertão da Bahia. Local este que foi rebatizado pelo beato de Belo Monte. Depois de tanta peregrinação, “pisavam, afinal, a terra da promessa – Canaã sagrada, que o Bom Jesus isolara do resto do mundo por uma cintura de serras.”<sup>183</sup> Em pouco tempo foram construídos milhares de casebres. A cada dia o número de belomontenses aumentava mais e mais. Vinham de toda parte, movidos pelo desejo de uma vida menos miserável. Eram “voluntários da miséria e da dor, eram venturosos na medida das provações sofridas.”<sup>184</sup>

E, assim, entrou para a História um homem que dentre suas várias alcunhas era para Calasans o “bondoso Peregrino”, o “mensageiro da providência”, o “caminhante desafortunado”, enfim, “o mais famoso condutor de homens nos sertões brasileiros do século XIX”.<sup>185</sup>

## 2.2 O POSICIONAMENTO DAS AUTORIDADES RELIGIOSAS

[...] não convém, ainda, esquecer a atuação de Igreja Católica que viu, na singular religião cristã praticada em Canudos, um sério perigo para a sua evangelização nos sertões.<sup>186</sup>

Compreendermos a ação da Igreja nos acontecimentos que envolvem Antônio Conselheiro e seu séquito não é uma tarefa simplória. Pesquisadores renomados têm opiniões divergentes.

Maria Isaura Pereira de Queiroz ao analisar o movimento de Belo Monte afirma que Antônio Conselheiro à medida que ganhava fama “adquiria o manso pregador certos traços de agressividade; passou a ter desavenças tanto com as

<sup>181</sup> MACEDO e MAESTRI, 2011, p. 34. (grifo dos autores)

<sup>182</sup> MACEDO e MAESTRI, 2011, p. 35.

<sup>183</sup> CUNHA, 2009, p. 295.

<sup>184</sup> CUNHA, 2009, p. 299-300.

<sup>185</sup> CALASANS [s.d.] *apud* FONTES, 2011, p. 226.

<sup>186</sup> MONTENEGRO, 1973, p. 175.



autoridades locais quanto com as eclesiásticas, por motivos banais”.<sup>187</sup> Na opinião de Vasconcellos tal mudança pode ser entendida levando em conta “as realidades conjunturais do sertão,”<sup>188</sup> ou seja, o universo sertanejo popular (no qual Conselheiro foi alfabetizado e teve contato aos livros) e a cultura eclesiástica (representada pelo contato com Missão Abreviada), além do agravante das calamidades oriundas da seca no sertão nordestino.

Em 1874, o jornal sergipano, *O Rabudo*, o descreve como Santo Antônio dos Mares, “um aventureiro santarrão”, realizador de “milagres mentirosos”, a tal ponto da população considerá-lo “santo”<sup>189</sup>.

No ano seguinte, 1875, a *Folhinha Laemmert*, do Rio de Janeiro, refere-se a ele como um homem que exerce uma “grande influência no espírito das classes populares”.<sup>190</sup>

Sabe-se que Conselheiro peregrinava pelo sertão adentro pregando, rezando, liderando procissões e, também, reformando e construindo cemitérios, açudes, igrejas e capelas. No geral, Conselheiro e seu séquito eram bem recebidos e a cada dia mais e mais adeptos aderiam ao grupo em suas andanças.

Comumente, párcos chamavam-no para que promovesse reformas e obras de conservação nas igrejas decaídas. Para tal, apenas lhe cediam o púlpito e o direito à pregação, o que contribuía para que Antônio Maciel reforçasse o perfil de pregador semi-oficial da igreja.

[...] As obras da capela do Senhor do Bonfim, uma de suas melhores realizações arquitetônicas, foram concluídas, em 1855, e o templo mantém-se até hoje intacto.<sup>191</sup>

Para Moniz, as tensões com as autoridades religiosas ocorreram em parte porque os padres

não protestavam contra as terras tomadas, contra os salários que não davam para matar a fome, contra os abusos das autoridades com as quais viviam na melhor harmonia, visitando-se e banqueteadando-se juntos. O mesmo não se dava com Antônio Conselheiro que, além da prédica religiosa e da condenação das injustiças sociais, organizara, na prática, uma comunidade igualitária, transferindo para a terra o que os padres prometiam no céu.<sup>192</sup>

<sup>187</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. 2 ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1977, p. 226.

<sup>188</sup> VASCONCELLOS, 2004, p. 63.

<sup>189</sup> MACEDO e MAESTRI, 2011, p. 28.

<sup>190</sup> MACEDO e MAESTRI, 2011, p. 30.

<sup>191</sup> MACEDO e MAESTRI, 2011, p. 37.

<sup>192</sup> MONIZ, 1987 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p. 69.

Na visão de Villa, “o arraial [conselheirista] permitiu integrar as necessidades econômico-sociais às religiosas, concretizando plenamente o que, para o sertanejo, nunca deveria estar dissociado: *a religião e a vida*.”<sup>193</sup>

Conselheiro reconhecia a liderança do Papa e dizia: “na vara do sumo pontífice se veem expressamente estas três cruzeiras, símbolo do supremo poder daquele supremo ministro de Deus,”<sup>194</sup> além do que ele reconhecia e defendia a Igreja da qual fazia parte citando Mt 16,18: “Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”<sup>195</sup>. Acreditava que a classe clerical (papas, cardeais, arcebispos e bispos) deveria servir a Deus e dirigir o povo para o bem, através das bênçãos:

Estas bênçãos se veem lançar os papas, cardeais, bispos e todas mais pessoas constituídas em dignidade eclesiástica, no fim da missa e mais cerimônias da Igreja, quando abençoam o povo cristão, invocando nela as três Pessoas da Santíssima Trindade, que as formou e dirigiu para nosso bem.<sup>196</sup>

Desse modo, é possível perceber que o Peregrino não exercia função sacerdotal. Ele tinha consciência que essa era uma das tarefas exclusivas do sacerdote. Também “não se inculca enviado de Deus. Não é profeta. Apenas prega a doutrina dos evangelhos e a da tradição da igreja católica romana.”<sup>197</sup>

Os registros relatam que,

Em 1888, um oficial da polícia baiana encontrou Antônio em Monte Santo. Segundo ele, os vigários deixavam-no pregar ‘impunemente’, ‘tanto mais que ele nada ganha, e, ao contrário, promove extraordinariamente os batizados, casamentos, desobrigas, festas, novenas e tudo o mais em que consistem os vastos rendimentos da igreja’. Ou seja, Antônio Maciel pregava e o bom pároco, faturava<sup>198</sup>.

Sua oposição era contra os protestantes, a maçonaria, os judeus e a República, o que era compatível com as orientações da Igreja Apostólica Romana da época. Vasconcellos admite não entender ao certo o porquê de os sertanejos

<sup>193</sup> VILLA, 1995 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p. 89 (grifos nosso).

<sup>194</sup> MACIEL, 1897 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 500-501.

<sup>195</sup> MACIEL, 1897 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 435.

<sup>196</sup> MACIEL, 1897 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 500.

<sup>197</sup> NOGUEIRA, 1978, p. 8.

<sup>198</sup> MACEDO e MAESTRI, 2011, p. 37.

terem uma atitude antijudaica, “a não ser que ela seja atribuída a longa tradição desenvolvida no interior da igreja católica e a que Conselheiro teve acesso”<sup>199</sup> e/ou pelo fato dos judeus só “acreditarem na lei de Moisés;” quanto aos maçons, protestantes e republicanos, pelo fato de que eles “não ligam a menor importância pela sua salvação.”<sup>200</sup>

Conselheiro passou a criticar o clero quando seus integrantes preteriam os ricos e poderosos ao invés de estar ao lado dos pobres, através do conselho de Cristo: “é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus.”<sup>201</sup> Com comportamento semelhante ao Padre Ibiapina, Conselheiro obedecia às orientações superiores e assumia a missão recebida no batismo de participar da comunidade organizando-a, pregando o Evangelho e aconselhando seus seguidores de que o maior bem que devemos buscar é a salvação da alma. Pregava o respeito sem que houvesse confronto direto. Mas, as posturas dos padres nem sempre correspondiam a uma ação pastoral digna de ser seguida. Comparando Padre Cícero com o Peregrino, Honório Vilanova declara que “havia grande diferença entre ambos. Enquanto Padre Cícero acumulava riquezas, as esmolas dadas a Conselheiro eram distribuídas com a pobreza.”<sup>202</sup>

Ao perceber o chamado de Deus e orientado pela sua palavra, o Peregrino procurou reunir o povo valendo-se da qualidade de leigo comprometido. Segundo Vasconcellos, como o beato não se considerava padre não pode ser confundido com um “usurpador do ministério clerical, muito menos seu representante.”<sup>203</sup> E ressalta que seu beatismo tem raízes profundas na tradição judaico-cristã, distanciando-se dos padrões estabelecidos de vivência religiosa e com acentuada dimensão ética e comportamental. Exercia uma autonomia religiosa frente às instituições sem romper com os preceitos das mesmas. Era uma liderança “forte, perseverante, calmo, dominado por uma esperança no triunfo, só comparável à fagueira sedução do seu ideal”<sup>204</sup>. Sua autoridade e carisma entre os fiéis foram notados pelo frei João Evangelista como frutos da experiência cotidiana: “um porte grave e ar penitente que não pouco teria contribuído para enganar e atrair o povo simples e ignorante dos

---

<sup>199</sup> VASCONCELLOS, 2004, p. 228.

<sup>200</sup> MACIEL, 1897 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p. 228.

<sup>201</sup> ARRUDA *apud* VASCONCELLOS, 2004, p. 82. (Cf Mt 19,24).

<sup>202</sup> FONTES, 2011, p. 97.

<sup>203</sup> VASCONCELLOS, 2004, p. 154.

<sup>204</sup> MILTON, 1902 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p. 154-155.

nossos sertões”, assim como “certa reputação de austeridade de costumes.”<sup>205</sup> Sua liderança não o afastava do caráter de participante da comunidade e sua palavra tinha força tamanha que justificaram o apelido de Conselheiro e foi reconhecida até pelos inimigos do arraial, conforme declaração do frei: “costuma reunir em certos dias o seu povo, para dar-lhes *conselhos*, que se ressentem sempre do seu fanatismo em assunto de religião e da sua formal oposição ao atual regime político.”<sup>206</sup> Tavares descreve o depoimento de Francisca Guilhermina que a esse respeito diz lembrar-se de Conselheiro “falando manso, de tarde, para o povo e só dava bons conselhos [...] havia muita fé em Conselheiro e os ensinamentos dele era uma felicidade ouvir, pois só pregava para o bem”<sup>207</sup>. Nas palavras de Milton, “era preciso ser um homem fora do comum para se impor à multidão por meio da palavra e do gesto, como Antônio Conselheiro fazia”<sup>208</sup>.

A forma de agir do Peregrino, desde o início de sua peregrinação, principalmente o uso público da palavra, incomodou muitas autoridades religiosas que desaprovavam e desconfiavam das atividades exercidas por ele. Tal sentimento aumentou com a crescente popularidade do beato. Era difícil para o clero compreender como um maltrapilho poderia despertar tanta admiração por parte dos sertanejos, chegando ao ponto do aglomerado que se juntava para ouvi-lo fosse maior do que dos sacerdotes. Em outras palavras, “é difícil para um vigário enfrentar Conselheiro. Este é estimado pelo povo por sua vida austera e penitente, muitas vezes mais convincente do que a dos vigários. Ele é tido como um santo.”<sup>209</sup>

Essa situação provocou ciúmes por parte da comunidade clerical que temia a perda de espaço. Enfim, “o que gerou, pelas cartas dos vigários, o confronto entre Igreja e Conselheiro era o fato de que o beato reclamava para si o direito da *prédica*”<sup>210</sup>. O Padre Leopoldo Antônio do Guia ao dirigir-se à Arquidiocese demonstrou preocupação com seus conselhos, pois considerava o Peregrino um homem sem ciência, um impostor enganando um povo ignorante:

Este homem que se diz penitente, conquanto tenha alguma utilidade para levantar paredes de capelas e de cemitérios, tudo desfaz com os tais conselhos que, falta de toda ciência, prega ao povo, assim diz ele, que todo

<sup>205</sup> MONTE MARCIANO, 1985 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p. 155.

<sup>206</sup> MONTE MARCIANO, 1985 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p. 155.

<sup>207</sup> TAVARES, 1993 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p. 156.

<sup>208</sup> MILTON, 1902 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p. 156. (Cf. Nota de rodapé nº 199)

<sup>209</sup> OTTEN, 1990, p. 157.

<sup>210</sup> OTTEN, 1990, p. 157.

aquele que comer carne, ovos, leite na quaresma, sem mais outra distinção está no inferno, isto com um povo ignorante e arrastado a novidades e mais fácil a se deixar arrastar por certos embusteiros [...]”<sup>211</sup>.

O Padre revelou que não seria fácil acabar com as heresias “praticadas pelo Conselheiro visto que muitos padres não só aceitavam a presença dele como o convidavam para pregar nas Paróquias, divulgando ainda mais as superstições”<sup>212</sup>. E acrescentou: “como não haverá esta superstição se há sacerdotes que consentiram ao mesmo Antônio pregar dentro da própria Matriz, de maneira que quando convencidos do papel ridículo que representam, querem reagir, é sempre tarde”.

Alguns sacerdotes, como os vigários de Nossa Senhora da Piedade (SE), Simão Dias (SE) e Coité (BA), chegaram a expulsar Conselheiro e seus seguidores de suas freguesias, mas os mesmos saíam em desvantagem, visto que “o povo preferia ouvi-lo, nenhum efeito produzindo as palavras dos sacerdotes, nem mesmo as ameaças de excomunhão”<sup>213</sup>. Ainda mais porque a imagem do clero católico estava manchada aos olhos do povo devido à falta de postura dos padres da época que tinham uma vida mundana, dissoluta, buscando o enriquecimento, tendo relacionamentos amorosos e, até mesmo, constituindo família. “De qualquer forma, diante do Conselheiro, os vigários quando se opuseram, perdiam quase toda a credibilidade e autoridade”<sup>214</sup>.

Percebe-se que o problema partiu da hierarquia da Igreja e não de Conselheiro que por sua vez preferia ir para outro lugar a confrontar as autoridades eclesiais. Basta observar as atitudes dos sacerdotes ao enviar cartas ao Arcebispo da Bahia, D. Luís Antônio dos Santos, queixando-se do Peregrino, relatando as preocupações ligadas a sua passagem pelas paróquias e, por isso, exigindo providências e resposta do representante da Igreja no sentido de proibir as pregações realizadas por Conselheiro, principalmente nas igrejas<sup>215</sup> nos seguintes termos:

<sup>211</sup> OTTEN, 1990, p. 156.

<sup>212</sup> OTTEN, 1990, p. 157.

<sup>213</sup> CALASANS, José. *Canudos não euclidiano*. p. 7 Disponível em <<http://josecalasans.com/downloads/artigos/33.pdf>> Acesso em 20 out 2014.

<sup>214</sup> OTTEN, 1990, p. 157.

<sup>215</sup> O Arcebispo da Bahia, em fevereiro de 1882, enviou carta-circular a todos os párcos da Bahia, visando por fim a benevolência deste para com o Conselheiro.

Chegando ao nosso conhecimento que, pelas freguesias do centro deste arcebispado, anda um indivíduo denominado Antônio Conselheiro, pregando ao povo, que se reúne para ouvi-lo, doutrinas supersticiosas e uma moral excessivamente rígida com que está perturbando as consciências e enfraquecendo, não pouco, a autoridade dos párocos destes lugares, ordenamos a V. Revma., que não consinta em sua freguesia semelhante abuso, fazendo saber aos paroquianos que lhes proibimos, absolutamente, de se reunirem para ouvir tal pregação, visto como, competindo na Igreja católica, somente aos ministros da religião, a missão santa de doutrinar os povos, um secular, quem quer que ele seja, ainda quando muito instruído e virtuoso, não tem autoridade para exercê-la. Entretanto sirva isto para excitar cada vez mais o zelo de V. Revma., no exercício do ministério da pregação, a fim de que os seus paroquianos, suficientemente instruídos, não se deixem levar por todo o vento de doutrina etc.<sup>216</sup>

Mesmo diante das acusações e da proibição de pregar o que se sabe é que Conselheiro não respondeu. Preferiu respeitar às normas do Arcebispo, pois acreditava que o mais importante seria cuidar da comunidade, superar as dificuldades internas e conversar com os que estavam chegando. Independente das críticas que recebia, em suas prédicas nota-se certo equilíbrio e amor do beato pela Igreja.

O senso de unidade na Igreja fazia com que Antônio Conselheiro não promovesse nenhum tipo de divisão. Preocupava-se com a ruptura da única Igreja de Jesus Cristo, visto que para ele não havia outra. Por isso, sofria com os que caluniavam a Igreja que ele representava, com os inimigos do Bom Jesus.

Mas, em 1887, o arcebispo da Bahia enviou um ofício à autoridade máxima provincial solicitando providências para impedir Conselheiro de pregar “doutrinas subversivas” contra a Igreja e o Estado. Vendo-se na obrigação de atender ao pedido da autarquia eclesiástica, o presidente da província enviou um ofício ao ministro do Império pedindo o internamento do pregador no hospício do Rio de Janeiro, porém não foi atendido e tendo como justificativa a ausência de vagas. Desse modo, como não foi parar num hospício o lugar do beato ficou registrado na história.

---

<sup>216</sup> SANTOS, D. Luiz Antônio dos, 1882 *In: O Rei dos Jagunços de Manuel Benício apud CUNHA, 2009, p. 280.*

### 2.3 AS AÇÕES QUE DERAM ORIGEM À CAMPANHA DA GUERRA DE BELO MONTE

A república há de cair por terra para confusão daquele que concebeu tão horrorosa ideia<sup>217</sup>.

O final do século XIX foi marcado pelo fim da escravidão, em 1888, e a proclamação da República, em 1889. Tais acontecimentos tiveram fortes impactos na sociedade da época. Primeiro, era preciso readaptação a uma nova situação econômica e social – ex-escravos precisavam encontrar um jeito para sobreviverem. Segundo, a reviravolta no sistema político – de súditos a cidadãos. Certamente a realidade requeria postura até então inexistente na vida do brasileiro. Ademais, havia outros fatores determinantes nessa história – a situação geográfica, a cultural e a religiosa. Como disse Cunha, tínhamos “dois Brasis: o do sertão e o do litoral”. Perceber a visão das autoridades políticas e/ou religiosas frente à problemática que gerou o conflito e, conseqüentemente, a destruição em massa dos belomontenses, envolve variantes significativas que, na maioria das vezes, são divergentes.

Para aqueles apressados em elucidar o problema da existência de Belo Monte, o desvendamento está associado à loucura de um único homem: Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro. Para outros, a resposta do enigma está na briga pela terra. Outros consideram a fome e a miséria como responsáveis pelo ocorrido. Há aqueles que acreditam que a resposta esteja no campo do sagrado. E, há ainda os que esclarecem de que é preciso analisar cuidadosamente todos os fatos que contribuíram para a formação e extermínio dos conselheiristas.

O médico, professor de Medicina Legal e fundador da Escola Baiana, Raimundo Nina Rodrigues, assim se referiu sobre o Peregrino:

Penetrando nos sertões da Bahia para o ano de 1876, já Antônio Maciel levava finalmente descoberta a fórmula do seu delírio. E o batismo de Antônio Conselheiro sob que o ministro ou enviado de Deus inicia a sua carreira de missionário e propagandista da fé era o átrio apenas de onde a loucura religiosa o havia de elevar ao Bom Jesus Conselheiro da *fase megalomaniaca da sua psicose*.<sup>218</sup>

<sup>217</sup> MACIEL, 1897 *apud* NOGUEIRA, 1997, p. 193.

<sup>218</sup> RODRIGUES, Nina. *As Coletividades Anormais*. Brasília: Senado Federal, 2006, vol. 76, p. 44.

Disponível em:

<[http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/188307/As%20Coletividades%20Anormais.pdf?s\\_equence=3](http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/188307/As%20Coletividades%20Anormais.pdf?s_equence=3)> Acesso em 20 out 2014.(grifo nosso)

Para o médico e cientista social, Conselheiro não tinha capacidade intelectual para compreender a República. Daí todo o seu repúdio ao sistema político instaurado. Contudo para entendermos o porquê de toda a rejeição é preciso retomar a crença da monarquia como “direito divino”. No ideário religioso do sertão o rei tinha legitimidade em assumir o poder, uma vez que seu poder lhe foi dado pelo próprio Deus.<sup>219</sup>

A mudança de regime monárquico para republicano foi visto por muitos sertanejos como uma afronta ao poder de Deus.

Reuniram-se os reis da terra e os príncipes coligaram-se contra o Senhor, e contra o Seu Cristo. A terra está em lágrimas e coberta de dó, sua fraqueza é visível. Está aviltado tudo o que havia de grande entre os povos, porque foram transgredidas suas leis, seu direito está mudado, quebrado seu pacto eterno.<sup>220</sup>

O poder divino dos reis estava ameaçado. Com a instauração da República teríamos “a perda dos Estados Pontifícios e a conseqüente redução do poder temporal do papa.”<sup>221</sup> Porém, a Igreja católica baiana apesar de ter defendido em 1889 que a República era um poder “antagônico à religião e ao Cristo” (parte dessa reação advém da separação da Igreja e do Estado, da obrigatoriedade do casamento civil e a secularização dos cemitérios), já em 1895 passou a demonstrar uma nova “postura de tolerância e convivência” com a finalidade de “garantir o máximo de privilégios na nova situação”.<sup>222</sup> Vale mencionar que “a República não oferecia aos sertanejos e à população em geral melhores alternativas de vida”.<sup>223</sup> Além disso, como afirma Villa “para a sofrida massa rural, a República passou a ser sinônimo de miséria, opressão, imposto, fome e morte.”<sup>224</sup>

De acordo com Macedo e Maestri,

<sup>219</sup> Ver mais detalhes *In*: LOPES, Marcos Antônio. *O direito divino dos reis: para uma história da linguagem política no antigo regime*. Revista Síntese Nova Fase, v.19, n.57, 1992, p. 223-248. Disponível em: < <http://faje.edu.br/periodicos2/index.php/Sintese/article/viewFile/1541/1892> > Acesso em: 02 de jul de 2015.

<sup>220</sup> BASTOS, 1995 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p. 288.

<sup>221</sup> VASCONCELLOS, 2004, p. 288.

<sup>222</sup> VASCONCELLOS, 2004, p. 288.

<sup>223</sup> MACEDO & MAESTRI, 2011, p. 56.

<sup>224</sup> MACEDO & MAESTRI, 2011, p. 56.



É compreensível que, para um católico fervoroso como Antônio Maciel, as dificuldades fossem entendidas como resultado da separação entre as coisas públicas e as coisas de Deus. A Monarquia fora o governo de Deus na terra! A República transformava-se no governo do “cão” – ou seja, do demônio.<sup>225</sup>

Mas, satisfeitos ou não, sejam por questões políticas ou religiosas, todos deveriam se curvar frente ao poder ora constituído. Ir contra a República era visto como desejo de retorno ao poder monárquico. Assim,

A seita político-religiosa, estabelecida e entrincheirada nos Canudos, não é só um foco de superstição e fanatismo e um pequeno cisma na igreja baiana; é, principalmente, um núcleo, na aparência desprezível, mas um tanto perigoso e funesto de ousada resistência e hostilidade ao governo no país. Encarados o arrojo das pretensões e a soberania dos fatos, pode-se dizer que é aquilo um Estado: ali não são aceitas as leis, não são reconhecidas as autoridades, não é admitido à circulação o próprio dinheiro da República.<sup>226</sup>

#### Segundo Vasconcellos:

A convergência entre as perspectivas apresentadas pelo *Relatório* atribuído a frei João e pela obra de Euclides, mesmo *Os Sertões*, sobre Belo Monte, é a afirmação inequívoca da impossibilidade do dissenso que o arraial representava. Primeiramente é preciso notar, [...] que se foi estabelecendo uma progressiva sintonia entre ambas as vertentes (Igreja e República) no tocante ao problema que Belo Monte caracterizava. E uma não se julgava em condições de intervir sem a complacência e o apoio da outra. Com efeito, a arquidiocese baiana não se furtou ao pedido do governo do Estado para que enviasse os missionários encarregados de *dissolverem o arraial com a força de sua palavra e de sua autoridade*. Podemos imaginar que os interesses específicos que levaram ao envio da missão fossem distintos (a afirmação do monopólio clerical e o restabelecimento da ‘ordem’ tributária e social), mas não foi difícil ver que eles convergiam. Por outro lado, o poder civil (estadual e depois federal) só fez uso das armas contra Belo Monte depois que a Igreja dera, por meio do seu *Relatório*, seu *placet* e, mais ainda, insinuara que só uma ação enérgica daria conta do problema.<sup>227</sup>

Na sequência, Vasconcellos propõe uma comparação entre o Relatório de frei João com a obra de Euclides da Cunha sobre Belo Monte afirmando que, enquanto o primeiro preocupa-se em “recuperar o lugar da instituição eclesiástica entre os sertanejos de Conselheiro e se esforçar em apresentar a questão no quadro

<sup>225</sup> MACEDO & MAESTRI, 2011, p. 56.

<sup>226</sup> MONTE MARCIANO, 1985 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p. 240.

<sup>227</sup> VASCONCELLOS, 2004, p.306-307. (grifos nosso e do autor, respectivamente).

de uma teologia política,<sup>228</sup> o segundo “cioso do regime político pelo qual batalhou e justamente por isso foi enviado ao palco dos combates, desde o início procura definir a necessidade do desaparecimento de Belo Monte em termos religiosos, e até teológicos”<sup>229</sup> e afirmava que no arraial havia uma “seita esdrúxula – caso de simbiose moral em que o *belo ideal cristão* surgia monstruoso dentre aberrações fetichistas”<sup>230</sup>.

Tanto a Igreja Católica quanto a República veem Antônio Conselheiro e seu séquito como inimigos. Essa verificação pode ser percebida mais uma vez através do relatório do frei João Evangelista e da narrativa de Euclides da Cunha quando tratam do destino dos envolvidos com o novo sistema político representado. Ambos consideravam o lugar como *Jerusalém*, mas como afirma Vasconcellos “não aquela do céu ou anunciada no Apocalipse, mas aquela das maldições, seja a de Jesus, segundo frei João, ou a dos profetas de Israel, segundo Euclides,”<sup>231</sup> e percebiam que uma intervenção capaz de destruição só seria possível em conjunto.

Em 1893, em Natuba, atual Nova Soure, Antônio Conselheiro reagiu às altas taxas de impostos sobre mercadorias comercializadas no mercado. Os editais eram afixados, por determinação da Câmara de Vereadores. Em dia de feira livre, Conselheiro reuniu o povo e incentivou a arrancar das paredes e queimar os editais, como forma de protesto para não pagá-los.

Uma horda de mais de 500 homens, carregados com armas de fogo, cacetes e chuços, fora os índios de Mirandela, com arcos e flechas, percorreu as ruas com ameaças, insultos e improperios, protestando que se de novo fossem colocadas as tabuletas seriam outra vez despedaçadas, e que ninguém, absolutamente ninguém, pagaria um real de imposto porque não reconheciam e nem obedeciam as leis da república.<sup>232</sup>

É preciso considerar que as palavras do barão de Jeremoabo eram úteis a seus interesses – acabar com Conselheiro e seus seguidores. Num cenário coronelista é certo que a ordem político-econômica é ditada pelo poderio dos latifundiários e coronéis, principalmente por estarem atravessando problemas com a falta de mão de obra servil. Vasconcellos nos mostra o depoimento de um habitante

<sup>228</sup> VASCONCELLOS, 2004, p.307.

<sup>229</sup> VASCONCELLOS, 2004, p.307.

<sup>230</sup> CUNHA, 2009 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p.307.

<sup>231</sup> VASCONCELLOS, 2004, p.305-306.

<sup>232</sup> Cícero Dantas Martins (barão de Jeremoabo). Transcrição de Arruda, 1995 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p.108.

de Queimadas publicado no Jornal de Notícias, Salvador 10/06/1893, garantindo que o líder dos conselheiristas

Não aconselha o povo que deixe de pagar impostos, como informaram à ilustrada redação do Diário; aconselhou, sim, num dos lugares por onde passou, que não pagassem os impostos municipais por serem excessivamente vexativos, o que é coisa muito diversa.<sup>233</sup>

Apesar de o ato ter sido sem violência, as autoridades políticas e religiosas incitaram o governo a reprimi-los. Como agravante Conselheiro encomendou em Juazeiro madeira para a construção da Igreja Nova. Mas, o juiz Arlindo Leoni aproveitou da situação (pois havia se desentendido com Conselheiro e seus seguidores no episódio do levante contra os impostos locais em Soure) e impediu que a madeira fosse despachada para Belo Monte. Como o pagamento foi antecipado, os conselheiristas não viram outro meio senão buscar a madeira. Sabendo da pretensão dos conselheiristas, o juiz requisitou ao governo providências alegando que a cidade seria invadida. Assim, num lugarejo chamado Masseté as forças policiais atacam duramente o povo de Conselheiro que respondeu a altura, fazendo com que os soldados batessem em retirada. O ocorrido marca o estabelecimento de Conselheiro e seu séquito em Belo Monte. Entretanto, infelizmente, já estava decretado o fim dos conselheiristas.

Na verdade, a destruição de Belo Monte foi fruto de um somatório de conflitos entre facções partidárias da Bahia, da atuação da Igreja contra as atividades exercidas pelo beato e as pressões dos grandes proprietários de terras contra a comunidade, que trazia escassez de mão de obra e rompia o equilíbrio político da região devido à sua expansão. Enfim, os belomontenses incomodavam muita gente.

Vale mencionar que a imprensa da época, tanto a local quanto a nacional, contribuíram para aflorar os nervos dos envolvidos. Percebe-se que quase em sua totalidade os jornais proclamavam Conselheiro como a ovelha negra a desregrar o rebanho. Não era o bom pastor. Por isso, precisava compreender quem estava com as rédeas.

---

<sup>233</sup> Carta publicada na edição do referido jornal citada por Dawid Danilo Bartelt. *In*: VASCONCELLOS, 2004, p. 111.

[...] una de las cosas que me fascinó, al investigar sobre lo ocurrido em la rebelión de Canudos, fue ver como la prensa desempeñó un papel tan importante en la deformación de la realidad. Es decir, las publicaciones de la prensa (...) constituyen una información totalmente subjetiva que está condicionada por las ideas políticas o los prejuicios de cada cual. A partir de la lectura de los periódicos de la época resulta imposible comprender el movimiento de Canudos porque las interpretaciones de la prensa son disparatadas<sup>234</sup>

Machado de Assis até tentou alertar aos seus leitores: “Crede-me, esse Conselheiro que está em Canudos... não é o que dizem telegramas e papéis públicos.”<sup>235</sup>

De acordo com Sevcenko, “as origens do conflito revelavam as dificuldades do Brasil, preso ao padrão de uma economia agrária do modelo colonial, em se adaptar às dinâmicas de modernização no contexto internacional.”<sup>236</sup>

O avanço da industrialização e o salto tecnológico das técnicas de produção contribuíram para que as potências emergentes pressionassem fazendo com que a abolição da escravatura, o declínio do Império e a proclamação da República no Brasil ocorressem numa única sequência ocasionando um verdadeiro caos na estrutura agrária brasileira que apesar de sua tentativa para reajustar à nova ordem não conseguiu controlar o êxodo rural. “Um dos efeitos dessa desestabilização foi o surpreendente surgimento de Canudos [...] brotou e cresceu tão rápido quanto um cogumelo depois da chuva”. A quantidade enorme de pessoas vindas de todos os lados no afã de participar da comunidade que prosperava fez com que os fazendeiros e autoridades da região temessem perder o poder e a mão de obra e, assim, tropas se deslocaram para o arraial a fim de conter os rebeldes até que “dá (sic) cidade pujante e livre, restaram só cinzas e fumaça [...] Um festival macabro de ignorância.”<sup>237</sup>

<sup>234</sup> LLOSA, Mário Vargas numa entrevista concedida a Ana Maria Moix (referente à novela *A guerra do fim do mundo*) In BERNUCCI, Leopoldo. *História de um malentendido: un estudio transtextual de La guerra del fin del mundo de Mario Vargas Llosa*. New York: Lang, 1989, p. 214.

<sup>235</sup> Crônica publicada pela Gazeta de Notícias de 22 de julho de 1894. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/cronica/mac12.pdf>> Acesso em: 20 de abr de 2015.

<sup>236</sup> SEVCENKO, Nicolau. *A Guerra de Canudos apud* MARTINS, Antonio C. G. *A chacina de Canudos: por um exército sem distintivos e sem fardas (segundo Euclides)*. São Paulo: All Print Editora, 2011, p. 333.

<sup>237</sup> SEVCENKO, [s.d.] *apud* MARTINS, 2011, p. 333.

## 2.4 BELO MONTE: FANATISMO, MESSIANISMO, SEBASTIANISMO, MILENARISMO OU APOCALÍPTICO?

Reuniu-se tanta gente  
Para o dia da Redenção  
Esperaram o Salvador  
E o Rei D. Sebastião  
Gente fazia fileira  
Foi a Tróia brasileira  
Nos carrascos do sertão<sup>238</sup>.

Estudiosos renomados divergem na tentativa de conceituar o elemento religioso vivenciado em Belo Monte. Uns denominam os belomontenses como fanáticos, outros como milenaristas, outros como bando de messiânicos, como sebastianistas e, ainda, outros como séquito apocalíptico.

Iniciemos com as contribuições do nosso mais ilustre escritor sobre o assunto, Euclides da Cunha, em *Os Sertões*. O autor faz uma comparação entre a atuação de Antônio Conselheiro com a de Montano<sup>239</sup>: “a castidade exagerada ao máximo horror pela mulher” e “O mesmo milenarismo extravagante, o mesmo pavor do Anticristo despontando na derrocada universal da vida. O fim do mundo próximo...”<sup>240</sup>

Cunha prossegue com as profecias trazendo o prenúncio das desgraças que seriam provas contundentes de que estava próximo o Juízo Final:

[...] Em 1894 ha de vir rebanhos mil correndo do centro da Praia para o certão; então o certão virará Praia e a Praia virará certão. Em 1897 haverá muito pasto e pouco rastro e um só Pastor e um só rebanho. Em 1898 haverá muitos chapeos e poucas cabeças. Em 1899 converterá-se as águas em sangue e o planeta ha de aparecer no nascente com o raio do Sol que o ramo se confrontará com a terra e a terra em algum lugar se confrontará no ceo [...]  
Ha de chover uma grande chuva de estrelas e ali será o fim do Mundo. Em 1901 se apagarão as luzes. Deus disse no Evangelho: eu tenho um rebanho que anda fora deste aprisco e é preciso que se reúnam, porque há um só Pastor e um só rebanho!<sup>241</sup>

<sup>238</sup> CALASANS, 1959, p. 53.

<sup>239</sup> **Montano** foi um movimento que surgiu e se espalhou durante as últimas décadas do segundo século. Seu fundador foi Montano, um convertido ao cristianismo que viveu na região da Ásia Menor. Chamada por seus seguidores de “Nova Profecia, o montanismo retoma a perspectiva apocalíptica dos primeiros cristãos. Cf. WALKER, W. *História da Igreja Cristã*. São Paulo: ASTE, 2006, p. 85-87.

<sup>240</sup> CUNHA, 2009, p. 275-276.

<sup>241</sup> Profecias transcritas por Cunha em sua Caderneta de Campo In: CUNHA, 2009, p. 277.

Na sequência, a profecia de que o próprio Cristo anunciou a vinda de Conselheiro:

Então na hora nona discançando no monte das Oliveira um dos seus apóstolos pergunta-lhe: Senhor! para o fim desta idade que signaes vós deixaes?

Elle respondeu: muitos signaes na Lua, no Sol e nas Estrellas. Há de apparecer um Anjo mandado por meu pae terno, pregando sermões pelas portas, fazendo Povações nos desertos, fazendo Egrejas e Capellinhas e dando seus conselhos [...].<sup>242</sup>

Em nenhum momento percebemos o líder do arraial belomontense se colocar como o messias. Pelo contrário, ele não aceitava ser proclamado como santo, profeta, enviado divino, mas, sim um Peregrino do Bom Jesus. Isso não quer dizer que, tendo a base no catolicismo popular, seus seguidores não o vissem dessa forma:

Do céu vejo uma luz  
Que Jesus Cristo mandou  
Santo Antônio Aparecido  
Dos castigos nos livrou.<sup>243</sup>

Segundo Otten, Antônio Conselheiro não alimentava essas expectativas messiânicas, sebastianistas, milenárias. Por isso, quando alguém queria ajoelhar-se diante dele, logo recriminava dizendo: “Levante-se, que Deus é outra pessoa!”<sup>244</sup> Ou dizia: “Só Deus é grande!”<sup>245</sup>

Sabe-se que as profecias transcritas por Cunha em sua Caderneta de Campo já faziam parte da tradição oral sertaneja. Apesar do autor de *Os Sertões* as ter encontrado no arraial conselheirista isso não se configura como práticas comumente fomentadas pelo líder de Belo Monte. Vejamos a história narrada através da poesia popular:

Dom Sebastião já chegou  
E traz muito regimento  
Acabando com o civil  
E fazendo o casamento!

O Anti-Christo nasceu  
Para o Brazil governar

<sup>242</sup> Profecias transcritas por Cunha em sua Caderneta de Campo In: CUNHA, 2009, p. 277.

<sup>243</sup> Sílvio Romero, 1879 *apud* CUNHA, 2009, p. 305.

<sup>244</sup> MONTENEGRO, 1954 *apud* OTTEN, 1990, p.179

<sup>245</sup> OTTEN, 1990 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p. 39. (Cf. Nota de rodapé nº 87).

Mas ahi está o Conselheiro  
Para delle nos livrar!

Visita vos vem fazer  
Nosso rei D. Sebastião.  
Coitado daquelle pobre  
Que estiver na lei do cão!<sup>246</sup>

Em verdade vos digo, quando as Nações brigarem com as Nações, o Brazil com o Brazil, a Inglaterra com a Inglaterra, a Prússia com a Prússia, das ondas do mar D. Sebastião sahirá com todo o seu exercito. Desde o principio do mundo que encantou com todo seu exercito e o restituiu em guerra. E quando encantou-se afincou a espada na pedra, ella foi até os corpos e elle disse: Adeus Mundo! Até mil e tantos a dois mil não chegarás!<sup>247</sup>

Como afirma Vasconcellos, “o rótulo ‘milenarista’ desfigura a religiosidade conselheirista, desvirtua a compreensão dos motivos que levaram tanta gente ao arraial”. Afinal, “o anúncio do ‘reino dos mil anos e suas delícias’ só passou a configurar a pregação de Conselheiro após a morte dele, quando lhe foram atribuídas, à sua revelia, características do líder cristão do século II, Montano.”<sup>248</sup>

Alba Zaluar Guimarães adverte aos apressados que generalizar movimentos sociais não é uma boa saída, especificamente, por suas características serem tão abstratas:

Em primeiro lugar, o risco de se estar impondo categorias de pensamento e as relações específicas que elas expressam, próprias a uma tradição religiosa [...] Em segundo lugar, definições desse tipo usualmente encobrem uma problemática que conduz ao privilegiamento da “forma” do movimento, ou seja, do seu caráter messiânico concebido nos termos da tradição cristã, tendendo-se a buscar apoio em teorias gerais que expliquem o seu surgimento nas mais variadas sociedades e nos mais variados momentos de sua história. O risco que se corre é passar-se de um fenômeno definido abstratamente a uma teoria tão geral que muitas vezes as determinações do movimento concreto escapolem à tentativa de entendê-los. Focaliza-se a atenção nas semelhanças entre os vários movimentos e não nas suas diferenças, nas suas particularidades. As semelhanças consideradas dizem respeito exclusivamente aos movimentos previamente incluídos nessa classe geral. As diferenças são examinadas apenas para fins de imprimir-se umas poucas subdivisões a essa classe geral. Perde-se, portanto, a oportunidade de encontrar os mecanismos comuns a todos os movimentos que partem de uma recusa da ordem social vigente e se propõem a mudá-la, sejam movimentos religiosos ou políticos, já que nestes também não faltam líderes carismáticos, concepções maniqueístas e até mesmo crenças escatológicas. Por outro lado, as diferenças na organização, no projeto e na trajetória dos vários movimentos religiosos não sendo examinadas, mantêm-se obscurecidas as conexões entre elas e a composição social dos

<sup>246</sup> Profecias transcritas por Cunha em sua Caderneta de Campo *In*: CUNHA, 2009, p. 32.

<sup>247</sup> Profecias transcritas por Cunha em sua Caderneta de Campo *In*: CUNHA, 2009, p. 278.

<sup>248</sup> VASCONCELLOS, 2004, p.327 (grifos do autor)

grupos que os originaram, bem como seus diferentes vínculos com os aparelhos institucionais presentes.<sup>249</sup>

Passamos ao detalhamento e compreensão dos fatos que giram em torno de Belo Monte.

Rui Facó, pioneiro na abordagem de movimentos rurais e luta contra o latifúndio, vê no arraial conselheirista uma luta pela posse da terra. Uma luta de classe inconsciente, mas iludidos por um *fanático religioso*:

No nível cultural em que viviam, não só mergulhados no analfabetismo como ignorando seu próprio país [...] o “fanatismo”, o misticismo mais grosseiro era a *sua* ideologia. Em ensinamentos bíblicos deturpados, adaptados a *sua* realidade [os fanáticos de Juazeiro, Contestado, Caldeirão, Belo Monte] encontravam os “princípios” que deveriam guiá-los na luta por objetivos que eles mesmos não sabiam distinguir, e que só iriam tornar-se claros na evolução da própria luta, que os ajudava também a evoluir intelectualmente.<sup>250</sup>

Para Vasconcellos, Facó tem dificuldades para ver além de sua “visão estreita e dogmática sobre a religião”, “preconceitos do seu marxismo”<sup>251</sup> e, por isso, não tinha condições de superá-la. Tanto Otten quanto Vasconcellos defendem a ideia de que é necessário ir além da “instância econômica como condicionamento determinante do movimento” e acrescentam um elemento fundamental na análise: “a espiritualidade, o estilo religioso de Antônio Maciel, como chave de leitura dos acontecimentos que se deram no sertão baiano na segunda metade do século XIX.”<sup>252</sup>

Em “O messianismo no Brasil e no mundo” encontramos a seguinte revelação acerca dos fatos ocorridos em Belo Monte:

A comunidade formada em torno do Conselheiro encontrava base na solidariedade desenvolvida a partir da crença em seus poderes messiânicos. Assim vemos colorir-se de tonalidades religiosas todos os pontos de atrito entre a sociedade mais ampla e o grupo restrito de adeptos: razões políticas, econômicas, rivalidade entre estrutura eclesiástica e o prestígio do Conselheiro, tudo se justifica em nome do valor sagrado atribuído ao líder e ao seu verbo. Não era a República como instituição que combatia, era a República como representante do diabo. Não eram as propriedades dos ricos que eram depredadas, eram as propriedades dos que tinham optado pelo Anticristo. Não era a Igreja que se hostilizava, eram

<sup>249</sup> GUIMARÃES, Alba Zaluar. *Os movimentos ‘messiânicos’ brasileiros: uma leitura*. In: O que se deve ler em Ciências Sociais no Brasil. São Paulo: Cortez/Anpocs, 1986, p. 144-145.

<sup>250</sup> FACÓ, 1980 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p.57 (grifos do autor).

<sup>251</sup> VASCONCELLOS, 2004, p.57.

<sup>252</sup> OTTEN, 1993 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p. 77.



os padres “heréticos e maçons”, que interpretavam erroneamente a santa doutrina de Cristo.[...] Detentores das verdades religiosas, formavam então um grupo de “eleitos”, derivando sua posição da adesão às crenças divinamente reveladas pelo messias, que reforçavam a unidade do grupo.<sup>253</sup>

Concordamos com Vasconcellos que apresentar Antônio Conselheiro como “messias” e os conselheiristas como os “eleitos” talvez não seja uma resposta acertada.<sup>254</sup> A ideia de que Conselheiro e seu séquito “eram detentores das verdades religiosas” e por isso somente os que habitavam em Belo Monte seriam salvos não aparece nos manuscritos do Peregrino.

José Aras apresenta um sermão que Conselheiro teria pronunciado ao passar por Cumbe após o embate de Masseté:

Meus irmãos, o anti-Cristo é chegado. Está aqui nesse livro [a Missão Abreviada]. O ataque de Maceté (sic) constituiu uma prova para nós. O meu povo é valente. O satanás trouxe a república, porém em nosso socorro vem o Infante rei D. Sebastião. Virá depois o Bom Jesus separar o joio do trigo, as cabras das ovelhas. E aí daquele que não se arrepender antes, porque tarde não adiantará. Jejuai que estamos nos fins dos tempos. Belos Montes (sic) será o campo de Jesus, a face de Jeová. Os republicanos não devem ser poupados pois são todos do anti-Cristo. De hoje em diante será “dente por dente e olho por olho.”<sup>255</sup>

Veremos mais adiante, na análise das prédicas de Conselheiro, que tal fundamento não aparece em seu discurso. As prédicas demonstram sua postura teológica e a explanação do sacrifício de Cristo para a remissão dos pecados. Havia seguidores de Conselheiro dentro e fora do arraial, prova disso foi a chegada de milhares de pessoas quando iniciaram os combates.

Outro ponto que nos chama atenção refere-se à associação da religiosidade vivenciada pelos conselheiristas como práticas prenunciadoras do fim do mundo, questão essa que Queiroz dialoga em sintonia com Cunha<sup>256</sup>.

Villa vê em Belo Monte “uma comunidade religiosa que se sustenta, cresce, atrai novos moradores, mantém contatos intermitentes com as vilas e arraiais da região, estabelece relações econômicas permanentes, servindo a religião como *e/o aglutinador* para a comunidade.”<sup>257</sup>

<sup>253</sup> QUEIROZ, 1976, p. 240.

<sup>254</sup> VASCONCELLOS, 2004, p.62.

<sup>255</sup> MACIEL, [s.d.] apud ARAS, 1953 *In*: VASCONCELLOS, 2004, p.230. Vale ressaltar que Vasconcellos nos lembra de que há a hipótese de que os sermões recolhidos por Aras não serem na íntegra os proferidos pelo Conselheiro, o que põe em xeque a autenticidade de seu teor.

<sup>256</sup> VASCONCELLOS, 2004, p.60.

<sup>257</sup> VILLA, 1995 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p.88.(grifo nosso)

Vasconcellos ressalta que Villa rejeita veemente “qualquer explicação do arraial como uma comunidade messiânica, sebastianista, milenarista [...]”<sup>258</sup>. Vasconcellos diz ainda que essas interpretações da religiosidade vivenciada no arraial vêm desde Euclides. Contudo, para Villa, o sebastianismo em Belo Monte é uma suposição euclidiana. Quanto às expectativas milenaristas sua resposta é cabal: “não houve em Belo Monte a espera coletiva do milênio, a crença de uma idade futura em que todos os males seriam corrigidos, as injustiças, reparadas e abolidas as doenças e a morte.”<sup>259</sup> E, em seguida, enfatiza: “isto não exclui a possibilidade de alguns moradores do arraial terem manifestado esta crença,”<sup>260</sup> o que de fato se mostra convincente quando consideramos todas as nuances que envolvem a religiosidade nordestina sertaneja.

Para Vasconcellos, desconsiderar as fontes euclidianas não resolve o problema, pois é preciso “reconhecer que o universo religioso da gente de Belo Monte é mais complexo do que se pensa à primeira vista, e D. Sebastião e anúncios de fim próximo o povoam mesmo ocupando lugar secundário.”<sup>261</sup>

Nas palavras de Otten, a dimensão profética predominou em Belo Monte:

Mesmo que na comunidade de Belo Monte haja traços e elementos messiânicos e milenaristas, não se pode caracterizar o movimento como messiânico. Como também não é apocalíptico, mesmo que a dimensão apocalíptica marque fortemente o movimento. A dimensão profética preponderou<sup>262</sup>.

Sob esse prisma apontado por Otten, compartilhamos as palavras de Vasconcellos: “parece-nos difícil não lhe dar razão.”<sup>263</sup>

Nas palavras de Aras,

A Nação reconhecerá o passado obscuro  
Imortalizaste Canudos - Belo Monte!  
Pelas águas do Cocorobó, a grande fonte  
Tu serás coberto, mas não a tua história  
Como herói, teu nome será lembrado  
Na audácia dos jagunços, na fúria dos soldados  
Nas fitas de cinema, nos 'bronzes da memória"[...] <sup>264</sup>

<sup>258</sup> VILLA, 1995 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p.90.

<sup>259</sup> VILLA, 1995 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p.90.

<sup>260</sup> VILLA, 1995 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p.90.

<sup>261</sup> VASCONCELLOS, 2004, p.91.

<sup>262</sup> OTTEN, 1993 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p.332.

<sup>263</sup> VASCONCELLOS, 2004, p.332.

## 2.5 A IGREJA DOS CONSELHEIRISTAS

Recordações, moço? Grande era o Canudos do meu tempo.  
 Quem tinha roça tratava de roça, na beira do rio.  
 Quem tinha gado tratava do gado.  
 Quem tinha mulher e filhos tratava da mulher e dos filhos.  
 Quem gostava de reza ia rezar.  
 De tudo se tratava porque a nenhum pertencia  
 e era de todos, pequenos e grandes,  
 na regra ensinada pelo Peregrino.<sup>265</sup>

Na vida cotidiana do arraial predominava a religião.<sup>266</sup> Amor a Deus e respeito ao próximo eram os requisitos necessários para viver em Belo Monte. Todos os que chegavam ao arraial eram acolhidos, independente se eram escravos ou simplesmente empobrecidos. Eram orientados para o trabalho, para a partilha e a oração. “Neste caso, para manter-se fiel a Deus era necessário dedicar-se a orações, mas também à prática social de contestações no sentido de abrir e criar novos espaços onde reine a comunhão de bens e a vivência fraterna”.<sup>267</sup>

Conselheiro não aceitava a apropriação do que era alheio. O roubo era injustificável e para os que enriqueciam ilicitamente aplicava o pensamento de São João Crisóstomo (espelhado na Primeira Epístola aos Coríntios 5, 7-8) “que pregava ao povo contra o paganismo e tinha esperança de transformá-lo em gente de fé cristã. É dele a frase: Basta um só homem, para reformar todo um povo:”<sup>268</sup>

Os que furtam os bens alheios são piores que as feras e que os demônios; e como tais os deviam riscar do catálogo dos homens. Porque as feras, quando acometem aos outros animais, estando satisfeitos os deixam; porém os que furtam, de nenhum roubo ficam satisfeitos, porque ficam com fome para fazerem outro: e quanto mais roubam mais sede têm de furtar.<sup>269</sup>

Em Belo Monte havia duas igrejas e uma capela. A Igreja Velha ou Igreja de Santo Antônio, inaugurada em 1893, no dia de Santo Antônio, a Igreja Nova ou do

<sup>264</sup> ARAS, José. [s.d.] *apud* SÁ, Antônio Fernando de Araújo. *Canudos plural: memórias e m confronto nas comemorações dos centenários de Canudos*. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/bitstream/123456789/1342/1/CanudosPlural.pdf>> Acesso em: 20 de fev de 2015.

<sup>265</sup> VILANOVA, 1962 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p.301.

<sup>266</sup> GALVÃO, 2001, p. 44.

<sup>267</sup> PEREGRINO, Artur. *Canudos: um ritual de passagem para um final de mundo*. In: ANDRADE, 2006, p. 172.

<sup>268</sup> Disponível em:

<[http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais\\_da\\_igreja/s\\_joao\\_crisostomo\\_vida\\_e\\_obra.html](http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais_da_igreja/s_joao_crisostomo_vida_e_obra.html)> Acesso em: 10 de fev. de 2015.

<sup>269</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 368-369.

Bom Jesus que não chegou a ser concluída, e a Capelinha de Nossa Senhora da Conceição que passou a ser Santuário com inúmeras imagens de santos. Conselheiro morava num quartinho anexo ao Santuário, e mais tarde acabou sendo sepultado ali.<sup>270</sup> Vasconcellos nos revela que:

Quase todo o tempo do arraial foi tomado pela construção das duas igrejas, nas quais havia rezas (ladainhas, novenas) o dia inteiro, segundo alguns testemunhos, oportunidade em que Antônio Conselheiro se dirigia ao povo. As cerimônias religiosas, que incluíam o beija das imagens e receberam a desaprovação de frei João Evangelista, expressam um clima do qual todo o arraial se revestiu, sintetizam sua identidade.<sup>271</sup>

No arraial era constante a presença do vigário de Cumbe Pe. Vicente Sabino dos Santos. Celebrava missa, fazia casamentos e batizados. Os conselhos ficavam a cargo de Antônio Conselheiro. Vale mencionar que o Peregrino era padrinho da maioria das crianças belomontenses e, também de boa parte das que viviam nos arredores.

As relações de compadrio (ser padrinho de batismo é uma forma de criar um vínculo tão forte quanto o consanguíneo) e todos os tipos de compromisso interpessoal representavam para o jagunço a possibilidade de sobrevivência, de vida. Foram coisas impalpáveis como essas que Antônio Conselheiro ofereceu para todos aqueles que viviam em sua comunidade. Foi padrinho de muita gente<sup>272</sup>.

Havia no arraial um Conselho composto por doze homens - a “Guarda católica”, também conhecida como “Companhia do Bom Jesus” ou “Santa Companhia” que defendia o povoado e era encarregada dos serviços religiosos e de esmolas nas vizinhanças. Os nomes religiosos dos grupos comprovam mais uma vez a forte presença da religião na comunidade e a organização da mesma.

Os belomontenses tinham uma vivência harmoniosa, sem grandes conflitos. Plantavam, colhiam, criavam cabras, vendiam na feira municipal o que não era consumido, enfim, podemos dizer que a vida da comunidade fluía sem passar pelos problemas de fome ou seca, comuns no sertão da época. Gosto da voz de Artur Peregrino quando diz que existia em Belo Monte

<sup>270</sup> GALVÃO, 2001, p. 44.

<sup>271</sup> VASCONCELLOS, 2004, p.79.

<sup>272</sup> THEODORO, Janice. *Canudos 100 anos depois – Da vida comunitária ao surgimento dos movimentos fundamentalistas*, p. 126. In: ABDALA Jr., Benjamin, ALEXANDRE, Isabel M. M. (Orgs). *Canudos: Palavra de Deus, sonho da terra*. São Paulo: Boitempo, 1997.

uma “consciência ética” que significa abertura para se escutar a voz-do-outro. Consciência que se abre num processo de humanização e que se abre cada vez mais ao que é exterior a ela [...] O humanismo de Canudos não foi exclusivo, pois se assim fosse seria desumano. O humanismo de Canudos foi aberto ao outro, ou como se diz na teologia, ao totalmente OUTRO. É nesse sentido que Canudos foi além de si.<sup>273</sup>

Isso talvez justifique, em parte, a interpretação de Belo Monte como Terra Prometida, Canaã, a Nova Jerusalém, a “Barchinha de Noël.(sic)”<sup>274</sup> Estar em Belo Monte representava para os conselheiristas um privilégio e uma segurança, pois “a solidariedade com o vilarejo sagrado garantia o desgarramento dos laços do Maligno e a possibilidade de salvação.”<sup>275</sup> Como vemos na voz popular:

No tempo do Conselheiro, não gosto nem de falar para não passar por mentiroso, havia de tudo, por estes arredores. Dava de tudo e até cana de açúcar de se descascar com a unha, nascia bonitona por este lado. Legumes em abundância e chuvas à vontade. Esse tempo parece mentira [...].<sup>276</sup>

E ainda:

Quem quiser remédio santo  
Lenitivo para tudo  
Procure o Conselheiro  
Que ele está lá nos Canudos.<sup>277</sup>

Nota-se através da poesia popular que o próprio lugar – Belo Monte, passou a ser sagrado:

Em Belo Monte já estava  
O Dom Rei Sebastião  
Dos montes corria azeite  
A água do monte era leite  
As pedras convertiam-se em pão.<sup>278</sup>

<sup>273</sup> PEREGRINO, 2011, p. 164-165 (grifos do autor).

<sup>274</sup> ALMEIDA, Esequiel Profeta de. *In*: GALVÃO. *No calor da hora: a guerra de Canudos nos jornais*, apud VASCONCELLOS, 2004, p. 205.

É interessante pontuar as contribuições trazidas por Vasconcellos do sociólogo francês Roger Bastide ao fazer uma análise da religiosidade do sertanejo nordestino que revela o mito da “Terra sem males” enraizado no antepassado indígena e “Terra da Promissão” remetendo à história do povo de Israel saindo do Egito, com alicerce no antepassado português.

<sup>275</sup> VASCONCELLOS, 2004, p. 201. (Cf. Nota de rodapé nº 45).

<sup>276</sup> Descrição saudosista de Manoel Ciriaco feita a Odorico Tavares em 1947. *In*: VASCONCELLOS, 2004, p. 195.

<sup>277</sup> CALASANS, 1952 apud ABDALA Jr., Benjamin, ALEXANDRE, Isabel M. M. (Orgs). *Canudos: Palavra de Deus, sonho da terra*. São Paulo: Boitempo, 1997, p. 151.

<sup>278</sup> CALASANS, 1959, p. 53.

Vasconcellos exemplifica essa questão muito bem através dos depoimentos de belomontenses indígenas. Vejamos:

Kaimbé se diz: “Corre a notícia do rio de leite...” Um depoente diz que sua mãe, jovem na época, “queria ir, espiar a beleza que tava em Canudos [...] Ela achava que aquilo era bonito que dizia que ali era um rio de leite e uma ribanceira de cuscuz” [...] Efetivamente a apresentação do arraial conselheirista como reedição da terra prometida bíblica terá tido importância fundamental neste processo que levou ao abandono das fazendas, das vilas e do trabalho semi-escravo e ao aumento significativo da população da aldeia sagrada, que veio com seus poucos bens e os partilhou, apostando nas palavras do bom Conselheiro.<sup>279</sup>

Segundo os descendentes dos Kiriri: Antônio Conselheiro falou de sua “missão” que seria para o bem de todos e chamou os índios [...] Correu a notícia, “nóis vamo, nóis vamo” lá tinha um rio de leite os morros, os barrancos e as ribanceiras eram de cuscuz para encher a barriga. Na terra do rio de leite e ribanceira de cuscuz começaram a construção da igreja.<sup>280</sup>

De modo resumido e, até mesmo generalizado, em Belo Monte os ensinamentos religiosos manifestavam uma integração da religiosidade popular nordestina sertaneja – catolicismo oficial, catolicismo popular e as crenças indígenas, africanas e portuguesas, com uma expressividade do sagrado bem particular da própria comunidade belomontense. A igreja dos conselheiristas estava representada nas marcas do elemento religioso presente no cotidiano do arraial: construções das igrejas, devoções aos santos, rezas, procissões, novenas, romarias, conselhos à luz dos ensinamentos bíblicos, enfim, são registros da força do sagrado. Sagrado este que se manifesta para os conselheiristas de maneira única, singular, sem exclusão. Todos tinham o direito de ter a esperança de participar de uma vida com Cristo, bastaria a aceitação de que há “um só rebanho e um só pastor.”<sup>281</sup>

<sup>279</sup> VASCONCELLOS, 2004, p. 201. (grifos: 1. Maria Lucia Felicio Mascarenhas. *Rio de sangue e ribanceira de corpos*; 2. Edwin Reesink. *A tomada do coração da aldeia: a participação dos índios de Massacará na guerra de Canudos*).

<sup>280</sup> MASCARENHAS, 1995 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p. 193.

<sup>281</sup> A BÍBLIA Sagrada, 2004, p. 1.398 (Cf Jo 10,16).

### 3. FUNDAMENTOS DO AGIR DE ANTONIO CONSELHEIRO

Tudo isso é para poder haver a guerra!<sup>282</sup>

#### 3.1 A MISSÃO DOS CAPUCHINHOS

[...] uma missão apostólica enviada pelo arcebispado baiano a Canudos teve de voltar às canelas quando um enxame de prosélitos cercou a casa onde estavam os três sacerdotes visitantes para dizer que não necessitavam deles para obter a salvação eterna. No retorno, o frei João Evangelista entregou às autoridades um alarmante relatório que contabilizava, excluídas as mulheres, as crianças, os velhos e os enfermos, cerca de mil homens arrojados e robustos, "armados até os dentes". Além de seus doze apóstolos, o Conselheiro vive cercado por jagunços de primeira linha, como João Abade ou Pajeú, também atraídos pelas promessas de futuro de justiça e prosperidade pós-juízo final decantada pelo profeta. Ricos, pobres, doentes, comerciantes, bandidos e até índios fazem parte da paisagem de Canudos, que, a exemplo de seu mentor, ganhou contornos lendários na região. Diz-se que lá existe um rio de leite e uma ribanceira de cuscuz.<sup>283</sup>

A missão foi designada pelo arcebispo D. Jerônimo Tomé às vésperas de sua viagem a Roma que determinou para tão importante tarefa frei João Evangelista de Monte Marciano, capuchinho italiano, e, para acompanhá-lo, frei Caetano São Leo. Juntando-se a eles o vigário de Cumbe, Pe. Vicente Sabino dos Santos, que era o responsável pelo atendimento sacerdotal da comunidade de Belo Monte. Ironicamente, os missionários capuchinhos chegaram ao arraial em 13 de maio de 1894. Tinham como missão libertar os belomontenses do jugo de Antônio Conselheiro:

os sentimentos da fé catholica que esse individuo diz professar, chamal-o (sic) e a seus infelizes asseclas aos deveres de catholicos e de cidadãos, que de todo esqueceram e violam habitualmente com as praticas as mais extravagantes e condemnavéis, offendendo a religião e perturbando a ordem publica.<sup>284</sup>

<sup>282</sup> MACIEL, [s.d.] *apud* MACEDO, 1983 *In*: VASCONCELLOS, 2004, p. 235.

<sup>283</sup> Trecho da reportagem *Cheiro de pólvora*. Rev. Veja abril de 1896. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/historia/olimpiada-1896/tensao-canudos-antonio-conselheiro.shtml>>. Acesso em 12 de abr de 2015. (grifos do autor)

<sup>284</sup> MONTE MARCIANO, 1895 *apud* CALASANS, José. *In*: Universitas n.18, Bahia, Set-dez/1977, p. 4. Disponível em: <<http://josecalasans.com/downloads/artigos/35.pdf>><http://josecalasans.com/downloads/artigos/35.pdf>>. Acesso em: 10 de abr de 2015.

Subestimar a inteligência do outro, talvez, seja a expressão mais adequada para justificar o fracasso da missão. Mas, como explicar o envio de um frei estrangeiro e inexperiente para tão delicada tarefa? Inexperiente por desconhecer a vivência religiosa sertaneja e todas as agruras enfrentadas por este povo. Além disso, a credibilidade dos fatos narrados no Relatório acerca da missão fica comprometida em parte: primeiro, pela influência que se propagava, especificamente, pelos “três principais diários de Salvador, o Jornal de Notícias, o Diário da Bahia e o Diário de Notícias, entre 1893 e 1895,”<sup>285</sup> declarando o arraial como foco de monarquistas e fanáticos: “pedia-se uma medida enérgica e urgente para a extinção daquele ‘pernicioso’ foco monarquista;”<sup>286</sup> segundo, o teor do relato carece de imparcialidade, pois o autor deixa no texto marcas linguísticas que denunciam claramente preconceito em relação à forma de perceber a experiência do povo belomontense com o sagrado: “o sentimento religioso desça a taes aberrações”, ou ainda, denominando-o como “caracter abominavel e a influencia malefica da seita,” além de deixar claro seu total desconhecimento da realidade do sertão nordestino: “abandono e desgraça em que vive aquella gente: passarem (sic) a enterrar oito cadáveres.”<sup>287</sup> Ora, todos nós sabemos que o sertão sofria com o período de secas que às vezes perduravam por longos anos. Ademais, os governantes não se preocupavam em combater as doenças virais ou infecciosas:

Reduzidos investimentos em políticas públicas e, particularmente, de saúde no final do século XIX e início do século XX foram determinantes para a predominância de doenças infecciosas e parasitárias, epidêmicas e endêmicas, tais como: esquistossomose, doenças de Chagas, febre amarela, varíola, malária, filariose, tuberculose, hanseníase e de várias outras enfermidades parasitárias intestinais e infecciosas.<sup>288</sup>

Nesse sentido, o índice de mortalidade era muito elevado, principalmente a infantil. A seca, a fome, a ausência de saneamento básico, o analfabetismo, a falta de instrução de cuidados de higiene, a miséria, enfim, são fatores determinantes que

---

<sup>285</sup> CALASANS, 1977, p.1.

<sup>286</sup> CALASANS, 1977, p. 1.(grifo do autor)

<sup>287</sup> MONTE MARCIANO, 1895 *apud* CALASANS, 1977, p. 6.

<sup>288</sup> Extraído *In*: Análise da Situação de Saúde na Região Nordeste com foco nos Determinantes Sociais da Saúde Documento de discussão para a I Conferência Regional sobre Determinantes Sociais da Saúde/2013, p. 13. Disponível em: <<http://dssbr.org/site/wp-content/uploads/2013/07/Documento-de-Refer%C3%Aancia1.pdf>> Acesso em: 02 de fev. de 2014.



acarretam à mortalidade. Por isso, era comum presenciar cortejos fúnebres em todo o sertão e, também, em outras partes do país.

Não levar em conta todo o contexto, em seus múltiplos aspectos (religioso, social, econômico, cultural, geográfico), é um erro gravíssimo para àqueles que chegam a uma comunidade desconhecida com um intuito extremamente delicado e complexo. Otten elucida a conjuntura que envolve a época de forma esclarecedora:

O Conselheiro foi um pregador leigo que atuou no sertão da Bahia seguindo a tradição dos "homens de Deus," que eram os beatos, os eremitas e os padres missionários, que por sua vida dedicada à religião, marcaram e mantiveram viva a fé das populações marginalizadas do interior. Antônio Maciel atua numa época de grandes crises e transformações. O Brasil está em vias de largar, de fato, a era colonial e entrar, de chofre, na modernidade. O regime monárquico é substituído pelo republicano. É abolida a escravatura. As classes cultas se europeízam, adotando de maneira confusa as mais diversas ideias modernas como o liberalismo, o evolucionismo, o positivismo e agnosticismo. A Igreja Católica empreendendo a Reforma Ultramontana entra em choque com Estado e elites, faz frente ao regalismo e secularização querendo, por sua vez, sacralizar o Estado e renovar a vida religiosa. O poder econômico dos donos de terra é abalado pelas calamidades climáticas e pela crise econômica mundial. O antigo sistema feudal é substituído pelo capitalista. Mas quem sofre mais com estas mudanças é o povo pobre, que não entende mais o mundo e se sente ameaçado em sua existência.<sup>289</sup>

Nesse sentido, a época de Conselheiro foi um momento de rupturas: colonial – modernidade, monarquia – república, escravatura – liberdade, conservadorismo – liberalismo/evolucionismo/positivismo/agnosticismo, feudal – capitalismo, enfim, uma era de transição em diversos aspectos.

Um detalhe que também nos chamou atenção foi o fato do responsável pela missão, frei João Evangelista, ter deixado claro que apesar de todo o malogro da visita sua consciência estava tranquila por ter persuadido a muita gente a sair do arraial. Segundo ele, tal fato ocorreu após compreenderem que estavam sendo enganados por um fanático:

[...] os que ainda não se haviam alistado na companhia do Bom Jesus, que não recebiam do Conselheiro a comida e a roupa, e não dependiam d'elle portanto, deram-me plena razão, e, reprovando formalmente os desvarios de tal gente, começaram a sahir do povoado, já queixosos e completamente desilludidos das virtudes do Antonio Conselheiro<sup>290</sup>.

<sup>289</sup> OTTEN, 1990, p. 358-359.

<sup>290</sup> MONTE MARCIANO, 1895 *apud* CALASANS, 1977, p. 14.

As informações de que dispomos mostra-nos a chegada de mais e mais adeptos a Belo Monte, e não o contrário. Além disso, Conselheiro não havia demonstrado nenhuma arrogância ou desafeto com as autoridades religiosas. A verdade é que, sem pesar as palavras, frei João Evangelista fez acirrar ainda mais os ânimos dos belomontenses ao dizer que

se persistissem em desobedecer e hostilizar um governo que o povo brasileiro quasi na sua totalidade aceitara, não fizessem da religião pretexto ou capa de seus ódios e caprichos, porque a igreja catholica não é nem será nunca solidária com instrumentos de paixões e interesses particulares ou com *perturbadores da ordem publica*.<sup>291</sup>

Constata-se que o frei não foi nada cuidadoso com suas palavras. Para quem foi enviado para pacificar a situação, vista por àqueles que estavam receosos de perder o poder como um movimento de “baderneiros” e “vagabundos,” a atitude do frei estava mais condizente com a de um ditador.

Calasans também alerta-nos sobre a autenticidade do Relatório. O pesquisador esclarece que certa vez um frei capuchinho, chamado de Inocêncio, que conhecera e até mesmo convivera com o frei João Evangelista no Convento da Piedade, Bahia, contou que o Relatório foi na verdade redigido pelo monsenhor Basílio Pereira, famoso pelo clero baiano por ser um escritor e orador conceituado.<sup>292</sup>

Nina Rodrigues descreve os fatos que envolvem Antônio Conselheiro:

À insubordinação contra o governo civil seguiu-se a revolta contra os poderes eclesiásticos. Foi ainda o reconhecimento do governo pelo clero, que mais acentuou as desinteligências em que Antônio Conselheiro se tinha visto envolvido com alguns vigários no começo das suas missões. Depois disso, Antônio Conselheiro tinha chegado a viver de perfeita harmonia com os párocos de algumas freguesias. Mas, em seguida ao reconhecimento da República foi-se estabelecendo de novo profundo desacordo entre eles. Conta-se que, lhe tendo alguém objetado que tanto não era maçônico o governo republicano que o Papa tinha aconselhado o clero francês a reconhecê-lo, declarou Antônio Conselheiro que se o Papa tinha, de fato, dado semelhante conselho, o Papa tinha andado mal. Por último o cisma tornou-se franco e não pôde mais haver acordo possível entre ele e as autoridades eclesiásticas.<sup>293</sup>

Encerro no momento este diálogo com as palavras que marcaram não o fim de um episódio, mas o começo de um trágico e monstruoso desfecho: “A minha

<sup>291</sup> MONTE MARCIANO, 1895 *apud* CALASANS, 1977, p. 11-12. (grifo nosso)

<sup>292</sup> CALASANS, 1977, p. 1.

<sup>293</sup> RODRIGUES, 2006, p. 46-47.

missão terminara: a seita havia levado o maior golpe que eu podia descarregar-lhe,” ademais sinto como “o divino mestre diante de Jerusalém, anunciando a destruição daquela cidade”.<sup>294</sup>

### 3.2 O PRIMEIRO MANUSCRITO, CADERNO DE 1895: APONTAMENTOS DOS PRECEITOS DA DIVINA LEI DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO – PARA A SALVAÇÃO DOS HOMENS

Quem caminha aluminado por esta luz,  
atravessa com passos seguros os perigos do Mundo  
em que outros se perdem.<sup>295</sup>

“Antônio Conselheiro infame bandido” era esta a anotação feita por um soldado anônimo no verso da capa do manuscrito. O documento foi encontrado na antiga capela, o Santuário para os moradores de Belo Monte. Com o término da guerra o manuscrito foi entregue pela brigada do 25º batalhão da Infantaria de Eugênio Carolino de Sayão Carvalho ao Jornal de Notícias. Esteve sob a responsabilidade do Professor José Calasans e encontra-se nos arquivos do Núcleo Sertão do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, tendo sido compilado na íntegra em Cd-rom pela própria instituição. Contendo 807 páginas, o manuscrito apresenta uma transcrição do Novo Testamento (os quatro Evangelhos, Atos dos Apóstolos e os 12 primeiros capítulos da Carta aos Romanos) interrompida pelas prédicas que são intituladas de “Apontamentos dos Preceitos da Divina Lei de Nosso Senhor Jesus Cristo”. Nelas encontramos reflexões sobre os dez mandamentos, a cruz, a paixão de Jesus, além de uma abordagem da celebração da missa, a paciência para realização dos trabalhos, e considerações sobre temas diversos (criação do homem, Jonas – o Profeta, a paciência de Jó, o dilúvio) e, por fim, frases e passagens bíblicas.

Neste primeiro documento, Vasconcellos ressalta a linha discursiva que Conselheiro utilizava em suas prédicas. Denominando de “leitura tipológica,”<sup>296</sup> na qual o beato parte da história de Moisés e da libertação do povo hebreu no Egito, pontuando a resistência do faraó em libertar o povo e, conseqüentemente, as pragas

<sup>294</sup> MONTE MARCIANO, 1895 *apud* CALASANS, 1977, p. 15.

<sup>295</sup> MACIEL, 1895 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p. 219.

<sup>296</sup> Vasconcellos segue aqui a proposta interpretativa de textos bíblicos de Josef Scharbert, segundo o qual *tipologia* é uma forma de expressão. Um personagem é o tipo (também chamado de protótipo), o modelo de outro que segue em grande parte o que o primeiro fez ou indicou com sua vida e ações (a realidade, que é o antítipo). Nesse sentido, Moisés é o tipo de Jesus Cristo.

que foram enviadas como castigo ao Egito, a travessia do Mar Vermelho e a fuga do povo hebreu. Constam ainda os hábitos alimentares da época, a instituição dos mandamentos, o desvio da lei de Deus com a construção do bezerro de ouro, o perdão de Deus, os últimos momentos de Moisés e, finalmente, a libertação do povo de Israel, até chegar a realidade vivenciada pela humanidade, especificamente, o povo sofredor:

O Cordeiro Pascal é a figura do Cordeiro de Deus, que se imolou. Fomos marcados com o seu Sangue, e assim preservados da morte eterna. No Santíssimo Sacramento do Altar Ele nos dá em alimento sua Carne e seu Sangue, debaixo das espécies de pão ázimo. O livramento dos Israelitas do cativeiro do Faraó por Moisés representa, ao vivo, o livramento de toda a humanidade da escravidão do demônio por Jesus Cristo<sup>297</sup>.

Outro ponto importante que Vasconcellos nos chama atenção diz respeito à travessia do Mar Vermelho, novamente seguindo a mesma linha discursiva, ou seja, retomando o evento do passado como uma possibilidade para o presente:

A coluna de nuvens e de fogo [que, segundo o Êxodo, acompanhou o povo na saída do Egito] representa Jesus Cristo. Quem caminha alumina por esta luz, atravessa com passos seguros os perigos do Mundo em que outros se perdem. A passagem do mar Vermelho, necessária aos Israelitas para chegarem à terra prometida, simboliza o Sacramento do Batismo, pelas águas do qual chegamos ao céu<sup>298</sup>.

José Aras, descendente de belomontenses e morador da região, aponta um paralelismo entre a vida em Belo Monte e a história do povo hebreu registrada na Bíblia judaico-cristã:

Eu, naquela época [alguns anos após o massacre final] já conhecia alguma coisa do Antigo Testamento pelo que ouvia, e lembrava as comparações dos fanáticos: 'o Conselheiro era Moisés (sic), o Vazabarrís (sic) seria o Nilo ou o mar Vermelho e o píncaro do Cocorobó era o monte Sinai.'<sup>299</sup>

Essa correspondência entre Belo Monte e as terras bíblicas pode ter existido na mente do seguidor de Conselheiro. Entretanto, não temos como comprovar que o pensamento do belomontense fosse na verdade um retorno à saga dos hebreus. Por isso, não me parece adequado afirmar que o pregador tenha alimentado a ideia de que ali era a Terra Prometida, o que não impede de que alguns conselheiristas

<sup>297</sup> MACIEL, 1895 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p. 219.

<sup>298</sup> MACIEL, 1895 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p. 219.

<sup>299</sup> ARAS, José. Sangue de irmãos, 1953, p.149.

tenham acreditado nisso. Mas, aceitar a visão euclidiana de que Antônio Conselheiro era um “bufão arrebatado numa visão do Apocalipse”<sup>300</sup> não é analisar os fatos com racionalidade.

Nas prédicas de Conselheiro sobressai o amor e a certeza de que há salvação dos homens para viver no paraíso diante do Pai. Contudo, era preciso conversão dos pecados e viver de acordo com os princípios vivenciados pelo Filho de Deus; o exemplo de Jesus é o melhor caminho que o homem deve seguir. Encerro por ora esse diálogo com as palavras de Hoornaert,

O Deus do Conselheiro é um Deus relacionado com a história dos homens, em relação concomitante com o mundo, o Deus da experiência cotidiana. A busca de Deus coincide com a busca do ser humano, a luta pela humanização do ser humano. Essa experiência de Deus, vivida pelo Conselheiro e transmitida aos seguidores, deve ter tido efeitos positivos por livrar as pessoas de angústias causadas pelo legalismo e pela costumeira pregação amedrontadora da Igreja. Daí o irresistível clima de alegria e liberdade que caracteriza a comunidade e exerce uma atração forte sobre todos quantos dela se aproximam.<sup>301</sup>

### 3.3 O SEGUNDO MANUSCRITO: TEMPESTADES QUE SE LEVANTAM NO CORAÇÃO DE MARIA POR OCASIÃO DO MISTÉRIO DA ANUNCIAÇÃO

Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo.<sup>302</sup>

Em meio às ruínas do arraial, em 1897, o médico João de Sousa Pondé encontrou um livrinho constando como autor o líder dos conselheiristas - Antônio Conselheiro. Ataliba Nogueira transcreve o manuscrito em 1974. O original foi descrito pelo pesquisador nos seguintes termos:

O volume é encadernado, conta 628 páginas<sup>303</sup>, numeradas e sem margem. Cada página com 14 linhas. Tinta preta, letra bela e sempre igual. Formato 10 x 14.

<sup>300</sup> CUNHA, 2009, p. 274.

<sup>301</sup> HOORNAERT, 1997, p.117-118.

<sup>302</sup> A BÍBLIA sagrada, p. 1.346 (Cf Lc 1, 28).

<sup>303</sup> Dois problemas de numeração foram observados: a página 357 do manuscrito apresenta uma lacuna, cuja origem Nogueira não explica; e há um “salto” na numeração entre as páginas 569 e 600, que não foi justificado (falhas apontadas por Vicente Dobroruka, *In: História e revelação Ensaios sobre apocalíptica, historiografia e história militar na Antiguidade*. Disponível em: <[http://www.middlepersian.org/downloads/ebook\\_hist\\_reve.pdf](http://www.middlepersian.org/downloads/ebook_hist_reve.pdf)> Acesso em: 08 set 2014.

Para Otten (1995), o manuscrito tem 587 páginas, sendo organizados da seguinte forma: 1. vinte e nove meditações sobre as dores de Nossa Senhora (222 páginas); 2. dez sermões sobre os mandamentos (203 páginas); 3. textos extraídos da Sagrada Escritura (59 páginas); 4. prédicas de circunstância e discursos (103 páginas).

Diz a folha de rosto: “A presente obra mandou subscrever o peregrino Antônio Vicente Mendes Maciel no povoado do Belo Monte, província da Bahia em 12 de janeiro de 1897.”<sup>304</sup>

Para os desconfiados quanto à autenticidade da autoria do documento, Nogueira encerra a apresentação com a afirmativa: “A obra manuscrita é autêntica e do punho do Conselheiro”.<sup>305</sup>

O livro está dividido em quatro partes: primeira parte, “Tempestades que se levantam no coração de Maria” com vinte e nove meditações, denominados por Conselheiro de “mistérios”, referentes às tribulações sofridas por Maria durante o percurso de vida e morte de seu filho Jesus Cristo; segunda parte, comentários dos dez mandamentos da lei de Deus; terceira parte, textos diversos extraídos das Escrituras; quarta parte, obra construída por Conselheiro, a Igreja de Santo Antônio em Belo Monte e, por fim, a República e sua despedida aos seus seguidores.

Além de abordar conteúdos já apontados no primeiro manuscrito, apresenta reflexões sobre as “Dores de Nossa Senhora”, cada uma delas trazendo parte de textos sobre a Virgem Maria, com as devidas considerações teológicas orientando os fiéis no enfrentamento dos momentos de dificuldade e sofrimento.

Segundo Vasconcellos, Antônio Conselheiro ao repetir suas prédicas deixa claro seu posicionamento frente ao que interpretava “bíblica, política e teologicamente”, isto é,

[...] a repetição de prédicas dum caderno em outro reforça a sensação de que todas elas, mesmo tendo, suas fontes, foram pelo Conselheiro efetivamente ‘subscritas’ (expressão com que ele expressa sua relação com um dos cadernos e seu conteúdo), portanto assumidas conscientemente<sup>306</sup>.

Seus manuscritos “são descrições vivas do sofrimento de Cristo e das dores de Maria que têm a finalidade de comover os ouvintes, apelando aos seus sentimentos, a fim de levá-los à conversão de suas atitudes diante de Maria e do Filho”<sup>307</sup> Portanto, devia-se encantar, sentir a bondade divina e a misericórdia da Mãe e do Filho para com o seu povo, fruto do amor incondicional. É um convite ao fiel para ligar-se tanto ao Filho quanto à sua Mãe e ao sofrimento de ambos, de

<sup>304</sup> NOGUEIRA, Ataliba. *Antônio Conselheiro e Canudos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978. p.23. Disponível em: <<http://leiturascatolicas.blogspot.com>> Acesso em: 08 de dez de 2014.

<sup>305</sup> NOGUEIRA, 1978, p. 23.

<sup>306</sup> VASCONCELLOS, 2004, p. 217. (grifos do autor)

<sup>307</sup> OTTEN, 1990, p. 210

forma a refletir a dor que vivenciaram e, por conseguinte, arrepende-se dos próprios pecados.

Ah! Que reflexões para o coração de uma tal Mãe? Como nesta ocasião derrama lágrimas, vendo um futuro triste dos sucessos passados e presentes! Como filhos de Maria não percamos ocasião de mostrar-lhe o nosso amor; e vendo-a assim tão sentida e magoada, tratemos de a consolar com a reforma da nossa vida.<sup>308</sup>

### 3.3.1 Primeira parte - As Dores de Maria

Eis aqui a serva do Senhor.<sup>309</sup>

Aqui são transcritos os “mistérios” ou as tribulações sofridas por Maria ao longo de toda a vida de Jesus Cristo. Esses mistérios subdividem-se cada um em três pontos, descritos da página 1 até a 223.

As 29 meditações seguem um esquema que vai da Anunciação (1) à Glorificação de Maria (29), passando pela natividade (2), pela circuncisão (3), pela apresentação de Jesus no templo (4), pela profecia de Simeão (5), pela fuga para o Egito (6), pelo infanticídio ordenado por Herodes (7), pelo desterro no Egito (8), pela volta do Egito (9), pela perda de Cristo no templo (10), pela morte dos pais de Maria (11), pela vida de Jesus em Nazaré (12), pelo desterro de Cristo no deserto (13), pelas injúrias proferidas contra Cristo (14), pela permissão que Jesus lhe pediu para suportar a morte (15), pela prisão de Cristo (16), pela sua flagelação (17), pela apresentação ao povo por Pilatos (18), por encontrar seu Filho carregando a cruz (19), pela agonia de Jesus (20), pela partilha das vestes de Jesus entre os soldados (21), pela sede de Jesus crucificado (22), novamente pela agonia de Jesus (23), pela fala que Jesus lhe dirige da cruz (24) pela morte de Jesus (25), pelo ferimento de Jesus com a lança (26), pelo descimento da cruz e o funeral de Jesus, pela sua soledade (28) e o fechamento, “Maria, Rainha dos Mártires” (29). Ou seja, mais que uma meditação da Paixão de Jesus Cristo, trata-se de uma meditação bíblica, que coloca Maria como elemento quaternário do mistério da encarnação e da ressurreição. Sugestivos, neste sentido, são os títulos das meditações, e a maneira como Conselheiro interpõe, entre os 19 títulos que iniciam com o termo “Dor”, outros que iniciam com “Tempestades” (1), “Sentimento” (3), “Humilhação” (1), “Desolação” (1), “Aflição” (1), “Compaixão” (1) e “Martírio” (1).<sup>310</sup>

<sup>308</sup> MACIEL, 1895 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 34-35.

<sup>309</sup> A BÍBLIA Sagrada p. 1.348 (Cf Lc 1, 38).

<sup>310</sup> LOPES, José Rogério. In: *De Conselheiro a Gentileza: o messianismo como ruptura das estruturas sociais do cotidiano*. Rev. Unisinos, RS, volume 43, número 3, set/dez 2007. Disponível em: <revistas.unisinos.br/index.php/ciencias\_sociais/article/view/5672/2877>. Acesso em: 10 de mar de 2015.

Maria é aquela que compadece com o sofrimento alheio. É a mãe transbordante de ternura que chora e sente antecipadamente a dor do filho que derramará o seu sangue em favor da humanidade. Nesse sentido, nós como frutos do “preço do sangue de Jesus” e responsáveis pelo “pranto da Mãe” devemos consolar “a nossa Mãe amorosa, obrando de modo que sejamos do número dos predestinados.”<sup>311</sup>

É possível notar a habilidade do discurso de Antônio Conselheiro tecendo e entrelaçando a história de Jesus Cristo com a própria história de seu povo. Se esta carga emotiva presente nas entrelinhas pode ser sentida e vivida pelo leitor, imaginemos o sentimento despertado por Conselheiro em seus seguidores? Não é difícil supor o quão eloquente seria ouvi-lo.

Mais adiante, ao abordar o local de nascimento do próprio filho de Deus, Conselheiro não economiza nas palavras para deixar em evidência que as riquezas deste mundo de nada valem e quão merecedora do nosso amor é a Mãe de Jesus. A profundidade que a passagem bíblica adquire em sua voz é repleta de significados. Comprovemos:

Para que a ternura neste mistério domine os nossos corações, é necessário seguirmos em espírito a sagrada Família. Pobre dos bens da terra, aqui não se apresentam faustosas grandezas do mundo, quando vemos o santíssimo José acomodar do modo que pôde a sagrada Mãe e o divino Filho sobre uma vil cavalgadura. Pobreza na comida, pobreza no vestido, pobreza no deserto, pobreza na cidade, pobreza de dia, pobreza de noite, eis como vemos as criaturas mais santas [...].<sup>312</sup>

Meditando em tão sábias palavras, a mulher belomontense sentia-se revigorada pela força de Maria. Percebe-se que “a mulher, na pessoa de Maria, tem um lugar de destaque nas Prédicas de Antônio Conselheiro. Há um olhar para a mãe de Jesus como se fosse um olhar para ele mesmo e a situação vivida naquele momento.”<sup>313</sup> Mas, Maria é representada na figura da mulher “como um ser frágil, sujeito à tentação e propenso ao pecado, enquanto o homem é concedido [sic] como um ser forte, que resiste a todos os combates.”<sup>314</sup> Por isso, Conselheiro aconselhava a mulher conselheirista a vestir-se de forma humilde, sem vaidade, sem

<sup>311</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 37.

<sup>312</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 44.

<sup>313</sup> PEREGRINO, 1998, p. 62.

<sup>314</sup> FIORIN, 1980, p. 117.



luxo, ou seja, de forma recatada para não atrair sobre si o olhar masculino, principalmente, se fosse casada.

Em *Os Sertões*, o autor dispensa à mulher um tratamento depreciativo, especialmente, ao retratar a mulher de Belo Monte:

Grenhas maltratadas de crioulas retintas; cabelos corredios e duros, de caboclas; trunfas escandalosas, de africanas; madeixas castanhas e louras de brancas legítimas, embaralhavam-se, sem uma fita, sem um grampo, sem uma flor, o toucado ou a fita mais pobre. Nos vestuários singelos, de algodão ou de chita, deselegantes e escorridos, não havia lóbrigar-se a garridice [...]<sup>315</sup>

No entendimento de Conselheiro as mulheres deveriam adotar uma postura de recato, descrição, castidade, obediência e respeito ao marido, para evitar o castigo de Deus e do marido. Não poderiam andar desacompanhadas para não cometer erros “[...] se estivesse em companhia de seu esposo, nem o demônio teria ocasião de a enganar, nem ela teria tido sido causa de fazer pecar Adão.”<sup>316</sup>

Essa parte do manuscrito encerra-se com Maria, Rainha dos Mártires. Maria é aquela que padece sempre. É mártir por ser a Mãe do Rei dos Mártires. Sua vida é símbolo de sacrifício, doação e amor imensurável.

[...] desde o nascimento do seu Filho que ela padece; padece porque o viu nascer em desamparo; padece porque o viu derramar sangue na circuncisão; padece na profecia de Simeão, na fugida para o Egito, na mortandade dos inocentes, na perda de Jesus no Templo; padece em todos os seus trabalhos, fadigas e contradições; o que lhe serve como de preparativo para as grandes dores por que havia de passar na paixão e morte de Jesus: sendo desta maneira uma vida verdadeiramente martirizada, porquanto uma dor só cedia, para dar lugar a outra dor, e todas formando seu rigoroso martírio<sup>317</sup>.

### 3.3.2 Segunda parte: Os Dez Mandamentos da Lei de Deus

Eu sou o Senhor teu Deus, que te fez sair do Egito, da casa da servidão.<sup>318</sup>

<sup>315</sup> CUNHA, 2009, p. 310.

<sup>316</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, p.150. *In*: CARNEIRO, 2013, p. 74-75.

<sup>317</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 217-218.

<sup>318</sup> A BÍBLIA Sagrada, 2004, p. 120 (Cf Ex 20, 2).

Nesta etapa, apenas apresentaremos fragmentos que por ora nos chamou atenção. Deixamos aqui a ressalva do quão valioso trabalho para aqueles que se predispõem a analisá-los com afinco.

Antônio Conselheiro abre o tópico com o primeiro e máximo mandamento indicado por Jesus aos doutores da lei: “amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma e de todo o seu entendimento.”<sup>319</sup> E, comprova tecendo comparações entre histórias bíblicas que demonstram a grandiosidade do amor de Deus para com os homens, a tal ponto que “para resgatar o escravo entregastes o Filho!”<sup>320</sup> Em seguida Conselheiro lembra aos seus seguidores que devem procurar sempre “os gozos da eterna glória”, afinal “Que é a vida do homem neste mundo?”. Ele próprio responde: “Não é mais que mera peregrinação, que vai caminhando com tanta pressa para a eternidade”.<sup>321</sup>

No segundo mandamento, Conselheiro discorre sobre o juramento em falso e o esquecimento do homem em relação à morte, pois a não lembrança da brevidade da vida o faz cair em tentação e pecar: “É mais útil que não vos esqueçais que haveis de temer: porque não há cousa mais importante para livrar os homens de ofender a Deus do que a repetida lembrança da morte.”<sup>322</sup> O que é verdade. Aqui estamos apenas de passagem. Vivemos o presente e buscamos um futuro melhor, mas esquecemos de que nesse futuro também está a morte.

Na sequência, terceiro mandamento, o pregador dos conselheiristas traz à tona o conselho de Jesus Cristo: “bem-aventurados aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem por obra.”<sup>323</sup> Aqueles que seguem na verdadeira religião serão premiados com a glória divina. Por isso, é preciso que o homem se governe dentro dos princípios da Lei dada pelo Senhor a Moisés. Assim disse o próprio Criador: “Aquele que tem os meus mandamentos e que os guarda, esse é o que me ama.”<sup>324</sup>

O quarto mandamento é uma verdadeira lição de como os pais devem educar seus filhos para que no amanhã não venham “Ihe tirarem a vida” ou o que seria pior “perder a alma”<sup>325</sup> Desse modo, os pais devem dar o bom exemplo para que seu

<sup>319</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 224.

<sup>320</sup> MACIEL 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 227-228.

<sup>321</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 345-346.

<sup>322</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 257-258.

<sup>323</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 282.

<sup>324</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 1285-286.

<sup>325</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 297.

filho caminhe no bem, sempre espelhando no mestre Jesus Cristo que “venceu e convenceu os pecadores com o bom exemplo.”<sup>326</sup>

No quinto, Conselheiro alerta-nos que devemos amar o próximo incondicionalmente, pois amar aqueles que lhe fazem o bem é fácil, porém é preciso olhar e amar também pelos inimigos. Citando São Paulo aconselha: “Vencemos o mal com o bem.”<sup>327</sup> O pregador utiliza ainda o livro sagrado dando maior credibilidade às suas palavras: “amai vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos [maltratam e] perseguem... Se amais somente os que vos amam, que recompensa tereis?”<sup>328</sup>

O discurso sobre o sexto mandamento de Conselheiro é uma advertência àqueles que vivem amancebados para que procurem a conversão, pois este pecado pode levar o homem ao inferno<sup>329</sup>. Em seu discurso o pregador demonstra, assim como no segundo mandamento, uma tendência típica do barroco na literatura - o conceptismo, muito utilizada pelo Pe. Antônio Vieira no século XVII em seus famosos sermões. Na certeza da brevidade da vida e de que a morte é certa, o fiel que deseja participar da vida eterna precisa converter-se, arrepender-se de seus pecados e buscar sua salvação. E esclarece:

Permitiu Deus que a vida do homem fosse breve, para que ele nem com as prosperidades se ensoberbecesse, vendo o pouco tempo que as havia de gozar, nem com as adversidades perdesse o ânimo vendo que em breve haviam de acabar e para que se resolvesse a mortificar-se em viver conforme os preceitos divinos, tendo por grande virtude os trabalhos de uma breve vida, *os gozos da eterna glória, onde deve ter o pensamento e o coração [...]* E assim não há no homem firmeza nem estabilidade, que por muito tempo dure. O homem deve, pois, *resolver-se definitivamente sobre sua conversão*; porque não sabe a hora em que a morte o arranque do leito.<sup>330</sup>

No sétimo, Conselheiro reforça a ideia de que o furto é uma “ofensa terrível”<sup>331</sup> e alerta aos esquecidos de que “o agravo que se faz a Deus em furtar, perdoa-se por meio da confissão e penitência; o que se faz ao próximo, só se repara

<sup>326</sup> MACIEL, 1987 apud NOGUEIRA, 1978, p. 306.

<sup>327</sup> MACIEL, 1987 apud NOGUEIRA, 1978, p. 335.

<sup>328</sup> A BÍBLIA Sagrada, 2004, p. 1.289 (Cf.Mt 5, 44- 46).

<sup>329</sup> MACIEL, 1987 apud NOGUEIRA, 1978, p. 349.

<sup>330</sup> MACIEL, 1987 apud NOGUEIRA, 1978, p. 344-346.(grifos nosso)

<sup>331</sup> MACIEL, 1987 apud NOGUEIRA, 1978, p. 363.

com a restituição.”<sup>332</sup> Ademais, o pregador revela que há várias formas de furtar. Extraímos alguns exemplos:

Por esse mundo cometem-se furtos e roubos. Furta o negociante que oculta os defeitos da fazenda na vara, no côvado, no peso, na medida, misturam a bebida com água. Quando o objeto não tem pronta venda, deixa de vender para aproveitar a ocasião da falta, para exigir mais do por que pode vender. Aproveita-se da ignorância do vendedor e do comprador. O juro excessivo que exige daqueles que estão na precisão. O marido furta da mulher para gastar na taverna, no jogo e outros vícios. A mulher furta do marido para gastar nos luxos e vaidades. Os filhos furtam cousas de casa.<sup>333</sup>

Conselheiro orienta àquele que desrespeitou o mandamento, mas deseja a salvação de sua alma, a seguir o exemplo de Zaqueu que distribuiu todos os seus bens aos pobres e àquele que por ventura tenha defraudado ele pagou quadruplicado.

O oitavo mandamento volta-se para o difamador da honra alheia. Não há ofensa maior do que um homem ouvir que dele se “fala mal, diminuindo-se-lhe o crédito e a honra”.<sup>334</sup> E, para exemplificar melhor a relevância desse mandamento o pregador argumenta:

Diz São Basílio que o silêncio é a escola onde se aprende a falar acertadamente. São Paulo, admoestando aos faladores e curiosos de darem novas, disse: Que tratassem de suas vidas trabalhando em silêncio. Que irreparáveis danos faz a língua, quando levanta um falso testemunho na honra, crédito ou fama do próximo. E como vos parece coisa leve, não fazeis caso disso. Sendo que sem só desdizer e satisfazer não é possível perdão; porque como é um dano de terceiro, enquanto este não está satisfeito, não assenta o perdão ou absolvição, ainda que se confesse com dor e arrependimento.[...] Porque não há cousa que mais nos faça distrair do que semelhantes conversações, desnecessárias para o bem espiritual.<sup>335</sup>

No nono, o Peregrino aconselha as mulheres a respeitarem seus esposos e nunca caírem em tentação a ponto de cometerem adultério, mesmo em caso de ameaça de morte, pois é um erro gravíssimo: “a Deus e ao próximo. Todos devem fugir deste pecado. Porque se bem considerasse um homem e uma mulher o dano

<sup>332</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 370-371.

<sup>333</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 376-378.

<sup>334</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 383.

<sup>335</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 398,399,401.

que resulta desta culpa, por ser irreparável, nunca o havia de cometer pelos estragos, mortes e desamparo dos filhos.”<sup>336</sup>

E, no décimo mandamento, o pregador inicia sua prédica com as palavras de São Paulo dizendo que a cobiça às coisas alheias é “a raiz de todos os males.”<sup>337</sup> Para ilustrar seu discurso Conselheiro lembrou os fiéis da importância da oração do Pai Nosso para proteger da tentação que nos rodeia:

E naquelas palavras do Padre Nosso nos deixou Nosso Senhor Jesus Cristo que peçamos a Deus que não nos deixe cair em tentação, mas livrenos do mal. Amém. Quem se não quiser achar afligido de pensamentos desonestos tenha os olhos castos e faça concerto com eles de não olhar o que lhe não é lícito desejar.<sup>338</sup>

Os dez mandamentos eram tidos pelos belomontenses como leis a serem seguidas, respeitadas. Conselheiro exigia o cumprimento já que ali não vigorava as leis da República. Para Otten “as prédicas sobre os mandamentos são muito caracterizadas pela necessidade de o homem nutrir o temor de Deus. Mesmo assim o amor de Deus e o amor a Deus permanecem presentes. Para o Peregrino é este amor que salva o homem.”<sup>339</sup> Era o desejo da salvação que motivava o povo de Belo Monte a praticar o bem e a evitar o mal.

### 3.3.3 Terceira parte – Textos Extraídos da Sagrada Escritura

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo<sup>340</sup>

Nesta parte cada reflexão inicia-se com uma citação do Evangelho ou outro texto em latim do Novo Testamento seguidos de comentários que nem sempre seguem uma sequência lógica para o leitor. A Bíblia Sagrada serviu para fundamentar a luta dos belomontenses e foi a mais importante fonte de inspiração de Conselheiro que copiou trechos do livro do Êxodo, Evangelho de São Mateus, partes das Cartas de São Paulo e do livro do Apocalipse de São João. Otten

<sup>336</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 404-405.

<sup>337</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 416.

<sup>338</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 424-425.

<sup>339</sup> OTTEN, 1990, p. 219.

<sup>340</sup> Saudação utilizada pelos conselheiristas.

acredita que Antônio Conselheiro não tinha o livro sagrado – a Bíblia, por isso transcrevia as partes que mais lhe interessava<sup>341</sup>.

Na abertura temos a anunciação do Anjo a Maria de que ela foi a escolhida para ser a mãe do Filho de Deus: “Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo.”<sup>342</sup> De acordo com as pregações de Conselheiro, Jesus veio ao mundo com a finalidade única de “trazer às almas o fogo do divino amor, e que não tinha outro desejo senão de ver esta santa chama acender em todos os corações dos homens.”<sup>343</sup> Destaca o sofrimento do Filho de Deus e sua entrega para a salvação da humanidade. A vida de sacrifício, sofrimento, pobreza e humildade de Jesus era o modelo a ser seguido por todos os que buscavam a salvação, pois viveu como homem para demonstrar a grandiosidade do amor divino para conosco. Jesus Cristo é a “luz do mundo” e aquele que o segue terá o “lume da vida”.<sup>344</sup>

Em seus escritos, Antônio Conselheiro ressalta a imagem do Filho do Criador como um ser bondoso, que não abandona o homem à própria sorte. O pregador alerta aos seus seguidores sobre a importância de seguir os ensinamentos cristãos, pois o “Filho do homem há de vir na glória de seu Pai com os seus anjos; e então dará a cada um a paga segundo as suas obras.”<sup>345</sup> Nota-se a ética de Conselheiro: cabe a cada um que deseja sua salvação viver segundo os ensinamentos do Mestre – Jesus.

[...] de todo Testamento Velho e Novo, e dos Santos Padres a quem venero como colunas da Igreja Católica Apostólica Romana e luz do Cristianismo, se vê a toda luz da verdade que o *Nosso Senhor Jesus Cristo é o verdadeiro Redentor e Salvador do gênero humano*. E por isso só a sua santa lei devem guardar irrepreensivelmente todos aqueles que se quiserem salvar: porque, além de ser mui verdadeira, são suaves os seus santos preceitos [...]<sup>346</sup>

Percebe-se claramente que o autor considera apenas a Igreja Católica como a única, a verdadeira, deixada pelo fundador, o próprio Cristo, para servir a todos que desejam desfrutar da vida eterna. Outro ponto em destaque nessa parte do manuscrito é a necessidade que o pregador tinha em frisar que “só Deus é a suma

<sup>341</sup> OTTEN, 1990, p. 219. (Otten acredita nessa hipótese especificamente porque Conselheiro transcreveu o Evangelho de Mateus).

<sup>342</sup> A BÍBLIA Sagrada, 2004, p. 1.346 (Cf. Lc 1, 28).

<sup>343</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 429.

<sup>344</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 450.

<sup>345</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 458-459.

<sup>346</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 474-475.(grifos nosso)

verdade e nunca falta no que prometeu”, pois Ele é o “Todo-Poderoso, por ser Senhor do céu e da terra”<sup>347</sup>.

Finalizando esta parte, Conselheiro tece elogios aos livros espirituais que contribuem para evangelizar e combater as forças do inimigo.

### 3.3.4 Quarta parte – Prédicas de Circunstâncias e Discurso

Para os pesquisadores esta é a parte mais elaborada das prédicas. Os discursos assemelham-se a homilias, aulas de catequese. Os sete temas trabalhados demonstram o seu interesse na escolha e na abordagem ao longo de suas pregações: a cruz, a missa, a confissão, as maravilhas de Jesus, a construção e edificação do templo de Salomão, o recebimento da chave da Igreja de Santo Antônio – Padroeiro de Belo Monte, a Parábola do Semeador, a República – a Companhia de Jesus, o casamento civil, a família imperial, a libertação dos escravos e uma despedida. Relatamos brevemente cada um deles.

A cruz é o símbolo de martírio, de sofrimento, de dor. Mas, também é o “instrumento de vida e vitória”.<sup>348</sup> Através da cruz estamos ligados com o Pai Criador, com o Filho Redentor e com a graça do Espírito Santo. Percebe-se a habilidade do pregador através de sua construção semântica voltada para a persuasão do ouvinte de que a cruz é o elo que une a criatura ao Criador. Para Otten, esta prédica “é uma das revelações mais autênticas da espiritualidade do Peregrino. Numa situação de grandes tribulações e confrontos escatológicos, ele interpreta o mundo pela cruz, tendo nela orientação e segurança que transmite aos seus”<sup>349</sup>.

Nas palavras de Conselheiro, o mistério da cruz pode ser comprovado através de três bênçãos divinas:

A primeira foi a da *natureza*, a segunda a da *graça* e a terceira há de ser no *fim do mundo*, quando em *corpo e alma* formos *gozar da bem-aventurança*. Todas as três nos mostrou Deus por figura e realidade, na criação do primeiro homem Adão, quando o fez em figura de Cruz: depois quando lhe infundiu a alma com os dotes da graça e ultimamente quando em companhia de Eva os abençoou em figura da ressurreição, em que haviam de ressuscitar. Estas bênçãos se veem lançar os papas, cardeais, bispos e todas mais pessoas constituídas em dignidade eclesiástica, no fim da missa

<sup>347</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 477.

<sup>348</sup> OTTEN, 1990, p. 222.

<sup>349</sup> OTTEN, 1990, p. 223.

e mais cerimônias da Igreja, quando abençoam o povo cristão, invocando nela as três Pessoas da Santíssima Trindade, que as formou e dirigiu para nosso bem.<sup>350</sup>

Na prédica seguinte, “Sobre a Missa”, Conselheiro faz um convite aos seus fiéis para participarem da missa, pois é o momento mais oportuno para se falar com Deus e para orar. É através dela que se “abate a soberba, combate a avareza, aplaca a ira e extingue a inveja”.<sup>351</sup> Além do que, “a missa é a melhor cousa e mais sagrada que Deus deixou à sua Igreja”<sup>352</sup> e, é nela, que se pode encontrar:

[...] para os aflitos alívio, para os tristes consolação, para os atribulados remédio, para os combatidos socorro, para os consolados esperança e toda mais paciência, fortaleza, graça por meio deste divino sacrifício se alcança porque é fonte, luz,<sup>353</sup> graça, indulgência para os vivos, e também para as almas do purgatório.

Na prédica sobre a confissão, Antônio Conselheiro seleciona os sacramentos da eucaristia e da penitência para fazer sua oratória. Revela que todo ser humano já traz consigo o germe do mal que o induz ao pecado, herança do pecado original. Desse modo, aquele que anseia pertencer ao grupo dos escolhidos do Pai Celeste é necessário confessar e participar da eucarística para ser perdoado. “A confissão é incontestavelmente necessária para a Salvação eterna.”<sup>354</sup> Para isso Jesus instituiu o sacramento da penitência, pois

Deus abandona os que escondem os crimes e perdoa aos que os acusam. Movido de compaixão a favor dos pecadores, instituiu Jesus Cristo o sacramento da penitência, que os regenera no sangue do cordeiro e os reveste da inocência primitiva<sup>355</sup>.

De acordo com o Peregrino, a confissão deve ocorrer ao menos uma vez por ano, pois é o único remédio para curar o pecado e combater a concupiscência. O sacramento do perdão representa aos oprimidos a certeza da misericórdia de Deus.

No trecho “sobre as maravilhas de Jesus”, Conselheiro induz seus seguidores a reconhecerem a magnitude do Filho de Deus. O pregador utiliza a passagem da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém para exemplificar a vida

<sup>350</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 498-500.(grifos nosso)

<sup>351</sup> OTTEN, 1990, p. 223.

<sup>352</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 509.

<sup>353</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 515-516.

<sup>354</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 525.

<sup>355</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 519-520.



peregrina: “foi o povo ao seu encontro e por onde quer que ele passava estendiam os seus vestidos no caminho”.<sup>356</sup> Otten observa que ao relatar a fala dos discípulos: “Bendito o reino que vem em Nome do Senhor, paz no céu e glória nas alturas,”<sup>357</sup> Conselheiro modifica “rei” por “reino” numa demonstração provável de “traços autobiográficos” e “como defesa contra os ataques dos invejosos.”<sup>358</sup> Isso porque “nas andanças pelo sertão, nas entradas e saídas das vilas, havia, muitas vezes, estas aclamações em louvor ao Bom Jesus e ao Conselheiro.”<sup>359</sup> Outro ponto em comum com a história de Jesus refere-se à simplicidade, à humildade do Filho de Deus por vir montado num jumento. Tal fato representa a missão de paz e seu significado, ou seja, de que no reino verdadeiro os valores reais não são os materiais.

No fragmento referente à “construção e edificação do templo de Salomão”, o Peregrino expõe com orgulho o grande número de fiéis empenhados na construção da casa dedicada a louvar ao Senhor. Sabemos que para Conselheiro a construção de igrejas é uma maravilha aos olhos de Deus e da religião católica. Hoornaert ressalta que:

A igreja é um reflexo terrestre do mundo divino. Torna esse conturbado mundo inteligível e até certo ponto aceitável, pois é lugar de real presença divina, o centro do mundo, onde tudo nasce. Suas pedras são cristalizadas de atividades celestes, sua torre eleva-se até a habitação de Deus. Antônio Vicente sonha com imensos espaços sagrados, imagina-se marchando em direção ao indizível através de uma geometria traçada por suas próprias mãos. O templo de Salomão é modelo de um mundo geométrico que o Beato atravessa em seus sonhos. A tosca igreja de pedra é a “cidade de Deus” da qual os cristãos são as pedras. É o horizonte de sua própria compreensão do mundo. A igreja define o mundo<sup>360</sup>.

Ademais, Salomão ao orar dedicando o grandioso templo como morada exclusiva do Senhor obteve a resposta do próprio Deus de que seus olhos e seu coração ali estariam sempre atentos para todos que lhe invocar.<sup>361</sup>

No texto “sobre o recebimento da chave da Igreja de Sto. Antônio, Padroeiro de Belo Monte”, Peregrino declara a todos que “concorreram com as suas esmolas e com os seus braços, podem estar certos que o Bom Jesus os recompensará

<sup>356</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 529.

<sup>357</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 529. (Cf. Lc 19, 38).

<sup>358</sup> OTTEN, 1990, p. 225.

<sup>359</sup> OTTEN, 1990, p. 225.

<sup>360</sup> HOORNAERT, 1998, p. 16.

<sup>361</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 536.

generosamente.”<sup>362</sup> E a todos os fiéis que trabalharam nesta maravilhosa obra devem se sentir satisfeitos pela “doce esperança de um dia serem participantes da sua glória, à vista do seu testemunho que demonstra o zelo religioso que tanto os caracteriza”.<sup>363</sup>

No trecho supramencionado, encontramos também a explicação do repúdio de Conselheiro em relação aos judeus, maçons, protestantes e republicanos, que “só acreditam na Lei de Moisés, espalhando doutrinas falsas e errôneas aos ignorantes, arrastando assim tantas almas para o inferno, além das perseguições que eles fazem à religião do Bom Jesus.”<sup>364</sup> Mais uma vez vemos aqui o alerta de Conselheiro aos seus seguidores: “Jesus é a única esperança da nossa salvação; fora dele não há salvação em parte alguma.”<sup>365</sup> E, finalizando a prédica, Conselheiro roga aos céus que os belomontenses saibam “agradecer cordialmente os benefícios que acabam de receber do Bom Jesus, que é uma prova que atesta do modo mais significativo os tesouros da sua infinita bondade e misericórdia”<sup>366</sup>.

Na visão de Otten, na prédica que narra a parábola do semeador Conselheiro relaciona sua própria vida com a de Cristo:

Como Jesus, o penitente anuncia a palavra de Deus, mas são, no fundo, poucos que a ouvem. Aos seus foi concedido conhecer os mistérios do Reino, mas há muitos outros que vendo não vêem. A alguns o diabo tira a palavra para assim não se salvarem; há outros que em tempo de tentação voltam atrás; outros ainda que ficam sufocados pelos cuidados do mundo, pelas suas riquezas e pelos seus deleites; e os últimos, porém, ouvem a palavra com coração bom e dão fruto pela paciência. É um balanço da vida do peregrino. É tempo de anunciar a palavra de Deus, mas os frutos da pregação não são muitos. No entanto, pode se consolar com Jesus. O Mestre não teve sorte melhor.<sup>367</sup>

Como Jesus, Conselheiro acolhe em Belo Monte os oprimidos, os miseráveis, aqueles que não têm como retribuir – os pobres, os aleijados, os coxos e cegos.

Na prédica intitulada “Sobre a República” Conselheiro trata de assuntos diversos: a Companhia de Jesus, que foi proibida na tentativa de acabar com a religião; o casamento civil, que é uma ofensa gravíssima pois somente a santa mãe Igreja tem o poder dado por Nosso Senhor Jesus Cristo de “unir duas almas

<sup>362</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 540.

<sup>363</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 540.

<sup>364</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 548.

<sup>365</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 548-549.

<sup>366</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 553.

<sup>367</sup> OTTEN, 1990, p. 228.

em um corpo;<sup>368</sup> a expulsão da família imperial, algo inaceitável visto que fora legitimamente constituída para governar o Brasil; a libertação dos escravos, a princesa Isabel que não fez mais do que cumprir a ordem dos céus; a República, principal alvo a ser combatido pois ela é o “demônio que quer acabar com a fé da Igreja”<sup>369</sup>, o “Anticristo” que vem tentando acabar com as coisas de Deus, mas aqueles que “impugnarem a República” dando brilhante “prova da religião”<sup>370</sup> serão recompensados, já que a República não fora constituída através da vontade divina. Assim,

A república há de cair por terra para confusão daquele que concebeu tão horrorosa ideia. Convençam-se, republicanos, de que não hão de triunfar porque a sua causa é filha da incredulidade, que a cada momento, a cada passo está sujeita a sofrer o castigo de tão horroroso procedimento.<sup>371</sup>

Por fim, temos uma emocionante “despedida”. Nela Conselheiro sintetiza toda a sua preocupação enquanto humilde seguidor do exemplo de Cristo: a glória eterna que todos poderão alcançar um dia desde que se convertam verdadeiramente, prêmio “ardentemente” desejado por ele para si próprio e para todos os que ouvirem e seguirem a palavra de Deus. O Peregrino pede perdão se porventura ofendeu alguém com suas palavras rígidas ao combater a “maldita república, repreendendo os vícios e movendo o coração ao santo temor e amor de Deus.”<sup>372</sup> De forma comovente prossegue sua despedida:

É chegado o momento para me despedir de vós; que pena, que sentimento tão vivo ocasiona esta despedida em minha alma, à vista do modo benévolo, generoso e caridoso com que me tendes tratado, penhorando-me assim bastante! São estes os testemunhos que me fazem compreender quanto domina em vossos corações tão belo sentimento! Adeus povo, adeus aves, adeus árvores, adeus campos, aceitai a minha despedida, que bem demonstra as gratas recordações que levo de vós, que jamais se apagarão da lembrança deste peregrino, que aspira ansiosamente a vossa salvação e o bem da Igreja. Praza aos céus que tão ardente desejo seja correspondido com aquela conversão sincera que tanto deve cativar o vosso afeto.<sup>373</sup>

<sup>368</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 605.

<sup>369</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 602.

<sup>370</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 562.

<sup>371</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 615-616.

<sup>372</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 625-626.

<sup>373</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 627-628.

### 3.4 A FORÇA DO DISCURSO DE ANTÔNIO CONSELHEIRO

Seguindo um caminho novo, mostrando a luz da verdade,  
Incutia entre o seu povo, amor e fraternidade  
Em favor do bem comum, ajudava a cada um  
Foi trabalhador e ordeiro, derramando o seu suor.  
Foi ele o líder maior do nordeste brasileiro.<sup>374</sup>

Diz Euclides da Cunha: “Ele ali subia e pregava. Era assombroso, afirmam testemunhas existentes. Uma oratória bárbara e arrepiadora, feita de excertos truncados de Horas Marianas, desconexa, abstrusa [...] misto inextricável e confuso de conselhos dogmáticos.”<sup>375</sup>

Os textos de Antônio Conselheiro provocam no leitor de Os Sertões reflexões instigantes. Contrapondo a visão euclidiana, o que percebemos a partir da leitura dos manuscritos do Peregrino é um pensamento concatenado com os ensinamentos do catolicismo. É notório em suas prédicas um fio condutor coerente e coeso. São gramaticalmente bem estruturados e o seu conteúdo religioso nada comprova as acusações de que seu autor seja um “pietista ansiando pelo reino de Deus, prometido,” e “um heresiarca do século II em plena idade moderna.”<sup>376</sup>

É certo de que seus discursos defendem a obediência aos valores católicos tradicionais e até mesmo de que alguns fundamentos encontram-se desatualizados em relação aos cânones oficiais, como é o caso do direito divino dos reis, base de sua discordância do regime republicano. Mas, quanto à mensagem presente em seus textos, não há motivo para considerá-los “preceitos vulgares da moral cristã e de profecias esdrúxulas”<sup>377</sup>. O que notamos é uma prática religiosa construída a partir dos anseios de um povo sofrido que vê ressurgir nas palavras de Conselheiro a esperança de uma vida mais fraterna.

Segundo o linguista José Luiz Fiorin, em sua análise sobre “O discurso de Antônio Conselheiro sobre a República”, o Peregrino “não podia entender os jogos de poder praticados pela hierarquia para manter os privilégios da Igreja” e, por isso,

---

<sup>374</sup> Patativa do Assaré. Disponível em <http://www.vagalume.com.br/patativa-do-assare/antonio-conselheiro.html>

<sup>375</sup> CUNHA, 2009, p. 274.

<sup>376</sup> CUNHA, 2009, p. 278.

<sup>377</sup> CUNHA, 2009, p. 274.

“defendia valores abandonados pelos dirigentes eclesiásticos, mas coerentes com a cosmovisão católica.”<sup>378</sup>

No pensamento de Conselheiro era preciso combater o novo regime. O presidente da República estava sendo “movido pela incredulidade que tem atraído sobre ele toda sorte de ilusões, entende que pode governar o Brasil como se fora um monarca legitimamente constituído por Deus.”<sup>379</sup> Dando continuidade a tal argumento, Conselheiro dizia que aquele que não acreditava que “todo poder legítimo é emanção da Onipotência eterna de Deus”<sup>380</sup> estava cometendo uma grave ofensa e seria condenado. Aqueles que se aliaram à República estavam colocando em risco a existência da obra divina. Ademais,

o sossego do povo consiste em fazer a vontade de Deus e para obter-se a sua glória é indispensável que se faça a sua divina vontade. Corrobora-se melhor esta verdade pelo que diz Nosso Senhor Jesus Cristo (Mat., cap. 7, v. 21). Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus; mas sim o que faz a vontade de meu pai que está nos céus; esse entrará no reino dos céus<sup>381</sup>.

### E lembra aos belomontenses que se o próprio Jesus

[...] inocente, não tinha necessidade de sofrer ultrajes no seu maior grau, como diz Santo Tomás, e uma morte a mais amarga e dolorosa que podia dar-se aos homens, pois que o Salvador morreu na cruz sem o mais pequeno alívio, como diz São Lourenço Justiniano. É necessário que se sofra para obter a verdadeira felicidade, que é a glória de Deus. É necessário que se sustente a fé da sua Igreja<sup>382</sup>.

Em sintonia com o pensamento de Vasconcellos, é possível compreender que Conselheiro “convoca sua gente para o combate, não apenas contra os soldados das expedições sucessivas, mas contra o demônio e seus agentes, que querem destruir a Igreja.”<sup>383</sup>

As prédicas de Conselheiro apresentam um enfoque diferenciado do que pode ser compreendido do livro *Missão Abreviada*, considerado por muitos como sendo o de cabeceira do beato. “A meta e o objetivo do livro são a conversa e a

<sup>378</sup> FIORIN, José Luiz. *O discurso do Conselheiro*. In *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, 1980. n.5, p. 87. O autor sugere a leitura doutrinária emanada da Sé Romana. Ver as proposições 63, 73, 74, 53, 65 e 71 do Syllabus errorum e p. 6 da Encíclica Quanta cura.

<sup>379</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 564.

<sup>380</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 566.

<sup>381</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 569-600.

<sup>382</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 601-602.

<sup>383</sup> VASCONCELLOS, 2004, p. 316.

emenda dos pecados;” “a preocupação passa a ser a de como salvar a alma” e, por isso, “a vida no mundo é negligenciada, e concentram-se todos os esforços para alcançar o céu”.<sup>384</sup>

Fiorin sugere dependência de Conselheiro em relação ao livro *Missão Abreviada* e a reprodução de suas ideias fundamentais.<sup>385</sup> Para exemplificar utiliza uma expressão extraída da leitura marxista do evangelho de Marcos apontada no livro de Fernando Belo: “impotência política.”<sup>386</sup> Contudo Otten discorda do argumento de que o discurso de Conselheiro está atrelado a ideia de que a “*Onipotência Divina* condena o homem à passividade, conformismo e resignação.”<sup>387</sup> E justifica:

[...] É a Onipotência de Deus e a sua soberania sobre o mundo que movem o beato e tornam-se força motriz e modeladora de todo o movimento. A visão teológica da *Missão* em seu contraste ilustra bem a recuperação profética de Deus e da ação humana sob providência divina que o beato consegue. O Deus distante e pálido que ela pregava facilitou que a Lei de Deus se tornasse um inúmero de obrigações. De Deus como “sumo Legislador” emanam as leis que são impostas ao homem como se proviessem de fora. Elas são detalhadas e abrangentes, cerceando a atividade humana. A Lei de Deus é a soma das exigências e proibições divinas que imobilizam o homem. É o providencialismo passivo que marcou tanto o catolicismo popular. Com o Conselheiro, porém, observa-se que a Lei de Deus é preenchida pela grandeza das maravilhas de Deus. Chega Deus como Senhor da História em prodígios e benefícios e conseqüentemente a sua Lei se torna benéfica, sendo com razão chamada “Lei da graça,” expressão da bondade divina e de sua vontade de salvar os homens. Conselheiro tem a consciência de estar renovando e purificando a Lei de Deus.<sup>388</sup>

Otten ressalta que “Canudos não é fruto de impotência”<sup>389</sup> e para realçar seu argumento traz a “voz insuspeita”<sup>390</sup> de Marilena Chauí que interpreta Belo Monte como “resposta concreta de caráter religioso, articulada a transformações políticas na sociedade brasileira e percebidas como adversas para os fracos e desprotegidos.”<sup>391</sup>

<sup>384</sup> OTTEN, 1990, p. 274, 283.

<sup>385</sup> FIORIN, 1978 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p. 75.

<sup>386</sup> FIORIN, 1974 *apud* OTTEN, 1990, p. 359.

<sup>387</sup> OTTEN, 1990, p. 359. (grifo do autor)

<sup>388</sup> OTTEN, 1990, p. 361. (grifos do autor)

<sup>389</sup> OTTEN, 1990, p. 360.

<sup>390</sup> OTTEN, 1990, p. 360.

<sup>391</sup> CHAUI, 1986 *apud* OTTEN, 1990, p. 360-361.

Nota-se nos manuscritos de Conselheiro que “o beato empenha-se no antigo ideal cristão correspondente ao tempo escatológico que é o de criar uma Igreja santa, convertida e pura, pronta para acolher a vinda do Senhor.”<sup>392</sup>

O discurso do Peregrino não visava “uma salvação total, iminente, derradeira, terrena e coletiva”<sup>393</sup> Conselheiro não se colocava como o messias, nem tampouco o anunciador de uma nova era. Na literatura popular podemos encontrar o Peregrino como milagroso (Conselheiro já foi trunfo/Já fêz o morto vive/Porém hoje tá plantado/Nunca mais é de nascê);<sup>394</sup> mas o que realmente movimentou Belo Monte na época do confronto com as forças militares foi a convicção de Conselheiro que proclamava a todo seu povo “que Deus surge para manter a sua Lei e proteger os seus contra as hostes do Anticristo.”<sup>395</sup> Otten ressalta as palavras de Vilanova: “Conselheiro teve uma clarividência excepcional e não era homem de acreditar em bruxarias.”<sup>396</sup> Otten diz ainda que “a sua fé otimista contagiou muita gente e estimulou expectativas históricas ou messiânicas.”<sup>397</sup>

Em síntese, suas prédicas comprovam a posição de humildade, de semeador dos ensinamentos do bom pastor – Jesus Cristo. Através de seus manuscritos percebe-se uma prática religiosa coerente com sua vida peregrina. O Peregrino torna-se “o profeta escatológico que congrega um povo santo e puro que aguarda a vinda do Filho do Homem;” a vida em Belo Monte estava alicerçada na “igualdade e fraternidade, onde todos são iguais, sem distinção de fortuna, e colocam tudo em comum, sendo acolhidos e protegidos os mais miseráveis, onde reinam a paz, o perdão e a rejeição de violência – é sacramento e penhor da salvação eterna.”<sup>398</sup> A força do discurso de Antônio Conselheiro estava em viver conforme o Bom Jesus ensinou.

---

<sup>392</sup> OTTEN, 1990, p. 286.

<sup>393</sup> LEVINE, 1995 *apud* VASCONCELLOS, 2004, p. 326.

<sup>394</sup> CALASANS, 1959, p. 65.

<sup>395</sup> OTTEN, 1990, p. 299.

<sup>396</sup> MACEDO, 1964 *apud* OTTEN, 1990, p. 299.

<sup>397</sup> OTTEN, 1990, p. 299.

<sup>398</sup> OTTEN, 1990, p. 365.

## CONCLUSÃO

Que vínculo é esse que explica a relação dos conselheiristas com o Conselheiro? Movidos pela questão levantada por nosso ilustre Machado de Assis, este estudo buscou interpretar os fatos relacionados à história de Belo Monte (conhecida por muitos como Canudos), mais especificamente para a questão religiosa.

Compreendemos que Antônio Conselheiro não foi um mero fanático religioso que lutou contra o casamento civil e a cobrança de impostos, exigidos a partir da instauração do governo republicano.

Nas palavras do médico, político e escritor César Zama, a guerra de Belo Monte “foi o requinte de perversidade humana [...] O governo da União não se deu ao trabalho de inquirir de coisa alguma, esquecendo até o que ele devia à humanidade e às luzes do século.”<sup>399</sup>

Mas, certamente, foi um defensor da Igreja Católica que alimentava o sonho de construir uma comunidade cristã baseada nos ensinamentos do Bom Jesus. O líder de Belo Monte dedicou sua existência ao povo humilde. Tinha ciência de que “vida do homem neste mundo não é mais do que mera peregrinação”<sup>400</sup> e, por isso, viveu a “consolar, dar conselhos e orientar as miseráveis populações abandonadas”.<sup>401</sup> Em resumo:

Aquela gente havia encontrado a reparação ao seu passado sofrido: roubadas as suas propriedades, expulsos das suas terras pelo fisco, pelos policiais desalmados, pelas autoridades ou seus agentes arbitrários e maus, pelos políticos sem sentimentos humanos. Vítimas da brutalidade e do egoísmo encontraram a terra de Canaã, guiados pelo seu chefe, cuja palavra até então fora sempre um bom conselho.<sup>402</sup>

A vida em Belo Monte era fomentada pela religiosidade. “No seu ápice, governa a figura religiosa do ‘Padrinho’ e ‘Conselheiro’ assistido por ‘doze Apóstolos’ [...] há uma grande família sustentada pelo zelo e carinho do Padrinho que se encarregou do bem espiritual e material dos seus.”<sup>403</sup>

<sup>399</sup> ZAMA, 1899 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 10-11.

<sup>400</sup> MACIEL, 1987 *apud* NOGUEIRA, 1978, p. 345-346.

<sup>401</sup> NOGUEIRA, 1978, p. 8.

<sup>402</sup> NOGUEIRA, 1978, p. 12.

<sup>403</sup> OTTEN, 1990, p. 176.



Percebe-se logo de início que no universo conselheirista a sacralidade foi fator decisivo. A exemplo de Cunha, percorremos um caminho triádico. No capítulo I, buscamos conhecer o meio no qual se deram os acontecimentos vivenciados pelos belomontenses. No capítulo II, o desafio foi a tentativa de compreensão do papel exercido por cada integrante no desenrolar dos fatos. E, por último, no capítulo III, nosso olhar esteve voltado para o alicerce que deu sustentação a incrível resistência conselheirista no enfrentamento das forças militares da República.

Como nos fez entender Vasconcellos, avaliar todo o contexto que culminou na destruição do movimento é uma tarefa que perpassa pela leitura dos manuscritos deixados por Conselheiro. Conceituar o movimento como ação milenarista, messiânica, apocalíptica, sebastianista e outros termos que compõem uma dimensão religiosa é generalizar os fatos. É preciso ir além desses estereótipos para vislumbrar que essa história foi construída por lutas e manifestações distintas (política, econômica, social, cultural e religiosa). Através dos cadernos do Peregrino podemos identificar a mensagem religiosa do líder dos belomontenses. Seu carisma, sua pregação — tecida pelo teor bíblico x realidade — e seu exemplo de vida fez brotar a esperança adormecida nos corações ressequidos de um povo angustiado e sofrido.

Abre assim aos pequenos o caminho da salvação que estes, no estado de miséria, já pensavam ter perdido, e igualmente, a oportunidade de uma convivência fraterna, um bem-estar econômico e uma paz social até então não experimentados pelas populações sertanejas<sup>404</sup>.

A ausência de diplomacia do frei João Evangelista em restabelecer a paz durante a missão em Belo Monte, só fez comprovar a ineficácia das autoridades religiosas e seu distanciamento com a vida do povo nordestino sertanejo. O bom pastor, como ensinou o mestre dos mestres — Jesus Cristo, não abandona suas ovelhas à própria sorte. Como diz o poeta Almir Sater, é preciso “compreender a marcha” para seguir “tocando em frente.” Àquele povo que sabia mais do que ninguém que “é preciso a chuva para florir” não lhe foi permitido, de certo modo, escolher sua história. Mas, por outro lado, a resiliência e a garra registraram a força de um ideal.

---

<sup>404</sup> OTTEN, 1990, p. 363.

No período de 4 de novembro de 1896 a 5 de outubro de 1897 quatro expedições militares foram enviadas para apagar a história dos conselheiristas. As três primeiras expedições militares comandadas pelo governo do Estado foram derrotadas pelos conselheiristas. Somente na quarta com a intervenção do governo federal o arraial e seus moradores foram vencidos. Tal qual a destruição da cidade bíblica de Jerusalém, o então presidente da República, Prudente de Moraes, ordenou que não deixasse “pedra sobre pedra.”<sup>405</sup> A campanha de Belo Monte, até suas últimas consequências, marcou uma crueldade sem limites. A ponto de Cunha conchamar seus leitores a denunciar como “crime”, “ação severa das leis”, prova de verdadeira “charquada.”<sup>406</sup>

Temos ciência de que este estudo carece de maior aprofundamento, visto o enredamento que envolve a vida deste povo que foi covardemente tirada. A fé, a crença de uma existência menos miserável, certamente serviu para alimentar a esperança de que através do sagrado seria possível alcançar a salvação; convictos da necessidade de perseverar “para fazerdes a vontade de Deus e alcançardes os bens prometidos [...] e o que há de vir virá e não tardará [...] Não somos, absolutamente, de perder o ânimo para nossa ruína; somos de manter a fé, para nossa salvação!”<sup>407</sup>

---

<sup>405</sup> MONIZ, 1978 *apud* OTTEN, 1990, p. 198.

<sup>406</sup> CUNHA, 1981 *apud* OTTEN, 1990, p. 197-198.

<sup>407</sup> A BÍBLIA Sagrada, 2004, p. 1.535 (Cf. Hb 10, 35-39).

## REFERÊNCIAS

A BÍBLIA Sagrada. Trad. Monges Beneditinos de Maredsous. Rev. Frei José Pedreira de Castro. . 161ª ed. São Paulo: Ave-Maria, 2004.

ABDALA Jr., Benjamin, ALEXANDRE, Isabel M. M. (Orgs). *Canudos: Palavra de Deus, sonho da terra*. São Paulo: Boitempo, 1997.

ANDRADE, José Wilson. *A experiência religiosa e sociopolítica de Canudos: aspectos eclesiológicos da comunidade de Antônio Conselheiro*. (Dissertação de Mestre em Teologia). Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <<http://www.faculdadejesuita.edu.br/documentos/070812-nl0myEwO1RzHq.pdf>> Acesso em: 10 de out. de 2014.

ARAS, José. *Sangue de Irmãos*. Salvador: Museu Bendegó, 1953.

AZZI, Riolando. *A espiritualidade popular no Brasil: um enfoque histórico*. In: Grande Sinal Revista de Espiritualidade, ANO XLVIII. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. Riolando. *Elementos para a história do catolicismo popular*. In: Revista Eclesiástica Brasileira, v. 36, Fasc. 141, mar. 1976, p.119. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=s0102-01881997000200010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0102-01881997000200010)> Acesso em: 05 de jan. de 2014.

BARROS, Flávio de. *Fotografias da Guerra de Canudos, 1897*. Disponível em: <<http://www.girafamania.com.br/montagem/fotografia-brasil-guerra-canudos.htm>> Acesso em: 10 de maio de 2015.

BARTELT, Dawid Danilo. *Os custos da modernização: dissociação, homogeneização e resistência no sertão do Nordeste brasileiro*. In: Revista Canudos. Salvador: [s.n.], 1999, v.3, n.1.

BECHARA, Evanildo. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 1.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BENÍCIO, Manuel. *O rei dos jagunços: crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos*. In: AZEVEDO, Maria Silva. *O rei dos jagunços de Manuel Benício: entre a ficção e a história*. São Paulo: Edusp, 2003.

BENTO XVI. *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/compendium\\_ccc/documents/archive\\_2005\\_compendium-ccc\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/compendium_ccc/documents/archive_2005_compendium-ccc_po.html)>. Acesso em: 10 de out. de 2014

BERNUCCI, Leopoldo. *História de um malentendido: un estudio transtextual de La guerra del fin del mundo de Mario Vargas Llosa*. New York: Lang, 1989, p. 214.

BOFF, Leonardo. *Novas fronteiras da Igreja: o futuro de um povo a caminho*. Campinas: Versus, 2004.

BOMBINHO, Manuel Pedro das Dores. *Canudos, história em versos*. São Paulo:

Hedra / Imprensa Oficial do Estado / Edufscar, 2002.

BRUGER, Walter. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: EPU, 1977.

BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.  
In: Cabral, Joaquim. "Missão Abreviada": Da pobreza de uma teologia ao Estigma funesto de uma moral. Dissertação de licenciatura em Teologia Moral na Academia Afonsiana. Roma: Pontifícia Universidade Lateranense, 1986.

CALASANS, José. *Quase biografia de jagunços: o séquito de Antônio Conselheiro*. Salvador: Centro de Estudos Baianos/UFBA. 1986. Disponível em: <[http://josecalasans.com/downloads/quase\\_biografias/os\\_combatentes.pdf](http://josecalasans.com/downloads/quase_biografias/os_combatentes.pdf)> Acesso em: 10 de dez. de 2014.

\_\_\_\_\_. José. *Canudos não euclidiano*. Disponível em: <<http://josecalasans.com/downloads/artigos/33.pdf>> Acesso em: 20 de out. de 2014.

\_\_\_\_\_. José. *Canudos na literatura de cordel*. São Paulo: Ática, 1994.

\_\_\_\_\_. José. *No tempo de Antônio Conselheiro – Figuras e fatos da Campanha de Canudos*. Salvador: Editora da Universidade da Bahia, 1959.

\_\_\_\_\_. José. *O Relatório do Frei João Evangelista*. In: Universitas, nº 18, Bahia, Set-dez/1977. Disponível em: <<http://josecalasans.com/downloads/artigos/35.pdf>> Acesso em: 10 de abr. de 2015.

\_\_\_\_\_. José. *Belo Monte resiste*. In: Revista da Bahia. Salvador: [s.n.], 1997, n.22.

\_\_\_\_\_. José. *As mulheres de Os Sertões*. In: RINALDO, de Fernandes. *O Clarim e a oração: cem anos de Os Sertões*. São Paulo: Geração, 2002.

\_\_\_\_\_. José. *A Ciência das Religiões no espaço português*. Texto Publicado em 30 agos 2007. Disponível em: <<http://religare.blogs.sapo.pt/8162.html>>. Acesso em: 18 de fev. de 2015.

CAMPOS, Heber Carlos de. *A relevância dos credos e confissões*. Disponível em: <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME\\_II\\_\\_1997\\_\\_2/a\\_relevancia.....pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_II__1997__2/a_relevancia.....pdf)>. Acesso em: 13 de out. de 2014.

CARNEIRO, Leonardo Lima Vasconcelos. *Belo Monte: Religiosidade e luta no sertão semiárido*. (Dissertação de Mestre em Sociologia).. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2013. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/7738/1/2013-DIS-LLVCARNEIRO.pdf>> Acesso em: 05 de jun. de 2014.

CARVALHO, Meynardo Rocha de. *O beijo e a santa: devoção e sociabilidade nas minas do séc. XVIII*. Disponível em: <<http://www.descubraminas.com/Upload/Biblioteca/0000113.pdf>> Acesso em: 05 de out. de 2014.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11 ed. rev. atual. São Paulo: Global, 2002.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/cathechism\\_po/index\\_new/p1s2c1\\_198-421\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p1s2c1_198-421_po.html)> Acesso em: 02 de dez. de 2014.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <[http://vatican.va/archive/cathechism\\_po/index\\_new/p4s1cap2\\_2650-2696\\_po.html](http://vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p4s1cap2_2650-2696_po.html)> Acesso em: 18 de fevereiro de 2015

\_\_\_\_\_. 956. Disponível em: <<http://www.veritatis.com.br/apologetica/imagens-santos/555-a-intercessao-dos-santos>> Acesso em: 26 de mar. de 2015.

CHARTIER, Roger. *A história cultura: entre outras práticas e representações*. Rio de Janeiro: Lisboa, Difel / Bertrand do Brasil, 1990.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

CHRISTOPHER, Hill. *O mundo de ponta-cabeça: ideias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CÓDIGO de Direito Canônico. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici\\_po.pdf](http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf)> Acesso em: 05 de jun. de 2014.

COMBLIN, José. *Prolegômenos da catequese no Brasil*. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 27, n. 4, p.848, dez, 1967. Disponível em: <[http://www.unicap.br/tede//tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=730](http://www.unicap.br/tede//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=730)> Acesso em: 02 de nov. de 2014.

COMBLIM, José. *O povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2002

COSTA, Sergio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. São Paulo: Autêntica, 2008.

COUTO, José Gonçalves. *Missão Abreviada: para despertar os descuidados, converter os pecadores e sustentar o fruto das missões*. Porto: Typ. de Sebastião José Pereira [22ª ed.], 1878. Disponível em: <<http://purl.pt/14841/3/#/0>> Acesso em: 10 de mar. de 2015.

CRISÓSTOMO, São João. Disponível em: <[http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais\\_da\\_igreja/s\\_joao\\_crisostomo\\_vida\\_e\\_obra.html](http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais_da_igreja/s_joao_crisostomo_vida_e_obra.html)> Acesso em: 10 de fev. de 2015.

CRUZ, JOÃO EVERTON DA. *Frei Damião: a figura do conselheiro no Catolicismo Popular do Nordeste brasileiro*. (Dissertação de Mestre em Ciências da Religião). Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp150058.pdf>> Acesso em: 03 de jul. de 2014.

CUNHA, Euclides da. *Diário de uma expedição*. São Paulo: Companhia das Letras,

2000 (reportagens e telegramas enviados da Bahia e do campo dos combates entre julho e outubro de 1897; contém ainda dois artigos de Euclides sobre Belo Monte, intitulados “A nossa Vendéia”, de março a julho de 1897).

\_\_\_\_\_. Euclides. *Os sertões: campanha de Canudos*. Edição, prefácio, cronologia, notas e índices de Leopoldo M. Bernucci. 4 ed. rev. e ampl. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. (Clássicos comentados I)

DANIEL. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. Ed. pastoral. Brasília: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Edições Paulinas, 1990, p 1144-1147.

DELUMEAU, Jean. *Mil anos de felicidade: uma história do paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DOBRORUKA, Vicente. *Antônio Conselheiro, profeta do sertão?* Textos de História. Brasília: Revista do PPG História da UnB de Brasília, v. 5, n. 1, 1997.

DOBRORUKA, Vicente *História e revelação: Ensaio sobre apocalíptica, historiografia e história militar na Antiguidade*. Disponível em: <[http://www.middlepersian.org/downloads/ebook\\_hist\\_reve.pdf](http://www.middlepersian.org/downloads/ebook_hist_reve.pdf) Acesso em: 17 de fev. de 2015.

DOCTRINA CATÓLICA. O sinal da cruz. Disponível em: <http://www.catequisar.com.br/texto/materia/dout/lv01/04.htm> . Acesso em: 10 de out. de 2014.

DUARTE, Pedro Pereira; BOFF, Clodovis. *A Trindade Santa: modelos supremos da família como comunidade de amor*. Curitiba: Caderno Teológico da PUCPR, v.1, n.1, p.163-191, 2013. Disponível em: <[file:///C:/Users/Usuario/Downloads/teologico-12252%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/teologico-12252%20(1).pdf)> . Acesso em: 15 de nov. de 2014.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: A essência das religiões*. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FACO, Rui. *Cangaceiros e fanáticos*. 6. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira / Universidade Federal do Ceará, 1980.

FERNANDES, Rubem César. *Os cavaleiros do bom Jesus: uma introdução às religiões populares*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

FERRARO, Benedito. *Cristologia em tempos de ídolos e sacrifícios*. São Paulo: Paulinas, 1993.

FIORIN, José Luiz. *O discurso do Conselheiro*. In: Religião e Sociedade. Rio de Janeiro, 1980, n.5.

FONTES, Oleone Coelho. *No rastro das alpercatas do Conselheiro (Coletânea de textos conselheiristas e euclidianos)*. Salvador: Ponto & Vírgula Publicações, 2011.

FORMAN, Shepard. *Camponês: sua participação no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, Ano da última edição: , Biblioteca Virtual Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/FORMAN\_Camponeses\_no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 07 de fev. de 2015.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981, p.169.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 1997, v. 1.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *O império de Belo Monte: vida e morte de Canudos*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001. (História do povo Brasileiro)

GENOVESE, Eugene D. *A terra prometida: o mundo que os escravos criaram*. Rio de Janeiro: Paz e Terra / CNPQ, 1988.

GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. São Paulo: Paz e Terra, Edunesp, 1990.

GOMES, Plínio Freire. *Um herege no paraíso: cosmologia de um ex-colono condenado pela Inquisição [1680-1744]*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GUERRA DE CANUDOS. Disponível em: <<http://www.bv2dejulho.ba.gov.br/temp/bvftp/canudos/index.swf>> Acesso em: 15 de set. de 2014.

GUIMARÃES, Alba Zaluar. *Os movimentos 'messiânicos' brasileiros: uma leitura*. In: O que se deve ler em Ciências Sociais no Brasil. São Paulo: Cortez/Anpocs, 1986, p. 144-145.

HAUCK, João Fagundes et al. *História da Igreja no Brasil*. Segunda época, século XIX. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Uma visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HOORNAERT, Eduardo. *Verdadeira e falsa religião no Nordeste*. Salvador: Beneditina, 1972. – (col. E.P.N).

\_\_\_\_\_. Eduardo. *Formação do catolicismo brasileiro: 1550-1800*. 3.ed.Petrópolis: Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. Eduardo. *Os anjos de Canudos: uma revisão histórica*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. Eduardo. *Os anjos de Canudos: uma revisão histórica*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

IBÁÑEZ, José Abad. *La celebración del misterio Cristiano*. Pamplona: EUNSA, 1996.

JENNI Ernerst; WESTERMANN Claus. *Dicionário Teológico e manual del Antigo Testamento.Cristiandad*. Madrid:[s.n], 1978, v.1, col.353.

JORNAL DE NOTÍCIAS. Salvador, 30 ago. 1897. Trans. de Fortaleza: O Cearense, 1876.

KARNAL, Leandro. *Teatro de fé*. Representação religiosa no Brasil e no México do século XVI. São Paulo: Hucitec, 1998.

LABURTHE-TOLRA, Philippe; WARNIER, Jean-Pierre. *Etnologia-Antropologia*. Petrópolis: Vozes, 2003, 3ª edição.

LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004.

LEVINE, Robert M. *O sertão prometido: o massacre de Canudos no nordeste brasileiro*. São Paulo: Edusp, 1995.

LIBANIO, João Batista e BINGEMER, Maria Clara L. *Escatologia cristã*. Petrópolis: Vozes, 1985.

LOPES, Crisólito de Sousa. *O público e o privado : uma relação de poder na romaria ao Senhor do Bonfim de Araguacema no Tocantins*, 2007.(Dissertação de Mestre em Ciências da Religião. Universidade Católica de Goiás, 2007. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp058084.pdf>>. Acesso em: 15 de nov. de 2014.

LOPES, José Rogério. In: *De Conselheiro a Gentileza: o messianismo como ruptura das estruturas sociais do cotidiano*. Rio Grande do Sul: Unisinos, volume 43, número 3, set/dez 2007. Disponível em: <[revistas.unisinos.br/index.php/ciencias\\_sociais/article/view/5672/2877](http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/5672/2877)>. Acesso em: 10 de mar. de 2015.

LOPES, Marcos Antônio. *O direito divino dos reis: para uma história da linguagem política no antigo regime*. Revista Síntese Nova Fase, v.19, n.57, 1992, p. 223-248. Disponível em:< <http://faje.edu.br/periodicos2/index.php/Sintese/article/viewFile/1541/1892>> Acesso em: 02 de jul de 2015.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *A Igreja católica no Brasil República*. São Paulo: Paulinas, 1991.

MACEDO, José Rivair; MAESTRI, Mário. *Belo Monte: uma história de guerra de Canudos*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

MACEDO, Nertan. *Memorial de Vilanova*. 2.ed. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1964.

MARCONI, Marina de A.; PRESOTO, Zélia M. N. *Antropologia: uma introdução*. 7.ed. – 3 reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros Textuais: definição e funcionalidade*. In:



DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARTINS, Antonio C. G. *A chacina de Canudos: por um exército sem distintivos e sem fardas (segundo Euclides)*. São Paulo: All Print Editora, 2011.

MELLO, Frederico Pernambuco de. *A guerra total de Canudos*. São Paulo: A Girafa, 2007.

MENDES, Bartolomeu de Jesus. *Formação cultural e oratória de Antônio Conselheiro*. Salvador: BDA-Bahia, 1997, p.35, nota 52.

MENEZES, E. Diatahy B. de; ARRUDA, João (Orgs.). *Canudos: as falas e os olhares*. Fortaleza: Edições UFC, 1995.

MILTON, Aristides Augusto. *A campanha de Canudos*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003.

MONIZ, Edmundo. *Canudos: a guerra social*. 2 ed. Rio de Janeiro: Elo, 1987.

MONTE MARCIANO, João Evangelista. *Relatório apresentado, em 1985, pelo reverendo frei João Evangelista de Monte Marciano, ao Arcebispado da Bahia, sobre Antonio Conselheiro e seu séquito no arraial dos Canudos*. Tipografia do Correio da Bahia, Salvador, 1985 (edição fac-símile pelo Centro de Estudos Baianos, 1987).

MONTEIRO, Duglas T. *Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado*. In: FAUSTO, Boris. (dir) *História Geral da Civilização Brasileira*, tomo III: O Brasil republicano, 2º vol. Sociedade e instituições (1889-1930). Rio de Janeiro (São Paulo), 1978.

MONTENEGRO, Abelardo F. *Fanáticos e cangaceiros*. Fortaleza: Henrique Galeno, 1973.

NOGUEIRA, Ataliba. *Antônio Conselheiro e Canudos: revisão histórica*. São Paulo: Nacional [Brasiliense, v. 355], 1974.

\_\_\_\_\_. Ataliba. *Antônio Conselheiro e Canudos*. São Paulo: Atlas, 1997, p. 193.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *A bíblia dos primeiros protestantes no Brasil*. São Bernardo do Campo: Estudos de Religião, 1998, n.14.

NOVAES, Adauto (Org). *A descoberta do homem e do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *Análises antropológicas do fenômeno religioso*. Universidade Católica de Brasília, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.ucb.br/sites/000/14/AnalisesAntropologicasdoFenomenoReligios.pdf>>. Acesso em: 10 de nov. de 2014.

OLIVEIRA, Pedro de Assis Ribeiro de. *Religião e dominação de classe: gênese,*

estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1985.

OTTEN, Alexandre. *Só Deus é grande: a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro*. São Paulo: Loyola, 1990.

\_\_\_\_\_. Alexandre. *A influência do ideário religioso na construção da comunidade de Belo Monte*. In: Especial Canudos. Rev. FAEEBA, 2a ed., jan./jun. 1995. Disponível em: <<http://www.uneb.br/revistadafaeeba/files/2011/05/especialcanudos.pdf>> Acesso em: 07 de abr. de 2015.

PARAISO, Maria Hilda Baqueiro. *Terra de dor e trabalho. A conquista dos territórios indígenas dos sertões do leste*. São Paulo: Felch, 1998.

PARRA, Alberto. *Os ministérios na Igreja dos pobres*. São Paulo: Vozes, 1991.

PEREGRINO, Artur. *A Voz do Sangue que Clama da Terra: 500 Anos da Evangelização e a Terra Cativa*. Recife: Mimeo, 1992.

\_\_\_\_\_. Artur. *Canudos: um ritual de passagem para um final de mundo*. In: Estudos Bíblicos. Petrópolis: Vozes, 1998, n.59.

\_\_\_\_\_. Artur. *O sertão das religiões: o caso de Canudos*. In: Revista Eletrônica em Ciências da Religião – UNICAP. Recife: PARALELLUS, Ano 2, n. 4, jul./dez. 2011, p. 157-166. ISSN: 2178-8162. Disponível em: <[www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/download/195/189](http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/download/195/189)> Acesso em: 11 de mar. de 2015.

PEREIRA, José Carlos. *A eficácia simbólica do sacrifício: Estudo das devoções populares*. São Paulo: Arte e Ciência, 2001.

\_\_\_\_\_. José Carlos. *A linguagem do corpo na devoção popular*. In: Revista de Estudos da Religião, 2003. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/rever/rv3\\_2003/p\\_pereira.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv3_2003/p_pereira.pdf)> Acesso em: 13 de out. de 2014.

PERES, Fernando da Rocha; GALVÃO, Walnice Nogueira. *Breviário de Antônio Conselheiro*. Salvador: Edufba, 2002.

POMPA, Maria Cristina. *Memórias do fim do mundo: para uma leitura do movimento sócio-religioso de Pau de Colher*. Campinas [s.n.], 1995.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. 2 ed. rev. e aum. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

REHFELD, Walter I. *Tempo e religião*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

REVISTA VEJA. Cheiro de pólvora. São Paulo: Abril, 1896. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/historia/olimpiada-1896/tensao-canudos-antonio-conselheiro.shtml>>. Acesso em: 12 de abr. de 2015.

RICHARD, Pablo. *A espiritualidade da Igreja dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1989.

RODRIGO, Lacerda. *Sobrevoando Canudos*. In: ABDALA Júnior, Benjamim; ALEXANDRE, Isabel (Orgs): *Canudos: palavra de Deus, sonho da terra*. São Paulo: SENAC e Boitempo, 1997.

RODRIGUES, Nina. *A loucura epidêmica de Canudos: Antônio Conselheiro e os jagunços & A loucura das multidões: nova contribuição ao estudo das loucuras epidêmicas no Brasil*. In: *As colectividades anormais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939, p.50-152.

\_\_\_\_\_. Nina. *As Coletividades Anormais*. Brasília: Senado Federal, 2006, vol. 76. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/188307/As%20Coletividades%20Anormais.pdf?sequence=3>> Acesso em: 20 de . de 2014.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostalismo: Brasil e América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1994.

SAMPAIO, Consuelo Novais. *Canudos: a construção do medo*. In: SAMPAIO, Consuelo Novais (org.) *Canudos: cartas para o barão*. São Paulo: Edusp, 1999.

SILVA, Rogério Souza. *Antônio Conselheiro: a fronteira entre a civilização e a barbárie*. São Paulo: Annablume, 2001. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=5tbRYDG95d0C>> Acesso em: 10 de out. de 2014.

TAVARES, Odorico. *Canudos: cinquenta anos depois (1947)*. Salvador: Fundação Cultural do Estado, 1993.

TORRES-LONDOÑO, Fernando. *A outra família: concubinato, Igreja e escândalo na colônia*. São Paulo: Loyola, 1999.

VAINFAS, Ronaldo. *A Heresia dos Índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. Ronaldo. *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

\_\_\_\_\_. Ronaldo; SOUZA, Juliana Beatriz. *Brasil de todos os santos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

VARAZZE, Jácopo de. *Legenda Áurea: vida de santos*. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica de Hilário Franco Júnior. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

VASCONCELLOS, Pedro Lima. *Terra das promessas, Jerusalém maldita: memórias bíblicas sobre Belo Monte (Canudos) - (Tese de Doutor em Ciências Sociais)*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

VILLA, Marco Antonio. *Canudos: o povo da terra*. São Paulo: Ática, 1995.

VON RAD, Gerthard. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Aste, 1973, v.1.

WILLISTON, Walker. *História da Igreja Cristã*. Rio de Janeiro e São Paulo: JUERP / ASTE, 2.ed., 1980, vol. 1.

## **ANEXOS**

**ANEXO: A - FOTOS DE FLÁVIO DE BARROS, 1897**



Foto 1 - Mulheres, crianças e idosos prisioneiros da guerra.



Foto 2 – Igreja de Santo Antônio ( Igreja Velha de Belo Monte).





Foto 3 – Ruínas da Igreja Nova (Igreja de Bom Jesus)



Foto 4 - Corpo de Antônio Conselheiro. Supostamente o beato morreu de disenteria, antes do combate final. Seu corpo foi exumado e sua cabeça foi cortada e levada para análise. Mas, no dia 3 de março de 1905 , um incêndio na antiga Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus, em Salvador (BA), destrói a cabeça de Antônio Conselheiro, que lá se encontrava desde o final da guerra de Canudos, em outubro de 1897.

## ANEXO: B - REGISTRO DA VISITA À TERRA DOS CONSELHEIRISTAS:

### BELO MONTE

Fotos do Parque Estadual de Canudos, mantido pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB



Foto 5 - Entrada do Parque Estadual de Canudos-BA, cenário de diversas batalhas e combates durante a guerra. O Parque Histórico de Canudos é uma reserva ecológica e histórica com área de 1.300Ha.



Foto 6 - Painéis de vidro ilustram a história: Antônio Conselheiro.





Foto 7 - Painéis de vidro ilustram a História: Antônio Conselheiro e seu séquito.



Foto 8 - Painéis de vidro ilustram a História: vida peregrina.





Foto 9 - Painéis de vidro ilustram a História: soldado representando a guerrilha militar.



Foto 10 - Vale da Morte: local destinado para depositar os mortos, vala comum, no combate.





Foto 11 - Outeiro das Marias: local em que ficavam as mulheres orando. O nome é uma alusão às dores das Marias.



Foto 12 - Outeiro das Marias: retratos demonstrativos dos sofrimentos das mulheres conselheiristas.





Foto 13 – Ossos humanos ainda são visíveis no Parque Estadual de Canudos.



Foto 14 – A vegetação de Canudos resume-se a mandacarus e pau-de-rato; ao fundo, o açude de Cocorobó construído em 1969 e que, na época, represou as água do rio Vaza-Barris.





Foto 16 – Canudos: caatinga, sertão nordestino (local – Parque Estadual de Canudos).



Foto 17 - Solo do sertão nordestino (local – Parque Estadual de Canudos).





Foto 18 – Mandacaru (local – Parque Estadual de Canudos).



Foto 20 - "O Cruzeiro" (marcado de tiros da Guerra de Canudos).



Foto 21 – Oração e imagem de Cristo colada na parede marcam a religiosidade popular (casa típica do sertanejo no Parque Estadual de Canudos)





Foto 22 - Ruínas da Igreja Santo Antônio (Igreja Velha), visíveis com a estiagem.



Foto 23 - Ruínas da Igreja Santo Antônio (Igreja Velha), visíveis com a estiagem.





Foto 24 - Projéteis dos tempos de guerra ainda são achados no local.



Foto 25 - Objetos registram os vestígios da saga conselheirista, e ainda são encontrados na atualidade no Parque Estadual da UNEB.





Foto 26 - Mirante de Canudos - Serra do Conselheiro, construído em 1998 pela Prefeitura Municipal de Canudos em convênio com o Ministério da Cultura.



Foto 27 - Painéis expostos na parede externa da atual Igreja de Santo Antônio, em Canudos.





Foto 28 - Painéis expostos na parede externa da atual Igreja de Santo Antônio, em Canudos.



Foto 29 - Painéis expostos na parede externa da atual Igreja de Santo Antônio, em Canudos.

